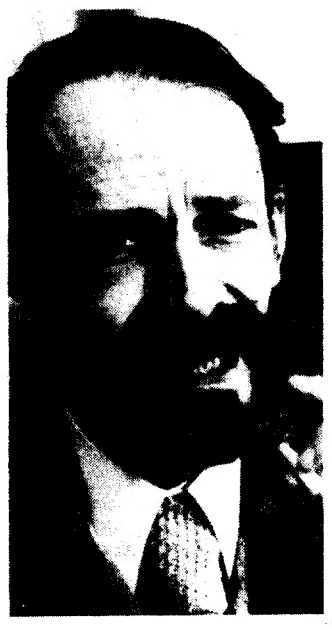
Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56/ N.º 19166 6$00

SEGUNDA-FEIRA 27 SETEMBRO 1976



O ministro da Agricultura confia em que as desocupações se farão sem drama

LOPES CARDOSO ENTREVISTADO PELO "D.L."

C.A.P. não passará

. Os dias quentes da Reforma Agrária, que alguns têm anunciado, poderão ser bem mais tranquilos do que se tem dito, como nos esclareceu o ministro da Agricultura e Pescas, eng.º Lopes Cardoso, em declarações que acaba de fazer ao «D. L.». Nesta entrevista Lopes Cardoso denuncia a manipulação que consiste em apresentar o processo de desocupação de terras como uma espectacular operação militar, e sublinha que o Governo conta com a compreensão e a colaboração dos próprios trabalhadores para realizar o programa, que se procura que venha a reforçar a Reforma Agrária, e não o contrário. De resto, o Governo fará cumprir a lei, nomeadamente por quantos se opõem à Reforma Agrária consagrada na Constituição.

Lopes Cardoso disse-nos ainda que o trabalho será garantido aos trabalhadores que venham a ser despedidos e denunciou por outro lado as manobras da C. A. P., e não só. Concretamente desmentiu o jornal «Expresso» quando este afirma que a Federação de Beja do P. S. não apoiaria Lopes Cardoso. O ministro da Agricultura e Pescas referiu-se, a propósito, às largas dezenas de telegramas de apoio à Reforma Agrária que lhe têm sido endereçados pelas organizações de base do P. S. — e até por organizações independentes.

Entretanto podemos assegurar que a posição do Governo em relação a Lopes Cardoso e à necessidade de se prosseguir a Reforma Agrária não sofreu qualquer alteração, continuando a ser aquela que já tem sido expressa pelo Primeiro-Ministro, nomeadamente quando declarou, no decorrer do programa «Pontos nos iis», que a Televisão transmitiu há dias: Mário Soares e o próprio Governo estão inteiramente ao lado do ministro da Agricultura e Pescas.

Mas parece que a C. A. P. ainda não o entendeu, pois no dia seguinte àquela declaração de Mário Soares a organização dos grandes proprietários continuava a fazer a distinção entre o Primeiro-Ministro e o ministro da Agricultura. Mas enfim, como nos afirmou Lopes Cardoso, isso é um problema da C. A. P. e dos que lhe estão por trás, e não o problema do ministro da Agricultura. Este ocupa-se hoje em levar a bom termo a desocupação das 101 herdades ocupadas pelos trabalhadores e não abrangidas pela lei, assim como em orientar os trabalhos que estão a decorrer no seu Ministério no sentido de se fazer um levantamento de todas as áreas expropriáveis, de maneira que essas expropriações se possam fazer de forma programada. Antes, porém, haverá expropriações pontuais, que possam ser determinadas por razões específicas. A C. A. P. não se engana no alvo, mas não passará.

(Pág. 5)

INSINUAÇÃO DO C.D.S.

P.P.D. prepararia coligação com P.S.

Enquanto se aguarda a promulgação do decreto com a Lei Eleitoral, que irá regulamentar as eleições para as autarquias locais, atraso que já foi classificado por Magalhães Mota «como um escândalo nacional», os diferentes partidos políticos reúnem-se ao mais alto nível para estudar a sua actuação nas próximas eleições.

O C. D. S. vai concorrer com listas próprias, anunciou o eng.º Amaro da Costa no final do Encontro da Comissão Política Nacional do seu partido, que se efectuou no Porto. Esta decisão só foi tomada pelos responsáveis «centristas» depois de o P. P. D. não ter aceite a apresentação de «listas conjuntas». Isto só pode significar que «o P. P. D. prepara, efectivamente, uma coligação governamental com o P. S.» — lê-se no comunicado final do C. D. S.

Apesar da recusa dos dirigentes do P.P.D. em se aliar ao C.D.S. para as eleições, o eng.º Amaro da Costa salientou que «as bases do P. P. D. desejam-na, e de uma forma muito viva».

Também os dirigentes do P. P. D. estiveram reunidos no Porto a fim de estudarem a estratégia eleitoral deste Partido.

«Esta sessão serviu» — disse Magalhães Mota — «para a análise pontual da situação, concelho por concelho, freguesia por freguesia.»

. Os dois partidos não deixaram de atacar as listas unitárias que se continuam a formar por todo o País.

A posição do P. S. desmente as insinuações do C. D. S. «Àqueles a quem uma certa desconfiança levou a afastarem-se do P. S. nas eleições para a Assembleia da República, lembramos que, como na altura prometemos, não fizemos alianças objectivas ou tácticas para a formação do Governo, cumprindo com o nosso compromisso» — lê-se num comunicado da Comissão Técnica Eleitoral Distrital do Porto do Partido Socialista. «Quanto muito, poderá haver independentes nas nossas listas que dêem garantias de fidelidade à política seguida.»

. Quanto à Frente Eeleitoral «Povo Unido», a «defesa da democracia a caminho do socialismo, reforço da unidade popular e defesa das conquistas consignadas na Constituição» são os princípios da comissão provisória do Porto, da qual fazem parte, entre outros, Ruy Luís Gomes, José Morgado, Denis Jacinto e Virgínia Moura.

O documento frisa que se deverá rejeitar «todo o sectarismo, ficando abertas à participação de cidadãos de vários sectores e correntes de opinião democrática». Por outro lado a adesão e apoio do MDP/CDE à Frente Eeleitoral «Povo Unido» foram mais uma vez reafirmados no decorrer do encontro que se realizou este fim-de-semana no Instituto Superior Técnico. Continuam a formar-se mais listas unitárias, como por exemplo em Vila Nova de Gaia, concelho da Maia e zona de Bonfim (Porto), Torres Vedras e Gondomar.

Finalmente também o Comité Central do MES esteve reunido no Porto. Analisando a situação política actual, considera que a «recuperação capitalista» preconizada pelo PS se fundamenta em duas ideias centrais: «a culpa da crise é dos trabalhadores e devem ser os trabalhadores a pagá-la».

Em relação aos grupos políticos que apoiaram a candidatura do general Otelo, o MES salienta que «é necessário ultrapassar as dificuldades, superar as divergências e derrotar as concepções incorrectas» com vista à criação do MUP — Movimento de Unidade Popular. Essas divergências verificam-se especialmente com a UDP e o PRP.

Greve geral no País Basco (Pág. 15)

Guerrilheiros pró-palestinianos enforcados na Síria

. BEIRUTE, 27 — (R. e «D.L.») — Três guerrilheiros palestinianos envolvidos no ataque desencadeado ontem contra o Hotel Semiramis, em Damasco, foram enforcados ao alvorecer de hoje, na praça que está em frente ao referido hotel. O ataque, no qual os guerrilheiros haviam feito 90 reféns para trocar por companheiros presos, terminou numa batalha a tiro com soldados sírios. O resultado do tiroteio foi de quatro hóspedes e um palestiniano mortos.

Antes de sequirem para a forca, os três palestinianos foram levados à Televisão. Aí disseram pertencer ao grupo denominado «Junho Negro», ramo da Fatah, e que lhes fora dada ordem para transferir a luta do Líbano para a Síria. Recorde-se que Junho foi o mês em que a Síria enviou tropas para o Líbano a fim de ajudar as forças direitistas a rechacarem os avanços das forças combinadas palestinianas e progressistas libanesas. A agência noticiosa síria diz que 34 reféns ficaram feridos durante o ataque

Entretanto, um informador da Fatah disse que esta organização nada tem a ver com o caso, que classificou de «deplorável», e que estas operações sempre têm sido denunciadas. Prometeu um comunicado pormenorizado onde será explicado o envolvimento de certos serviços secretos árabes na operação. Antes de morrer, os três homens disseram ainda que haviam entrado na Síria idos do Iraque.

RODÉSIA

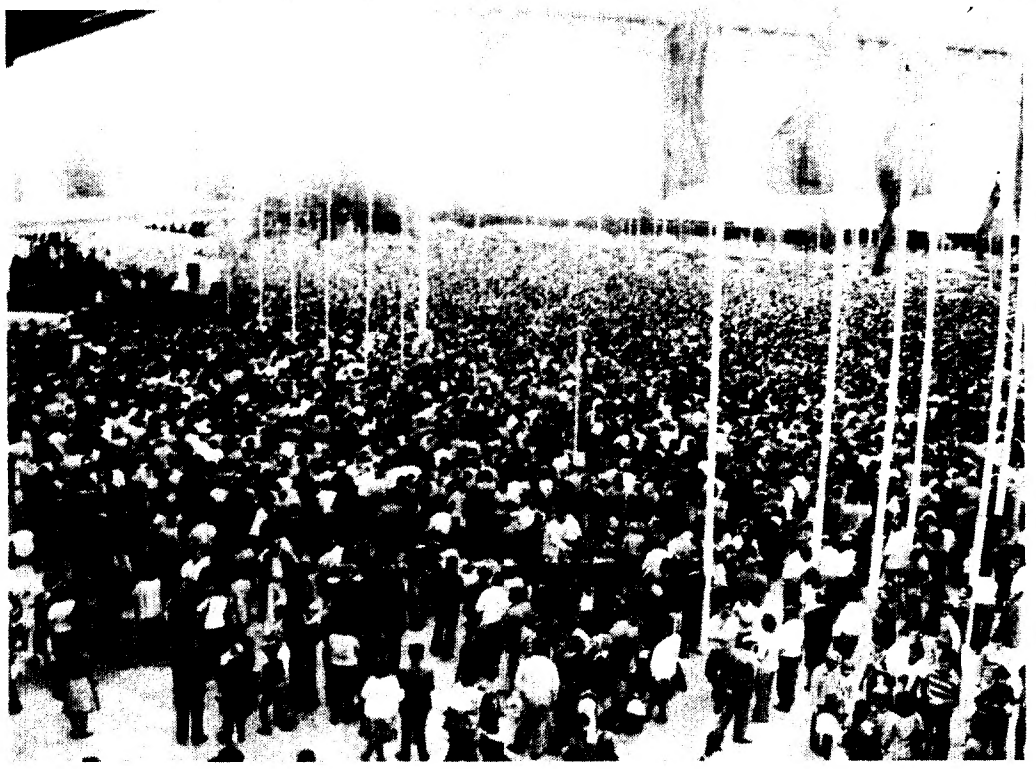
Cinco presidentes dizem "não" a Kissinger

. «Aceitar as propostas de Kissinger sobre a Rodésia significaria legalizar o regime colonialista e racista de Ian Smith» — esta a opinião dos presidentes negros que estiveram reunidos na Cimeira de dar-es-Salam quando decorria em Zurique o encontro Vorster-Kissinger para resolução dos problemas da África Austral. Os chamados países africanos da «linha de frente» — Tanzânia, Zâmbia, Moçambique, Angola e Botswana — exigem alterações importantes no plano aceite pelo primeiro-ministro rodesiano para que termine de uma vez para sempre o regime minoritário branco no país.

Fontes diplomáticas declararam que os cinco presidentes eram de opinião que a maneira como Smith via o plano anglo-americano «deixava demasiados poderes nas mãos dos brancos». Smith dissera sábado que o poder supremo (num governo interino para preparar um regime de maioria negra dentro de dois anos) seria detido por um Conselho de Estado com igual número de negros e brancos e um presidente branco não votante. Deu a entender que todas as discussões sobre o estabelecimento do go-

Continua na pág. 20

24 PÁGINAS



O largo fronteiro à F.I.L. ficou ontem pejado de público: parte do espectáculo decorreu ao ar livre

Cunhal falou na festa do "Avante"

. Um apelo à fraternidade e à unidade foi ontem feito na Feira Internacional de Lisboa pelo secretário-geral do P. C. P., Álvaro Cunhal, ao falar a dezenas de milhares de pessoas ali reunidas por motivo da festa do jornal «Avante», que o orador classificaria como «a maior, a mais extraordinária, a mais entusiástica, a mais fraternal e humana jamais realizada no nosso país». Três centenas de artistas de 22 países colaboraram na reunião, que se desdobrou por sete palcos no interior da F. I. L. e um oitavo no exterior. Abarcando todas as facetas do mundo do espectáculo, a festa não desdenhou o próprio fado.

(Pág. 7)

Nacional

Política de A a Z

BOMBISTA À SOLTA

O «suspeito» Abílio de Oliveira foi posto em liberdade por decisão do juiz instrutor. De Caxias a Santo Tirso, o «comendador» fez escala em Fátima. Em Santo Tirso foi recebido festivamente. Estamos perante uma especulação reaccionária (a passagem por Fátima) e uma afirmação do caciquismo reaccionário (a manifestação organizada à chegada do «comendador» a Santo Tirso). Estamos perante um desafio à «ordem democrática». Mas não deveremos cair no logro de reduzir a este caso do poderoso Abílio de Oliveira o escândalo público dos bombistas em liberdade, o escândalo público do terrorismo consentido. A libertação do «comendador» não deverá distrair-nos do andamento e destino deste processo em que estão à vista os que mandavam, os que financiavam, os que executavam, os que consentiam. O 1.º Governo Constitucional não poderá, sem grave desprestígio, dar o seu beneplácito, ou permitir com o seu silêncio, a conspiração tenebrosa que visa a ilibar de culpa os bombistas e a converter em suspeitos os investigadores civis e militares. A intriga contra o capitão Ferreira da Silva é de uma patente clareza. Clarissimas, também, as manobras para desactivar e moralmente desmobilizar a Polícia Judiciária. O dinheiro corre e correm as mentiras, as pressões, as ameaças, as sugestões de facilitação, as alusões a um «reviralho fascista». O Governo tem que tomar medidas, tem que assumir a responsabilidade plena da defesa da «ordem constitucional». Perante a defesa da «ordem constitucional» não poderão ser invocados pretextos ideológicos ou o risco de, no apuramento integral da verdade, serem atingidos «notáveis locais» ou altas posições da hierarquia civil, ou militar ou religiosa. Repudiamos qualquer operação de «caça às bruxas», mas consideramos imprescindível, perante um surto de destruições e de crimes pontuado de assassinatos, que as autoridades se empenhem na liquidação das actividades subversivas de um terrorismo reaccionário que desafia e ameaça a «ordem democrática». O Governo está perante um desafio O Presidente da República está perante uma responsabilidade.

HORIZONTE ELEITORAL

Não se dá um passo neste País sem pensar nas «eleições». As «eleições» condicionam a vida nacional, atrasam ou amoldam medidas necessárias e urgentes, confundem o ambiente político, adiam a clarificação inevitável. O Partido Socialista proclamou, de acordo com a sua decisão de «governar só», que iria às eleições para as autarquias com listas próprias. E enquanto, à «esquerda» do P. S., se apresentam forças coligadas em coligações divididas, à «direita» do P. S., a coligação que, segundo o engenheiro Amaro da Costa, era desejada pelas «bases» foi desaconselhada pelas «cúpulas». Com efeito, tanto o P. P. D. como o C. D. S. anunciaram que iriam às eleições para as autarquias com listas partidárias devidamente individualizadas.

Feitas as contas, poder-se-á pensar que a «direita» dividida oferece à «esquerda» dividida uma oportunidade de intervenção convergente e largas possibilidades locais e regionais. Mas, por outro lado, estamos na iminência de uma campanha eleitoral política, de umas eleições locais convertidas em disputa ideológica. E é bem possível, portanto, que a «direita» tenha na «base» um reflexo defensivo que obrigue as «cúpulas» a consentirem a unidade que, por razões menores, de momento repudiaram. Se, como não é impossível, os votos C. D. S. e P. P. D. se reunirem para conquistar solidariamente posições locais e regionais; e se as coligações da «esquerda», «Frente Povo Unido» e «M. U. P.» se desenvolverem, o Partido Socialista apresentar-se-á ao eleitorado não só «isolado», mas desfavorecido, eleitoralmente, pela própria circunstância de ser «o Governo».

A REFORMA AGRÁRIA

A batalha contra a «Reforma Agrária» vai deslocar-se dos campos e dos comícios para a Assembleia da República. Os «patriotas agrários» da CAP deram já o mote ou limitaram-se a revelar, por incontinência verbal, os planos do P. P. D. e do C. D. S. Pede-se que, a despeito da clareza das disposições constitucionais, a Assembleia da República discuta a «Reforma Agrária». O que realmente se pretende é, a pretexto de uma revisão parlamentar do processo em curso da «Reforma Agrária», contestar essa conquista dos camponeses e esse avanço social. A pretexto de reflexão ponderada e de reconsideração de excessos, pretende-se liquidar a «Reforma Agrária».

Também neste ponto, e por muito que pese aos que não suportam a expressão e recusam a realidade histórica, a defesa da «ordem constitucional» passa pela solidariedade convergente e actuante das forças democráticas sinceramente empenhadas na institucionalização da Democracia antifascista e na via socialista. A «Reforma Agrária» só será uma conquista irreversível, e uma garantia de justiça social e de pão para os camponeses, se as forças democráticas aceitarem a batalha de que depende o seu futuro desenvolvimento e a sua consolidação. Não falamos só de «legalidade» e de «ordem pública», falamos de apoio técnico, financeiro, logístico e no plano dos circuitos de distribuição e de comercialização. O Governo, e as forças democráticas e sindicais, terão que colocar-se ao lado da «Reforma Agrária», terão que se empenhar na defesa da «Reforma Agrária». Nos campos, em primeiro lugar, derrotando e desmistificando as manobras da reacção; em segundo lugar, na Assembleia da República, quando vier a ser desencadeada a ofensiva parlamentar contra essa conquista fundamental do «25 de Abril» que a Constituição consagrou.

MÁRIO SOARES EM VISEU

Portugal no Conselho da Europa para protecção do emigrante

Mário Soares esteve ontem de visita oficial em Viseu. O Primeiro-Ministro chegou ao aeródromo desta cidade a meio da tarde, falou depois em público na Praça da República, jantou seguidamente num hotel local, e, à noite, deslocou-se à Feira de S. Mateus onde inaugurou uma exposição de avicultura e cunicultura.

A receberem Mário Soares no aeródromo, o governador civil do distrito, Manuel de Almeida, o presidente do Município, Lino Moreira, outras autoridaddess locaisomitiva, de que fazia parte também o ministro Walter Rosa, era aguardada na Praça da República por milhares de pessoas que a saudaram. Mário Soares proferiu um discurso, falando da situação em que se encontram os trabalhadores em Portugal, das tarefas que se põem ao Governo e dos objectivos que a actual governação persegue, da recente entrada de Portugal para o Conselho da Europa, da situação agrícola e pecuária da região.

O Primeiro-Ministro, que falou de improviso, disse que cerca de três milhões de trabalhadores portugueses não viram ainda melhoradas as suas condições de vida; referia-se aos camponeses deste País. «Temos diante de nós um caminho que não é nada fácil porque a herança que nos foi legada é uma herança terrível» — disse depois, referindo-se às tarefas do Governo. Falou a seguir da «determinação» e da «vontade» com que «seremos capazes de arrancar para o desenvolvimento de Portugal rumo à Europa».

E referiu-se congratuladamente à recente integração de Portugal no conselho da Europa. «Isso demonstra que toda a Europa, hoje, reconhece que Portugal é um País prestigiado com instituições democráticas, e que vive à europeia» — disse. «Mas não se trata de uma distinção, o facto de nós termos entrado no Conselho da Europa. Trata-se de possibilitar aos portugueses que tiveram de se expatriar e que estão por esses países europeus a ganhar a vida mandando dinheiro para as suas famílias, a contribuir para desenvolvimento da riqueza nacional, trata-se de dar a esses portugueses esforçados (e o distrito de Viseu é um distrito de emigração — lembrou a propósito), condições de trabalho, de segurança social, e de dignidade nessas terras onde eles estão, iguais aos próprios nacionais. Foi isso que nós conseguimos entrando no Conselho da Europa.» Referindo-se à agricultura e à pecuária da região, Soares garantiu que essas eram preocupações do actual Governo.

Noutro passo da sua alocução, Mário Soares falaria do desmantelamento da rede bombista e da recente libertação de dois acusados. O Primeiro-Ministro garantiu que tal libertação não significa que se procure abafar a questão: trata-se somente, segundo disse, de uma táctica dos investigadores no sentido de levarem por diante as suas investigações.

À noite, Mário Soares esteve na Feira de S. Mateus, que percorreu, detendo-se especialmente na inauguração da exposição avícola e cunícola, e mantendo diálogo com os produtores acerca dos problemas da respectiva produção.

A visita do Primeiro-Ministro ao Norte prossegue hoje na região do Porto, onde Mário Soares fará diversas deslocações oficiais e deverá inaugurar uma unidade siderúrgica na vila da Maia.

TELEGRAMA AO PAPA

O Primeiro-Ministro do Governo português, Mário Soares, enviou um telegrama ao Papa Paulo VI, por ocasião da passagem do seu 79.º aniversário.

O texto do telegrama é o seguinte: «Por ocasião do aniversário de Vossa Santidade, rogo se digne aceitar os votos que formulo pela sua felicidade pessoal e a expressão do meu mais profundo respeito.»

REFORMA AGRÁRIA

Começam as desocupações

Inicia-se hoje, nos distritos de Évora, Beja, Portalegre, Santarém e Setúbal, o processo de desocupação das terras cujos proprietários ou rendeiros não se encontram abrangidos pelos limites fixados na lei. As herdades a desocupar totalizam 101, representando no seu conjunto, uma área de 10 mil hectares, um a dois por cento da área global das terras da Reforma Agrária.

Para ultimar pormenores e analisar problemas inerentes à agricultura nacional realizou-se no último sábado uma importante reunião no M. A. I., que contou com a presença dos ministros Costa Bras e Lopes Cardoso, subsecretários de Estado da Administração Interna, major Hugo Rocha, e da Comunicação Social, João Soares Louro, governadores civis dos cinco distritos em que vão ter lugar as desocupações, o comandante-geral da G. N. R. e ainda representantes dos Centros da Reforma Agrária daquelas regiões.

No final foi distribuído um comunicado em que se afirma a disposição do Governo de manter contactos com as partes interessadas, referindo que o programa hoje iniciado se executará durante todo o próximo mês e compreende, além da restituição das áreas não abrangidas pelos limites estabelecidos, «a concretização do direito de reserva e de nacionalizações e expropriações que, pelo seu carácter, se considerem prioritários».

O comunicado afirma ainda a deliberação de atribuir às autarquias locais, pela Direcção-Geral da Administração Regional e Local, do M. A. I., e através dos respectivos Governos Civis, as verbas necessárias à absorção imediata em obras de interesse local da mão-de-obra eventualmente disponível em consequência das restituições de propriedades. O texto refere-se igualmente à disposição de facilitar o recurso ao Crédito Agrícola de Emergência «àqueles que vão voltar a trabalhar as suas terras».

Segundo o comunicado, «não se regatearão esforços no sentido de se encontrarem soluções dialogadas para os problemas», afirmando-se que há «indicadores seguros de que será possível corrigir os erros cometidos sem tensões sociais ou alterações da ordem».

M.D.P. reuniu delegados nacionais

O M. D. P. /C. D. E. levou a efeito este fim-de-semana um encontro nacional de delegados para estudar a estratégia a seguir nas eleições para as autarquias locais nas quais aquele partido aparecerá integrado na Frente Eleitoral «Povo Unido», com o P. C. P.

No encontro, que se realizou no Instituto Superior Técnico, e juntou delegados de 16 dos 18 distritos do país, foram aprovadas moções sobre a libertação dos bombistas, dando poderes à Comissão Nacional para se avistar com o Presidente da República, o Conselho da Revolução e os ministros da Administração Interna e da Justiça, no sentido de se adoptarem as medidas que visem efectivamente o desmantelamento das redes.

Apoio da O.M.S. a Portugal

Chegou a Lisboa uma delegação da Organização Mundial de Saúde, que aqui procederá a um estudo da situação portuguesa no que jspeita a saneamento básico, devendo ainda elaborar um relatório com vista ao financiamento, neste sector, que será recomendado a organizações internacionais de financiamento.

Este estudo insere-se no plano de trabalhos de 1976 da OMS, em cooperação com o Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento.

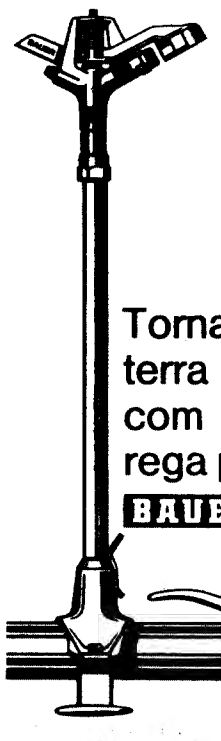
MAPLES

Compre no fabricante todos modelos

ESTOFOS REQUINTE

Av. Almirante Reis, 110

(Perto Pr. do Chile)



rega por aspersão

Tornar fértil terra improdutiva com rega por aspersão

BAUER

- Em Portugal, milhares de agricultores regam com BAUER.
- Todos os dias.
- BAUER conhece os solos de Portugal.

GUSTAVO CUDELL, LDA.

LISBOA 5 — Avenida do Brasil, 88 A/B
PORTO — Rua do Bolhão, 133
BEJA (delegação)
ELVAS (delegação)

Instalações de Rega por Aspersão

post-scriptum

CAP: as saudades do antigamente

A reaccionária campanha da Cap, sempre com larga cobertura de publicidade que nunca se concedeu aos trabalhadores e rendeiros, nem mesmo a algumas cooperativas de pequenos agricultores, não desarma nas suas virulentas diatribes contra os homens e as conquistas do 25 de Abril, que ficaram para sempre atravessadas na garganta de todos os casqueiros deste país. O que seria bom era o regresso ao **antigamente** das visitas ao Ribatejo do Tomaz, com os campinos perfilados e as orgias dos senhores feudais, com fado e touros. Que grandes noitadas!...

Entretanto, os Cap's não mudaram de táctica: losonja à direita para atacar à esquerda. Fogo de barragem por zonas. Agora insistem em Lopes Cardoso, pela sua firmeza de antifascista consequente, para vêr se repetem os êxitos passados do «desgaste sistemático». As ordens são para atacar em frentes bem delimitadas. Tudo clássico na estratégia da direita.

Há quem estranhe que sejam precisamente os proprietários mais privilegiados abfangidos pela lei das expropriações, os que «sangram em saúde»: são os parasitas intermediários que continuam a explorar o suor dos pequenos agricultores, são os «industriais» de grandes explorações agro-pecuárias que se viram isentos de milhares de contos de impostos sobre a indústria agrícola, são os negociantes e «industriais» que adulteram os nossos vinhos, são os senhores feudais que juntam aos seus largos réditos dos consultórios a abarrotar, numa medicina cada vez mais comercial, uma boas centenas de contos de pinheiros e eucaliptos (que já dão 500$00 por cada metro!), são os engenheiros-proprietários, os banqueiros e altos funcionários, para quem a herdade do Ribatejo ou a «quinta» das Bairas ou do Norte estão muito longe de ser o «peso» que suas damas lamentam pelos corredores do Estoril!...

Mas, isso também fazhiarte da estratégia de classe.

Fique a televisão descansada com as «penas» desses esteios da reacção.

Pode ir antes visitar as unidades colectivas, para ver, como tantos de nós, as montanhas de trigo em que os camponeses do Alentejo se reuniram como nas meninas dos seus olhos. Vale apena lá ir, senhores da Televisão.

A. Martins

— PORTO

Angola é uma vitória sobre o imperialismo

Porque se trata de uma excelente análise do problema angolano, no âmbito internacional, e ainda porque nos diz respeito, permite-me transcrever, para meditação, um artigo publicado no n.º 116 da revista «Afrique-Asie», assinado por Barokaka e subordinado ao título «Não nos desencaminhemos»:

. «Li no jornal «Proletariado», órgão de Imprensa do partido marxista-leninista de França, um artigo intitulado «Abjectas as patas diante de Angola». Antes de mais queria assinalar que comprei este exemplar numa livraria em Pekin (Pequim).

Sabe-se que desde que o M.P.L.A. obteve uma vitória retumbante e merecida sobre as forças do mal, os detractores da causa africana nunca mais deixaram de tagarelar não importa o quê. deformando deste modo a verdade sobre a situação real angolana. É o caso do artigo do «Proletariado» que mascara tudo...

Ponho a mim mesmo desde já a questão de saber qual é o que, na linha **ideológica actual, defende a verdadeira linha marxista-leninista... É verdade que os corajosos combatentes angolanos foram ajudados pelos seu s amigos espalhados pelo mundo, mas não se pode ignorar que o comprometimento político e ideológico esteve na base da vitória. O problema de Angola não deve ser visto através do prisma co conflito sino-soviético.**

Angola, é uma vitória do continenete africano sobre o imperialismo e seus valetes locais. Angola é a clarificação ideológica no seio da revolução africana... não deformemos as coisas nem sejamos simplistas e fanáticos.

O M.P.L.A., no decorrer da sua luta de libertação recebeu a ajuda desinteressada e o apoio do mundo progressista. Isso não deve espantar nem surpreender ninguém. Todos os países que intrepidamente lutaram pela sua libertação, tiveram ajudas, citemos: a China, a Coreia, o Laos, o Vietnam, o Cambodja, etc. Isto é normal e militante. É isto, a nosso ver, a única maneira justa de pôr em prática o internacionalismo proletário. Quem é revolucionário e quem não é?

. A confusão é grande e os nossos amigos do «Proletariado» devem estar preocupados.

Como se pode compreender que um país dito revolucionário, venha em ajuda da F.N.L.A. e da U.N.I.T.A., dois movimentos 100 por cento reaccionários e a soldo do imperialismo norte-americano?

. Como é que um país revolucionário se pode calar quando se trata de condenar a agressão sul-africana a Angola?

. Como explicar que um país revolucionário possa fazer aliança com o imperialismo americano e os países capitalistas da N.A.T.O.?

. E aquela aliança com o fascista Pinochet no Chile?

. Como pode recusar ajuda ao povo português que procura a sua vida após séculos de dominação fascista?

. ... «Proletariado» deve abandonar o seu espírito fanático que aliás nada tem de marxista. O conflito sino-soviético, todos deploramos porque, objectivamente, contribui para a causa inimiga; se nós quizermos ajudar a encontar uma solução, é necessário que não façamos bloco com uma das partes em litígio.

— ... O internacionalismo proletário deve manifestar-se por toda a parte onde combatem os povos pela sua libertacão.

... O imperialismo americano deve ser designado como o inimigo n.º 1 dos povos. Qualquer aliança com ele é alta traição e deve ser considerado como um crime contra a revolução proletária...

— VILA FRANCA DE Xira — **António J.T. Esteves**

Folhetim artístico — **José-Augusto França**

GULBENKIAN REVISITADO

O vigésimo aniversário da Fundação Gulbenkian foi comemorado com uma grande exposição «interior» — voltada para a própria casa e para o seu fundador. Nela se mostrou como Calouste Gulbenkian vivia, em que gosto de móveis, tapeçarias e quadros, no seu palacete ao pé da Etoile.

Não deixou de parecer (em críticas mais ou menos discretas) narcísica a manifestação — e até deslocada nesta sociedade portuguesa, que, não é verdade?, etc. Críticas sociológicas, digamos, para facilitar, com uma palavra habituada a cobrir muita e variada asneira.

Ora a história é a história, tem factos e documentos, e há que não ter medo dela. E que a aprender, também. A presente exposição é uma lição de história social do gosto, e, para além do seu intuito comemorativo, muito bem fez a Fundação Gulbenkian em a realizar. Exposição «interior», ela está, porém, virada para a nossa informação, descobrindo-nos tesouros que não são apenas materiais ou espirituais, mas duma situação cultural, num determinado contexto social.

Este contexto é, naturalmente, capitalista, como teria sido aristocrático ou aulico cem anos atrás; nesse sentido histórico evoluiu a sociedade ocidental, com (sobretudo!) muito milionário americano da grande indústria. E numerosas peças do museu Gulbenkian estariam hoje nos Estados Unidos e não em Lisboa, se não fosse o coleccionador comemorado; algumas delas vendidas pelo Governo soviético em dificuldades de divisas.

Como todos os outros coleccionadores (a história deles vai até à Grécia antiga) Calouste Gulbenkian era um apaixonado — amoroso das peças que adquiria, ansioso da sua posse. Mas friamente paciente, nas diligências que deixava arrastar, em tempo de reflexão e para sua conveniência. «Exclusivamente guiado pelo meu gosto pessoal», afirmou ele algures, e um livro de José de Azeredo Perdigão, «Calouste Gulbenkian Coleccionador» (Lisboa, 1969) forneceu-nos minuciosa informação sobre compras e estratégias, baseado na correspondência do comprador e no seu conhecimento pessoal. Para John Walker, que foi director da National Gallery de Washington, Gulbenkian era «o mais notável *connoisseur* e coleccionador» que jamais encontrou; e Kenneth Clark, classifica-o entre os «homens mais notáveis» que alguma vez conheceu.

Homem notável, no quadro do capitalismo europeu de entre as duas guerras, com a sua capacidade de imaginação, a sua férrea vontade, e o seu isolamento, ou a sua solidão...

Os coleccionadores são animais solitários, que vivem entre «filhos» da sua paciência e dos seus desejos de ter. Gulbenkian assim mesmo dizia, das peças que juntou — «minhas de alma e coração». Entre os que compram há que distinguir os que o fazem por necessidade interior dos outros que cumprem um «standing» mundano. Em Portugal houve dois exemplos característicos, no capitalismo dos fins do século XIX: o Daupiás e o Burnay, o primeiro a viver sozinho no meio da sua galeria, passeante solitário entre obras famosas que fazia vir do Salon parisiense, o segundo, na premência dos seus negócios de topa-a-tudo, sem tempo para ver o que comprava. Ambos estrangeiros, aliás, como antes deles o Allen do Porto, que foi o primeiro coleccionador no País, e o reiconsorte de Coburgo; mas deixemos esse pormenor, reparando apenas nele — e também no facto de, afinal, a um estrangeiro ter ficado devido o mais valioso museu português...

Coleccionador por gosto e paixão, Gulbenkian foi também um «connoisseur», velho termo setecentista anglo-francês que marca uma civilização. Um «conhecedor», diz-se, em português, mas não é a mesma coisa, nem pode ser, porque nos faltam duzentos anos de história do gosto, irrecuperavelmente... Embora aconselhado por especialistas, ou historiadores, o «connoisseur» decide pelo gosto esclarecido que tem, dos objectos em causa. Informando-se da sua situação cultural, acima disso ele põe uma decisiva intuição crítica, uma capacidade de apreciar, de estabelecer entre ele próprio e a peça de arte, uma cumplicidade que se diria «meta-cultural». Não faz história da arte, porque tem outra profissão de negociante (quando não, e mais antigamente, de cardeal como Mazarine, ou de rei, como houve vários), mas o seu amadorismo permite-lhe uma visão imediata dos objectos, ou dos factos. E isso vem, muita vez, do seu próprio exercício profissional, em reacções naturais e adquiridas, de observação. Um homem de negócios tem que as ter, como um médico (foi o caso de Elie Faure), o que não quer dizer que seja capaz de as ajustar a um dom de gosto que pode de todo em todo não ter. Os exemplos abundariam aqui, entre os negociantes portugueses que sempre foram alheios a ele, e ao coleccionar.

Calouste Gulbenkian viveu as suas colecções, e para além do que depositou em museus estrangeiros, e só o museu da Fundação reuniria em Lisboa, habitou longamente no meio delas. A actual exposição mostra-nos como.

Uma série de montagens fotográficas, em grandes ampliações, reproduzem o palacete parisiense, com habilidade cenográfica; peças variadas, de pintura, mobiliário, escultura, lalique, cerâmica, marfim, tapeçaria, tecido, desenho, ourivesaria, numismática, joalharia, gravura, azulejaria, encadernação, saíram das reservas do museu para ilustrar o espaço fictício reconstituído. Trata-se, neste programa, de uma exposição tradicional — mas, pelo seu valor especial de informação, trata-se também duma exposição moderna, cuja importância (essa, sim, sociológica) deve ser sublinhada. E também, num período enervado, com muita reacção duvidosa na vida nacional, se trata duma lição de bom-senso histórico.

Frank Kadummi à Interpress

Retirada das forças sírias é condição para a paz

Entrevista de DINA NASCETTI

BEIRUTE — (IPS) — A última vez que me encontrei com Kaddumi foi em Colombo, durante a Conferência dos Países Não-Alinhados, onde, na qualidade de chefe da Comissão Política da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), actuava como representante do povo palestiniano. O genocídio de Tell El Zaatar estava então em processo de consumação. A «cimeira» de Colombo não foi além das condenações genéricas e dos apelos para que a paz no Líbano fosse restabelecida, ignorando-se a intervenção síria que inverteu completamente a situação a favor da direita.

Tudo isto fazia parte da lógica dos «não-alinhados» de não ventilar perante o público internacional os seus problemas internos. Kaddumi falou-me então com amargura de como parecia longínquo aquele Novembro de 1974 em que foi possível para Arafat usar da palavra nas Nações Unidas. E só tinha passado um ano e meio desde esse acontecimento diplomático num foro internacional tão importante.

Numa Beirute destruída, sob o eco contínuo de bombas, metralhadoras e morteiros, voltei a ver Kaddumi, marcado pelo cansaço e, ao mesmo tempo, pleno de vitalidade.

Pergunta: que pensa da iniciativa do Parlamento italiano para que a Itália se encarregue, no âmbito da CEE, do restabelecimento da paz no Líbano?

Dois jovens activistas franceses de direita são aqui fotografados durante uma acção de guerra urbana em Beirute. O Líbano continua a extremar campos

. Resposta: Creio que é um passo positivo e em harmonia com a exigência das forças nacionalistas e progressistas do Líbano que desejam pôr termo a este massacre. Constitui uma boa forma de pressão já que a continuação da guerra levaria a uma crescente tensão na área mediterrânica, na qual a Itália é um dos países interessados. Mas os países amantes da paz e a própria Itália devem ir mais longe, devem pedir a retirada das tropas sírias enquanto forças motrizes da «solução norte-americana» no Líbano.

Com efeito, se se desse a retirada síria, a solução norte-americana para os pelestinianos do Líbano e do Médio-Oriente cairia e seria então possível a solução pacífica que todos desejamos.

P: Que pensa da tese que afirma que a intervenção síria visa dividir o Líbano em três partes: o Norte, anexo à Síria; o Centro, para os cristãos maronitas; e o Sul, para os palestinianos e as forças progressistas libanesas?

. R: É uma possibilidade. É possível que uma parte do Líbano seja anexada à Síria, como poderia ser anexada todo o Líbano, e pode acontecer também — e esta é uma hipótese que goza de grande percentagem de credibilidade — que seja constituído um estado maronita. Os territórios confinantes com este hipotético estado maronita seriam mais tarde associados às forças nacionalistas.

Tal acção seria semelhante ao que aconteceu na Palestina quando foi constituído o estado de Israel e quando foram deixados os territórios vizinhos aos árabes e anexados posteriormente à Jordânia. Poderia acontecer o mesmo no Líbano,

Continua na pág. 4

Geral

"Ligações reveladoras da rede terrorista"

Do sr. Francisco de Bragança Van Uden recebemos a seguinte carta:

. «1 — Foi com enorme espanto que li na página 5 desse jornal, de 16 do corrente, o artigo «Ligações Reveladoras da Rede Terrorista». Nunca pensei encontrar semelhante tipo de artigo num jornal estatizado!

2 — Não me encontro a «monte», como se afirma no referido artigo, mas habitando na minha residência habitual — Rua Vasco da Gama, 8, São João da Caparica, Trafaria — no pleno gozo dos meus direitos e deveres de cidadão nacional.

3 — Fico a aguarda mais «notícias» sobre as «minha actividades terroristas e criminosas», com curiosidade e expectativa».

N.R. — Na citada edição do «DL» escreveu-se de facto que Francisco Van Uden andaria a monte. Não anda, afinal. A rectificação aí fica. Entretanto lembramos o que além disso veio narrado no «DL» do passado dia 16 e que a carta não desmente ou contesta.

Ao referirmos a explosão do carro em que seguiram bombistas, o ano passado, em Monsanto, dizíamos que entre os sobreviventes se encontrava «Francisco Xavier Damião Bragança Van Uden, o «colombiano», antigo alferes-miliciano dos Comandos, apontado como um dos responsáveis pela organização terrorista ELP, em Portugal. Este indivíduo — cuja fotografia publicáramos já em 27 de Janeiro último — esteve ligado ao extinto Partido Liberal no 28 de Setembro, após o fracasso da manifestação da «maioria silenciosa», a cuja comissão organizadora pertenceu. Dias após o fracasso spinolista, em 16 de Outubro, Van Uden foi detido pela Guarda Fiscal, num local ermo, próximo da fronteira espanhola de Badajoz. Mas libertado imediatamente, passou a circular com à vontade através das fronteiras, deslocando-se por diversas vezes a Espanha, onde recebia ordens do quartel-general do ELP.

Dissemos ainda na notícia: «presume-se que este Van Uden tenha participado no roubo de grande quantidade de explosivos de Sines, praticado com a conivência de pessoas ligadas a uma firma espanhola a trabalhar nas obras daquele complexo.».

Sobre a descoberta, no veículo encontrado na Rua do Ateneu Comercial do Porto no dia 16 de Setembro, de «um verdadeiro arsenal bélico» escrevemos ainda: «entre os vários documentos encontrados no veículo foi apreendido um passaporte com o nome de Francisco Van Uden, que na noite anterior esteve hospedado no Grande Hotel do Porto, próximo da rua onde a carrinha foi encontrada. Presume-se que tenha sido o Van Uden, juntamente com outros três ocupantes do veículo, o autor da tentativa de assalto às instalações do Rádio Clube Português de Miramar, verificada no dia anterior».

Além de referirmos que o mesmo «cidadão nacional» terá fornecido aos indivíduos detidos na vivenda de Colares aos explosivos ali encontrados (para serem guardados) informamos que Van Uden «sobrevivente de Monsanto — tudo indica ser ele o comandante da operação que vem descrita num livro do ELP — «tem sido apontado como fornecedor de material a várias células terroristas. Suspeita-se mesmo que, até ser detectada a carrinha com explosivos no Porto, aquele operacional do ELP tenha transportado diverso material para o Norte do País».

Como se vê, a carta do sr. Francisco Van Uden ignora (desconhecemos porquê) todas estas referências e factos.

À INTERPRESS FARUK KADUMMI

Continuação da pág. 3

quer dizer que a Síria fosse anexada mais tarde aos territórios das forças nacionalistas.

Desgraçadamente, há elementos externos que interferem na situação no Líbano. Seria desejável que o Líbano mantivesse a sua soberania e a sua independência e que os libaneses pudessem abrir livremente o diálogo político entre eles.

P: Até agora não se tem falado no envolvimento dos palestinianos tanto quanto das demais forças no Líbano...

R: Nós defendemos a abertura dum diálogo entre todas as partes interessadas diálogo que naturalmente nos deve incluir. Não se pode abrir um diálogo no Líbano sem ter em conta os Acordos do Cairo, assinados em 1969 e que regulam as relações entre os palestinianos e o estado libanês. O conflito no Líbano não é apenas um conflito militar mas também um conflito político. A presença de forças externas torna ainda mais complicada a situação.

P: Muitos observadores crêem que, no caso da situação se normalizar, se pode dar uma intervenção directa norte-americana, posteriormente às eleições nos Estados Unidos...

R: Os Estados Unidos podem intervir de diversas formas. Não creio na possibilidade de uma intervenção directa americana. Com que fim? Os Estados Unidos deram luz verde à intervenção síria e confessaram que a Síria tem o encargo de manter a paz no Líbano. Deram instruções à Síria para «conter» e redimensionar o movimento palestiniano. Se esta hipótese não fosse considerada segura, os Estados Unidos teriam ordenado à Síria que se retirasse, se esta não obedecesse, teriam dado ordem a Israel para bombardear a Síria.

P: Que pensas da posição da URSS e do facto de, no dia da visita de Kossyghin á Damasco, as tropas regulares sírias terem intervido no Líbano?

. R: Posso afirmar que a URSS está com os palestinianos e contra a intervenção militar síria e admoestou Damasco, a 29 de Julho, fazendo notar que, se a Síria não retirasse as suas tropas, as relações entre os dois países se deteriorariam consideravelmente.

P: A 23 deste mês, Franjieh deveria ceder o seu lugar ao novo presidente eleito Elias Sarkis. Considera que isto pode levar a uma mudança de situação no Líbano?

. . R: A tomada de posse de Sarkis pode ser um elemento positivo. Franjieh tem representado os interesses de uma parte. Nós desejamos que Sarkis inicie um diálogo político entre todas as partes com a finalidade de criar uma atmosfera propícia.

Para concluir, quero acrescentar que, apesar das dificuldades que enfrentamos, a história dos movimentos de libertação ensina que estes estão destinados a vencer no momento em que as lutas se transformam em guerras do povo. A intervenção militar síria tornou o equilíbrio de forças favorável à direita, mas estamos certos de que a vitória final pertencerá às forças nacionalistas e progressistas.

PUB.

COMUNICADO

AOS TRABALHADORES

DO SECTOR GROSSISTAS TÊXTEIS

MOÇÃO

Os trabalhadores ao serviço de empresas do sector grossista têxteis, reunidos em plenário nas instalações do INATEL, no dia 21/9/76, decidiram o seguinte, face à recusa do patronato em concluir o seu primeiro contrato colectivo de trabalho que já se arrasta desde Setembro de 1975:

1 — Que a comissão de negociação convoque o patronato para o reinício das negociações na próxima sexta-feira, dia 24/9/76, no Ministério do Trabalho ou noutro local que eles indiquem.
2 — Que esta negociação termine na próxima segunda-feira, dia 27/9/76.
3 — Que na próxima terça-feira, dia 28/9/76 se faça novo plenário geral de trabalhadores deste sector para serem informados do resultado dessas negociações.
4 — No caso do patronato não cumprir esta decisão ou não comparecer às negociações os trabalhadores responsabilizam desde já o patronato por todas as consequências que poderão advir desta sua falta.
5 — Estarem dispostos a no seu próximo plenário de terça-feira, enveredar por todas as formas de luta ao seu alcance incluindo a mais radical que será a greve.
6 — Dar conhecimento desta decisão a todos os sindicatos intervenientes neste CCT, à Imprensa, ao Presidente da República, ao Primeiro-Ministro, ao Ministério do Trabalho, ao Conselho da Revolução e à Assembleia da República.

Aprovada por unanimidade e aclamação.

Os Sindicatos:

Comércio
Escritórios
Técnicos de Vendas
Armazéns
Contínuos e Porteiros.

EXPRESSO

COMUNICADO

AO MERCADO LIVREIRO

A EXPRESSO-BLOCO EDITORIAL DE DISTRIBUIÇÕES, SARL, tem o prazer de informar os seus prezados clientes, bem como o público em geral, que por contrato outorgado e com início em 1 de Outubro de 1976, passará a distribuir em regime de exclusividade para Portugal Continental e Insular todas as edições da RÉS-EDITORA, LDA.

Todas as encomendas deverão ser feitas para:

EXPRESSO - BLOCO EDITORIAL DE DISTRIBUIÇÕES, SARL

Av. Camilo Castelo Branco, 6-C - BURACA — DAMAIA
e/ou
R. Júlio Dinis, 891-2.º, Dt.º — PORTO

EXTERNATO SÉNECA

COOPERATIVA DE ENSINO E CULTURA

Curso Liceal – Ciclo Preparatório

MANHÃ • TARDE • NOITE

AV. ALMIRANTE REIS, 73 - 1.º E 2.º — LISBOA - 1
Telefone 4 00 92 (METRO ANJOS)

—— ABERTAS AS INSCRIÇÕES ——

Telef. 99 46 58 Pontinha — Telef. 99 46 80 Pontinha

HORTAS

ALBERTO HORTA & IRMÃOS, LDA.

PONTINHA — LISBOA-4 — R. S. MARCOS, 8
(ao Largo Falcão, junto às Escolas novas)

GRANDE ARMAZÉM PARA GROSSO E RETALHO
todas as madeiras nacionais e exóticas

PARQUETES Laminite — Platex — Aparite
CARPINTARIAS Portas — Perfis — Colais
ESTORES

C. RAINHA 22812/22539/23661
T. VEDRAS 22571
LISBOA 994658/994680

Em ALTER DO CHAO o DIARIO DE LISBOA vende-se na TIPOGRAFIA TRIUNFO, Rua do Álamo, 12

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

AVISO

ADMISSÃO DE PESSOAL DOCENTE

Está aberto concurso público de 27 de Setembro a 16 de Outubro de 1976 para provimento de lugares de docentes (assistentes eventuais) das seguintes disciplinas:

— Anatomia
— Cinesiologia
— Biofísica
— Teoria de Análise do Movimento
— Técnica e Motodologia do Atletismo
— » » Natação
— » » Ginástica (masc.)
— » » Judo
— » » Basquetebol
— » » Voleibol

Os candidatos deverão ser licenciados nas especialidades respectivas.

O concurso é de natureza documental e os candidatos deverão apresentar na secretaria do I.S.E.F. — Cruz Quebrada um «curriculum» indicando a experiência pedagógica, científica e profissional.

PELO CONSELHO DIRECTIVO

Nacional

LOPES CARDOSO AO "D.L."

Não há qualquer "recuperação" da Reforma Agrária

. A decisão do Governo em fazer cumprir a lei da Reforma Agrária, e não só desocupando as terras ocupadas e não abrangidas pela lei, mas prosseguindo a expropriação das terras que caem sob a alçada da lei de Reforma Agrária, opondo-se assim frontalmente à vasta campanha que a CAP, a Imprensa reaccionária e as forças da direita estão a desenvolver, é uma das conclusões mais importantes das oportunas delcarações que o ministro Lopes Cardoso fez ao «D.L.».

Eis o texto da entrevista:

«D.L.» — Que tipo de acordo é que foi estabelecido entre o Ministério da Agricultura e os Sindicatos?

. **Lopes Cardoso** — Não há acordo nenhum com os sindicatos. Tem havido é contactos, a nível local pelos grupos de trabalho criados pelo Governo; houve um contacto entre o senhor Primeiro-Ministro e uma delegação da Intersindical em que este problema foi abordado, mas eu ainda não conhço os detalhes do que foi dito no decorrer desse encontro, que se efectuou no sábado, pois passei todo esse dia em reunião e ontem o dr. Mário Soares esteve em Viseu. Há ainda as posições que têm sido assumidas publicamente pelos sindicatos rurais. E é tudo. Não há qualquer tipo de acordo entre o Governo e os Sindicatos.

«D.L.» — A que grupos de trabalho se refere?

. **Lopes Cardoso** — Aos grupos de trabalho que foram constituidos por iniciativa do Governo. São grupos que, tal como foi oportunamente tornado público, são constituídos por representantes do Ministério da Agricultura, no caso concreto pelos directores dos Centros de Reforma Agrária, por representantes da Secretaria de Estado do Emprego e do Ministério do Trabalho, visto este processo envolver problemas laborais e poder eventualmente envolver problemas de emprego. Devo dizer que há da nossa parte a decisão firme de impedir que do processo da restituição de terras possam resultar fenómenos de desemprego para os trabalhadores que se empregavam nessas terras. A presença nestes grupos de representantes da Secretaria de Estado do Emprego e do Ministério do Trabalho justifica-se, pois, pela necessidade de se tomarem medidas que impeçam o desemprego, criando condições para que, na impossibilidade desses trabalhadores poderem ser absorvidos na própria área que trabalhavam, se criarem os postos de trabalho necessários para que aqueles trabalhadores não fiquem na situação de desempregados.

Estes grupos são coordenados pelo governadores civis, por uma questão de ser indispensável coordenar serviços diferentes, mas também porque na óptica da possibilidade de se criarem novos postos de trabalho, o Ministério da Administração Interna e as autarquias locais podem ter um papel importante a desempenhar. Além disso, obviamente, em todo este processo há um problema subjacente, que é o problena da autoridade, do cumprimento da lei, no que os governadores civis também têm o seu papel a desempenhar como representantes do Governo nessas zonas. Daí a sua presença e também o facto de serem os coordenadores desses grupos de trabalhc.

«D.L.» — O problema a que acaba de referir, a possibilidade dos trabalhadores dessas herdades poderem vir a perder os seus postos de trabalho, só pode ser entendido como consequência de medidas de retaliação dos proprietários, visto que esses trabalhadores até aqui têm sido necessários à normal exploração dessas terras. Como é que o Governo garante, nessas condições, o direito ao trabalho?

. **Lopes Cardoso** — O que pode acontecer, e aqui nós temos que funcionar de uma forma bastante prática, e é que o proprietário prefira recrutar outros trabalhadores. Não se põe portanto o problema de uma redução dos postos de trabalho; o proprietário recrutará outros trabalhadores e será uma forma também de se reabsorver o desemprego e o subemprego que existe no sector. Na medida em que nós estamos dispostos e teremos os meios de garantir emprego aos trabalhadores que eventualmente o proprietário pretenda dispensar — porque indiscutivelmente se criaram ou podem ter sido criados climas que dificultem as relações de trabalho — eu penso que seria mau fazermos disto um cavalo-de-batalha que no fundo viesse impedir a resolução dos problemas que estão subjacentes e que são mais importantes. Ora o que é importante, para mim, não é que o trabalhador fique onde estava, é que o trabalhador não deixe de ter o seu trabalho assegurado, e portanto não devemos criar com a exigência ou imposição de que o trabalhador fique onde estava, um obstáculo para resolvermos o problema de fundo.

É mesmo muito importante, porque se efectivamente conseguirmos corrigir estas situações, proceder a estas desocupações de forma pacífica, com uma colaboração activa dos trabalhadores, retirávamos às forças de direita deste país uma arma extremamente importante e isso tem de ser entendido, se nós conseguirmos o nosso objectivo, como uma vitória daqueles que se batem pela Reforma Agrária.

Eu sublinho que nós temos, de um lado, um milhão de hectares que estão neste momento ocupados, grosso modo, e uma grande parte já expropriados, e temos, do outro lado, um número que eu cifro em uma dezena cu uma dezena e meia de milhares de hectares que terão de ser restituídos. Ora para nós garantirmos a consolidação da Reforma Agrária, para além de todos os critérios de Justiça, também há este: é colocar de um lado aquilo que é o fundamental da Reforma Agrária, que é o milhão de hectares que no quadro da lei foram ou serão expropriados, e estes quinze mil hectares queno quadro da lei têm de ser devolvidos, penso que a conclusão é só uma e não há que perder muto tempo a argumentar. E com isso retirar-se-à às forças de direita, efectivamente, na medida em que se manifesta o desejo de cumprir a lei e se corrige aquilo que no meu entender foram injustiças, argumentos poderosos.

Lopes Cardoso formal: «dsto inscreve-se num plano de prossecução e consolidação da Reforma Agrária».

«D.L.» — Qual é o programa de desocupação das terras, como é que ele se vai processar?

. **Lopes Cardoso** — Em primeiro lugar é importante desmistificar algo que tem surgido na Imprensa, apresentando o programa de desocupação das terras como uma grande operação militar, de modo que as pessoas esperam grandes acontecimentos, espectaculares operações militares.

Não se trata tão-pouco de um programa no sentido em que se possa dizer que no dia tantos, às tantas horas, a propriedade tal será objecto de uma medida de desocupação. Nada disso. O que se fez foi estabelecer um programa, feito a partir de um inventário de casos que importava solucionar. Este programa foi elaborado no decurso da última semana pelos grupos de trabalho e foi objecto de análise no decorrer de uma reunião que teve lugar no sábado, no Ministério da Administração Interna. Não é um programa que fixe que na data tal haverá uma desocupação em tal sítio. É um programa que estabelece metas quanto à solução de determinados problemas no decurso do mês de Outubro, e em que se prevê que em determinado período um certo grupo de casos será objecto de solução. É no fundo isto que constitui o programa. Como é que ele se vai concretizar? Pois ele concretiARSEÁ: ESPERO concretizar-se-á, espero, através do acordo entre os trabalhadores e os grupos de trabalho no sentido da desocupação das terras que têm de ser desocupadas, e portanto a sua transferência para o respectivo proprietário, o que será feito da forma mais normal e mais pacífica que se possa imaginar. De facto estou optimista, não penso que haja problemas, contrariamente ao que se diz em certos sectores do País e até em certos sectores da Imprensa, em que por razões ideológicas ou simplesmente por razões comerciais de sensacionalismo, estão à espera de grandes títulos para os jornais. Estou persuadido que não os terão, e que no fundo as coisas decorrerão de uma forma perfeitamente normal, pacífica, sem nada de espectacular. Penso que tal como é dito no comunicado que foi tornado público após a reunião de sábado entre o Ministério da Administração Interna e o Ministério da Agricultura, os contactos que têm sido feitos pelos grupos de trabalho, as posições públicas assumidas pelos sindicatos e a disposição do Governo de procurar o diálogo, permitem-nos encarar com optimismo o decurso de todo este processo.

Creio que os trabalhadores entenderam, e é motivo para nós nos congratularmos, que isto não se insere em nenhum plano de recuperação da Reforma Agrária, ao contrário, isto inscreve-se num plano de prossecução e consolidação da Reforma Agrária. A partir do momento em que os trabalhadores o entenderam, é evidente que o diálogo está facilitado e as soluções encontrar-se-ão também de forma mais fácil. Isto não significa que, e também é bom que fique claro, e que não seja mal entendido, que da nossa parte não haja a disposição de fazer cumprir a lei sem hesitações — e fazê-la cumprir por todos, e nomeadamente por aqueles que recusam a Reforma Agrária como uma realidade que é imposta pela Constituição e imposta pela realidade social do nosso País.

«D. L.» — Qual tem sido a reacção das organizações de base do P. S. relativamente à campanha que a C. A. P., juntamente com outras forças da direita e órgãos reaccionários, desencadearam contra o ministro Lopes Cardoso e a Reforma Agrária?

. **Lopes Cardoso** — Eu tenho recebido largas dezenas de telegramas de federações e secções do Partido Socialista, e não só, além de comunicados de federações, e entre elas da Federação de Beja, que segundo o pretensamente bem informado jornal «Expresso» não me apoiaria. Eu pedi ao «Expresso» para publicar a moção da Federação de Beja, e de resto creio que sobre essas afirmações mesmo comunicaram-me que a Federação de Beja do P.S. teria tomado uma posição em relação a este caso concreto, e da qual aliás ainda não tomei conhecimento, mas sei que é uma posição pública contra a ofensiva da C. A. P. Mas há outras federações e muitas secções que se têm manifestado em apoio da Reforma Agrária e do ministro da Agricultura. Tenho aqui, por exemplo, telegramas das secções de Santo Tirso, dos socialistas de Loulé e de Tavira, do núcleo de empresa da Ideal de Coimbra, das coordenadoras dos núcleos de empresas, além de mitos, muitos outros que estão espalhados pelo P.S., neste Ministério e até em minha casa Além disso tenho recebido manifestações de apoio de outras organizações, como é o caso da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores de Beja e do Movimento Unificado Cooperativo.

Entrevista conduzida por
J. CÂNDIDO DE AZEVEDO

Que se esconde por trás da C.A.P.?

O que é a CAP? Quem se esconde, comanda e está por detrás da CAP? Estas são algumas das interrogações que faz a Federação Distrital de Santarém do Partido Socialista, que reagiu veementemente à exigência da CAP para que Mário Soares demita Lopes Cardoso, ou que o Primeiro-Ministro se demita ele próprio se não for capaz de afastar Lopes Cardoso do Governo.

Aquela Federação sublinha que não é por acaso que os dirigentes da CAP vêm agora, no momento exacto em que o primeiro Governo Constitucional começa a tomar medidas em relação à Reforma Agrária, atacá-lo.

«Lopes Cardoso — diz também aquela Federação do P.S. — é o pretexto. O objectivo é outro. Não é apenas a saída de Lopes Cardoso que a CAP deseja. É a eliminação da via democrática socialista que o P.S. representa. Não é em qualquer Reforma Agrária que a CAP pensa. Ela pensa é na retorna agrária»

Depois de sublinhar que «a CAP faz uma jogade de desespero, porque sabe que com um Presidente da República que defende a Constituição e com um Governo que a põe em prática, não poderá mais fingir e mascarar-se de uma roupagem de democracia que sempre lhe ficou larga», o comunicado prossegue:

. «Acima e atrás da CAP outros jogos mais subtis se forjam. E nessa ingenuidade são levados muitos daqueles que se deixam envolver e manipular. Ainda mexem... mas são cada vez menos.

No entanto, aqui e acolá, como as coisas não acontecem por acaso, as instruções vêm ao de cima.

E assim, (Casqueiro, CAP-mor, falando no plenário de 300 agricultores (num pais de centenas de milhares que não estavam lá...) exige, perante uma RTP condescendentemente descuidada e generosa: «Isso dos 50 mil pontos tem que ser revisto na Assembleia da República.»

. O que quer Casqueiro? Que o limite dos 50 mil pontos passe a 100 mil, a um milhão? Que as herdades de milhares de hectares sejam devolvidas «aos seus legítimos donos» ao abrigo da lei da CAP, isto é, da Retorna Agrária?»

. O comunicado conclui:

. «O que é a CAP? O que quer a CAP? (esta CAP que grita o que não quer, mas não disse ainda tudo sobre aquilo que deseja?)

. O que esconde a CAP? Quem comanda, por detrás e por cima da CAP?

. O povo que responda. Porque o povo sabe o que foi o fascismo e tem a resposta para todas as perguntas. E os socialistas também. Por isso, os socialistas de Santarém manifestam a Lopes Cardoso e ao Governo socialista, o seu apoio e solidariedade activa, na luta por condições de vida dignas para os trabalhadores rurais e os agricultores.»

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE PANIFICAÇÃO DO DISTRITO DE SETÚBAL

Sede: Avenida Luísa Todi, 178 — Telef. 22764

COMUNICADO

AOS TRABALHADORES

A CHAMADA «CARTA ABERTA»

O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Panificação do Distrito de Setúbal, tendo já repudiado perante os responsáveis do documento divisionista chamado «CARTA ABERTA», os ataques declarados à CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES PORTUGUESES e sendo filiado e defensor da INTERSINDICAL NACIONAL, fundada já antes de 25 de Abril de 1974, forjando a unidade dos trabalhadores na luta contra o FASCISMO e o CAPITAL EXPLORADOR, vem publicamente repudiar a chamada «CARTA ABERTA» e as manobras dos seus patrocinadores.

Deste modo, o SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE PANIFICAÇÃO DO DISTRITO DE SETÚBAL CONSIDERA ABUSIVA A UTILIZAÇÃO DE SEU NOME PELOS DIVISIONISTAS DA CHAMADA «CARTA ABERTA» ESCUDADOS EM AFIRMAÇÕES DE FALSA UNIDADE.

— **PELA UNIDADE**
— **PELA UNICIDADE CONTRA O PLURALISMO**
— **PELA CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES PORTUGUESES — A INTERSINDICAL NACIONAL.**

A DIRECÇÃO

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/55997, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho do Montijo, de uma linha aérea a 6 kV, com 29 metros, entre o apoio n.º 15 da linha S. Francisco-Pinhal Novo e o apoio n.º 14 da linha Montijo-Alcochete.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Águeda, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/57878, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Macinhata do Vouga, concelho de Águeda, de uma linha aérea a 15 kV, com 2117 metros, do apoio n.º 12 da linha para o Posto de Transformação de Macinhata do Vouga-Moita ao Posto de Transformação de Macinhata do Vouga-Chãs, da Câmara Municipal de Águeda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 13 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, a que se refere o processo 8/58200, arquivo 11023, para o estabelecimento na freguesia da Moita, concelho de Anadia, de uma linha aérea a 15 kV com 416 metros, do apoio n.º 11 da linha para o Posto de Transformação da Moita, ao Posto de Transformação de Moita-Carvalhais, da Câmara Municipal da Anadia.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 13 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58114, arquivo 4, para o estabelecimento nas freguesias de Sobral e St.ª Comba Dão e concelhos de Mortágua e Santa Comba Dão, de uma linha aérea a 15 kV, com 342 metros, do apoio n.º 46 da linha para o Posto de Transformação da Vila de Santa Comba Dão, ao Posto de Transformação pertencente à SEOP — Sociedade de Empreitadas de Obras Públicas, SARL - Rio Criz.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/55448, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Oliveirinha, concelho de Aveiro, de modificação, com aumento de comprimento de 2 metros, da linha aérea a 15 kV «Ligação Feira do Eixo-Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre», passando a derivar do apoio n.º 7 da linha para o Posto de Recepção e Contagem da Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 10 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/57685, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Avelãs do Caminho, concelho de Anadia, de uma linha aérea a 15 kV, com 236 metros, do apoio n.º 5 da linha para o Posto de Transformação da Empresa de Madeiras Bairradense, Lda., ao Posto de Transformação de Avelãs de Caminho-Cabecinho da Câmara Municipal de Anadia.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/56083, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Vilar do Paraíso, concelho de Vila Nova de Gaia, de uma linha aérea a 15 kV, com 279 metros, de ligação da linha St.º Ovídio-Granja (UEP) à Subestação de Vilar do Paraíso (CHENOP), com início no apoio n.º 59 da linha St.º Ovídio-Granja e terminando no apoio n.º 2.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 14 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58153, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Vila Chã, Concelho de Vale de Cambra, de uma linha mista a 15 kV, com 178 metros, do apoio n.º 2 da linha para o Posto de Transformação de Almeida & Freitas, Lda., ao Posto de Transformação dos Correios e Telecomunicações de Portugal-Vale de Cambra.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 10 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58115 arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Sobral, concelho de Mortágua, de uma linha aérea a 15 kV, com 230 metros, do apoio n.º 38 da linha para o Posto de Transformação da Vila de Santa Comba Dão, ao Posto de Transformação pertencente à SEOP — Sociedade de Empreitadas de Obras Públicas-Ribeira de Breda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 13 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58073, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Bunheiro, concelho de Murtosa, de uma linha aérea a 15 kV, com 57 metros, do apoio n.º 68 da linha Avanca-Murtosa, ao Posto de Transformação de Bunheiro II da Câmara Municipal de Murtosa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 13 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58075, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Águas Santas, concelho da Maia, de uma linha aérea a 15 kV, com 92 metros, do apoio n.º 1 da linha para o Posto de Transformação da Corga, ao Posto de Transformação pertencente à PANORTE — Agrupamento de Panificação do Norte, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 13 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

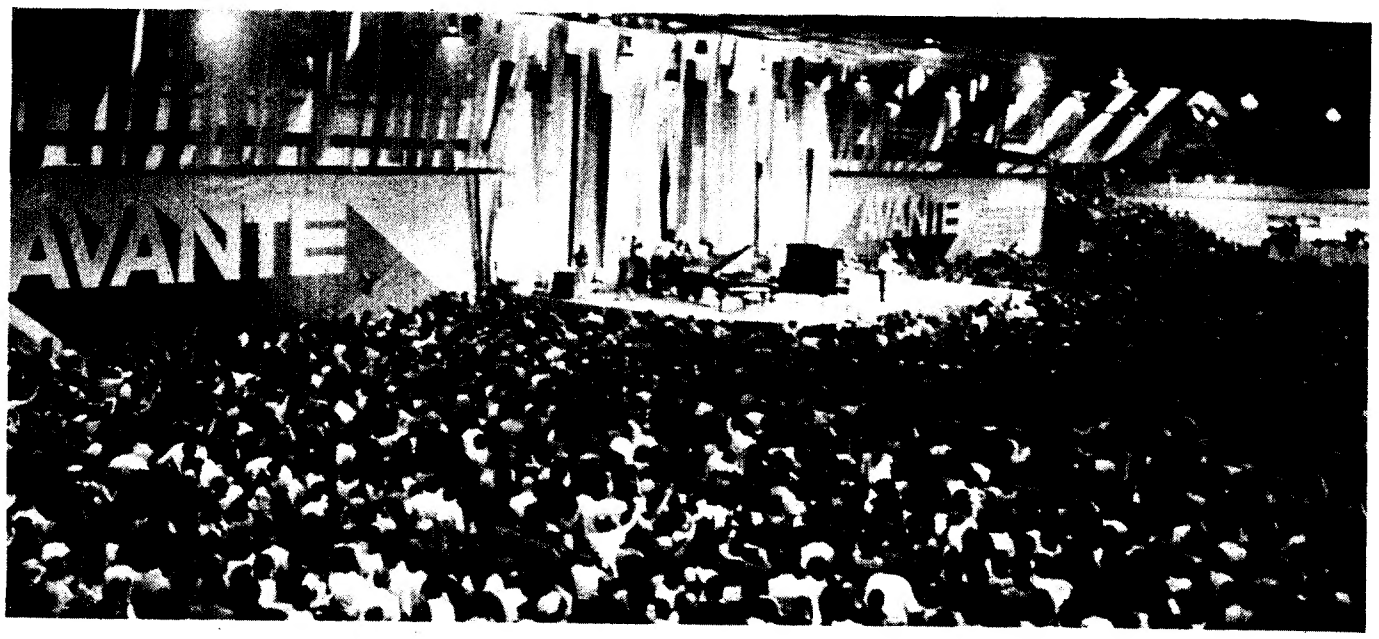
Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58108, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Cadima, concelho de Cantanhede, de uma linha aérea a 15 kV, com 410 metros, do apoio n.º 29 da linha de ligação Porto Sobreiro-Tocha, ao Posto de Transformação de Tocha-Sanguinheira, da Electro-Mecânica de Cantanhede, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 13 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Nacional



Um aspecto da multidão na F.I.L., atraída pela gigantesca festa do «Avante»

ÁLVARO CUNHAL NA FESTA DO "AVANTE"

Apelo à fraternidade e unidade

. «A maior, a mais extraordinária, a mais entusiástica, a mais fraternal e humana jamais realizada no nosso País» assim classificou Álvaro Cunhal a «Festa do Avante», ao principiar o discurso que ontem pronunciou perante dezenas de milhares de pessoas comprimidas no exterior e no interior da FIL, cujas instalações e espaços adjacentes foram diminutos para conter toda essa multidão.

Nas palavras do secretário-geral do P. C. P. não há qualquer exagero. A Festa do Avante foi na verdade uma realização impressionante. De sexta-feira à noite até à madrugada de hoje passaram pela FIL mais d 200 mil pessoas e algumas vezes a afluência de público era tal que a festa chegou quase ao ponto de imobilização.

De significado político, desta festa, que foi sem dúvida uma grande manifestação de capacidade de organização e mobilização, do Partido Comunista Português, ao significado humano que dela se extraiu pelo ambiente de fraternidade e unidade que criou pela força que a juventude lhe imprimiu falaria Dias Lourenço, director do Avante ao apresentar as delegações estrangeiras presentes na festa e no comício ontem realizado. E foi com particular emoção que se dirigiu a «essa nova geração de belos cantores revolucionários que vieram ajudar a luta do seu povo, que vieram ser um instrumento de consciencialização».

Delegações da URSS, RDA, Bulgária, Polónia, Hungria, Checoslováquia, Albânia, Jugoslávia, Síria, Cuba, Marrocos. Vietnam, França, Itália, RFA, Noruega, Berlim Oeste, Chile, Brasil, Uruguai, Frelimo, MPLA, e PAIGC, enviaram delegações à Festa do Avante,

FORÇA

. Foi relativamente curto o discurso de Alvaro Cunhal mas caracterizado por um tom crítico muito profundo,

A questão da unidade do P. C. P. foi particularmente acentuada, como seria acentuado que no P C. P. «não se fazem saneamentos à esquerda».

«Para alguns que falam no enfraquecimento do nosso Partido — disse Alvaro Cunhal — aqui está esta festa para lhes dar resposta. Olhem, vejam, e julguem. De tudo nesta festa se depreende a força indestrutível do Partido da classe operária e do povo trabalhador de Portugal — o Partido Comunista Português».

Salientou em seguida que a Festa do Avante era «um testemunho vivo» dos objectivos de luta do Partido: «Em primeiro lugar, aquele objectivo que foi o maior, o central, o primeiro durante longos anos de luta no tempo da ditadura fascista: a liberdade. A liberdade foi alcançada. A nova grande tarefa no presente é defendê-la. E, se todos quizermos, ela será defendida. Na luta pela liberdade, hoje e sempre, os comunistas não pouparão energias e darão a vida se necessário para que não volte a Portugal o pesadelo do fascismo».

Noutra passagem do seu discurso, Álvaro Cunhal salientou: «A vida mostra dia-a-dia quem são os verdadeiros defensores das liberdades e quem as pretende liquidar ou monopolizar. Porque defendemos as liberdades, somos contra um chamado «pluralismo» dos meios da comunicação social pagos pelo Estado que significa o seu monopólio pelo partido governante.

«Somos contra um chamado «pluralismo» no aparelho de Estado que signifique (como agora se vê no MEIC e noutros departamentos) saneamentos em massa à esquerda e reintegração de fascistas e reaccionários».

«A nossa política é clara como cristal: defendemos e defenderemos sempre as liberdades agora consagradas na Constituição. Defendemos e defenderemos sempre a aplicação e o respeito pela Constituição.»

O secretário-geral do P. C. P. lembrou depois que hoje todos dizem defender as conquistas da Revolução e a Constituição mas o que vale não são só as palavras, são os actos.

«Não basta dizer que se defendem os interesses dos trabalhadores...»

. «A austeridade não pode significar apertar o cinto aos pobres para que o alarguem os ricos. Não pode significar que, ao mesmo tempo que se lança uma política de aumentos dos lucros para «ganhar a confiança» dos capitalistas, se obriguem os trabalhadores a receber o 13.º mês em papéis do Estado, cortando-lhes a alegria na habitual quadra do Natal e Ano Novo».

....«Não basta dizer que se está de acordo com as nacionalizações. É necessário impedir que sejam postas em causa e liquidadas como pretende a reacção, como pretende o C. D. S. e o P. P. D. Não se pode exigir que certas empresas, depois de arrastadas (com toda a economia) para uma situação gravemente deficitária, passem de um momento para o outro a ser rentáveis, ameaçando-se de encerramento se o não fizerem.

«Somos os primeiros a dizer que é necessário trabalhar mais, produzir mais. Basta visitar esta festa — os «stands» das organizações regionais da Reforma Agrária — para ver como os comunistas estão empenhados, onde quer que se encontrem, na solução dos problemas económicos, na construção de uma economia nova e progressista, que possa responder às necessidades nacionais. Em Portugal, ninguém trabalha mais que os comunistas. Mas para benefício dos trabalhadores e do País e não para a recuperação dos capitalistas e dos agrários.

«Os trabalhadores fizeram pesados sacrifícios e milagres de vontade e de capacidade para manterem a funcionar certas empresas, para as tirarem do atoleiro para onde as tinham arrastado os patrões reaccionários. É absurdo pensar que os trabalhadores estão dispostos aos mesmos sacrifícios e ao mesmo trabalho para meter dinheiro nos bolsos dos patrões, impostos de novo pelo Governo às empresas.»

. ...«Nao basta também dizer que se está com a Reforma Agrária. Querer impor pela força soluções, querer desagregar e estrangular financeiramente as cooperativas e unidades colectivas, só pode conduzir, a um agravamento da situação. Se há erros é necessários corrigi-los, e, pela nossa parte estamos de acordo em contribuir para que sejam corrigidos. Mas não se corrigem com grupos armados da CAP, com ultimatos ou com a intervenção das forças militares. É possivel encontrar soluções mas sempre com os trabalhadores e nunca contra os trabalhadores.»

UNIDADE

. Mais adiante Cunhal afirmou que a Festa do Avante era também um testemunho vivo da política de unidade do P. C. P. «e um apelo à aproximação, à fraternidade, ao entendimento, à acção comum de todos os trabalhadores, de todos os que não querem que Portugal regresse ao passado fascista, de todos os que querem que prossiga a construção da democracia a caminho do socialismo.»

. Fez um apelo à «unidade nas próximas eleições para as autarquias elaborando listas unitárias em toda a parte em que seja possivel de forma a impedir que a reacção, o C. D. S. e o P. P. D, ante uma esquerda dividida, tomem de assalto câmaras municipais e juntas de freguesia».

«A todos que não sendo comunistas, aqui vieram, a todos que, não sendo comunistas aqui me escutam, eu quero reafirmar solenemente, em nome do P. C. P. que nós comunistas estamos prontos a unir os nossos esforços a todos os que, connosco, queiram lutar pela savaguarda das liberdades e da democracia, pela defesa dos interesses dos trabalhadores, pela consolidação das conquistas revolucionárias

. Insistiu novamente o secretário-geral do P. C. P. «apesar das críticas severas» que faz aos seus dirigentes e à sua política em que é necessário alistas e comunistas se unam, assim como outros democratas.

E quase a concluir afirmou: «Por muito que alguns queiram reconduzir o P. C. P. à clandestinidade, por muito que alguns queiram diminuir o papel do P. C. P. na vida política nacional, o P. C. P. continua a ser esta força vigorosa e invencível que está presente nesta festa, continua sendo um Partido essencial para a defesa e a construção da democracia portuguesa rumo ao socialismo.»

COSTA E MELO EM AVEIRO

"Combater o fascismo, garantir a liberdade"

. AVEIRO, 27 — «Não é antidemocrático o negar a liberdade àqueles que, através dela, a pretendem matar, conquistando o poder», afirmou no sábado no seu acto de posse, o novo governador civil de Aveiro, dr. Costa e Melo.

O dr. Costa e Melo, indicado pelo Partido Socialista para exercer aquele cargo, começou por fazer o elogio do seu antecessor, Neto Brandão, salientando «a isenção e o elevado espirito cívico de que deu provas» enquanto ocupou aquelas funções.

Referindo-se depois à ofensiva fascista, Costa e Melo afirmou: «Os adversários, ou melhor, os inimigos da democracia, os fascistas e os dascizantes exigem de nós a liberdade que amanhã nos negarão, se não a defendermos deles e da sua peçonha».

Analisando a seguir o processo para as eleições das autarquias locais, já a decorrer o governador civil de Aveiro afirmou: «Que o povo saiba que o governo civil de Aveiro, sem nunca abandonar a posição de militante do Partido Socialista de que se orgulha, tudo fará para que, em liberdade, o povo continue a dizer não ao fascismo e à reacção. E não consentirá, na medida do possível, que se criem atmosferas de medo para se obterem resultados eleitorais que neguem essa liberdade».

GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA

Partiu ontem para Colónia para uma visita oficial a convite do respectivo governo regional o governador civil de Lisboa, José Manuel Duarte. Esta visita, que se prolongará até ao próximo dia 30, tem também o patrocínio da Fundação Friedrich Herbert.

G.D.U.P.'s vão comemorar 28 de Setembro

A CNPUP, órgão dirigente dos GDUP's, promove amanhã uma manifestação comício no Terreiro do Paço, para comemorar a vitória popular sobre a intentona fascista do 28 de Setembro de 1974.

Simultaneamente com a manifestação de Lisboa, que terá início pelas 19.30, serão efectuadas semelhantes comemorações noutros pontos do país, nomeadamente no Porto, em Viana do Castelo, Guimarães, Covilhã, Setúbal e Portalegre, também promovidas pelos GDUP's.

Entretanto, o Sindicato dos Têxteis de Lisboa emitiu um comunicado lembrando aquela data e apelando aos seus filiados para participarem nas manifestaçõescomemorativas que se realizem.

CNPUP DESMENTE «DIÁRIO»

A Comissão Nacional Provisória de Unidade Popular emitiu também um comunicado sobre uma nota inserta no jornal «O Diário», condenando aquele jornal, porque sem ter estado presente na conferência de Imprensa que a CNPUP deu sobre as eleições para as autarquias locais, aproveitou uma gralha de um outro matutino para atacar os GDUP's.

A CNPUP afirma que tal acontece porque «lhes dói a clarificação pública da traição em que está envolvido o partido a que estão subordinados, no que diz respeito à Reforma Agrária». O comunicado conclui afirmado que «os GDUP's não conciliam com o fascismo, nem com as medidas da direita do Governo PS».

Em LAGOA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

PLENÁRIO DE DELEGADOS SINDICAIS

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Delegados Sindicais para um Plenário a realizar no próximo dia 28 de Setembro, pelas 20.30 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico, com a seguinte Ordem de Trabalhos :

1. **Congresso de Todos os Sindicatos Portugueses**
   a) **Análise e discussão do Projecto de Regulamento do Congresso.**
2. **Informações.**

NOTA : É necessária a apresentação do cartão de Delegado Sindical

Lisboa, 22 de Setembro de 1976

A DIRECÇÃO

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

CONVOCATORIA

ELEIÇÕES A 22 DE OUTUBRO

Convoca-se ao abrigo do artigo 32.º, a ASSEMBLEIA ELEITORAL, constituída por todos os trabalhadores, que nesta data tenham dezoito ou mais anos, estejam no pleno gozo dos seus direitos sindicais, e tenham pago as suas quotas nos meses de Junho e Julho, para os fins do disposto na alínea a) do artigo 31.º dos Estatutos.

ELEIÇAO DOS CORPOS GERENTES

A eleição para os Corpos Gerentes efectuar-se-á no dia 22 de Outubro P.F., sexta-feira, entre as 10 e as 23 horas nas seguintes mesas de voto:

1.º — Sede do Sindicato no Páteo do Salema, 4-2.º, - Lisboa
2.º — Secção Distrital de Setúbal-Av. 5 de Outubro, 75-A - Setúbal
3.º — Secção Distrital de Évora- Rua da República, 11-3.º - Évora
4.º — Secção Distrital de Beja - Largo Diogo Fernandes, 9 - Beja
5.º — Secção Distrital de Portalegre-Rua do Carmo, 12-2.º -Portalegre
6.º — Secção Distrital de Santarém-Rua do Mercado, 8 - Santarém

Cada trabalhador votará na mesa instalada no distrito onde trabalha.

A identificação dos trabalhadores pode fazer-se pelo Cartão de Sócio ou Carteira Profissional e na sua falta por meio de Bilhete de Identidade ou qualquer outro documento de identificação com fotografia.

NOTAS:

1 — A instalação de mesas de voto nas Delegações locais ou onde for decidido criá-las (Cascais, Sintra, Vila Franca de Xira, Almada, Sesimbra, Elvas, Tomar e Fátima) está dependente de acordo entre todas as listas concorrentes; havendo acordo, a sua instalação e localização será anunciada nos jornais.
2 — Os boletins de voto serão entregues junto das Mesas de Voto
3 — Os Cadernos Eleitorais encontram-se afixados (à disposição para consulta), na Sede e nas Secções Distritais. As irregularidades verificadas devem ser comunicadas até ao dia 1 de Outubro. Aconselhamos a todos os trabalhadores a consulta dos cadernos, e sendo neles encontrada a anotação de não haver dado entrada a quotização dos meses de Junho e Julho, devem os trabalhadores neste caso levar o recibo do ordenado onde a mesma lhe foi descontada, a fim de provar em não ser sua a responsabilidade e poder assim votar.
4 — As listas candidatas podem apresentar suplentes até aos limites máximos seguintes:
a) Mesa da Assembleia Geral-3
b) Direcção-6
c) Conselho Fiscal-2

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) Alberto Pedro da Costa

Nacional

«Hoje há mais solidários que nunca com Cuba» é um slogan repetido a cada passo no acampamento Julio Antonio Mella pelas brigadas internacionais que vão a Cuba concretizar a sua solidariedade com a Revolução (PL)

SOLIDARIEDADE IGUAL A TRABALHO

Um grupo de portugueses estará um mês em Cuba

. Um grupo de portugueses irá pernamecer durante um mês em Cuba ao abrigo de um programa de solidariedade, consoante acordos recentemente assinados entre o Instituto Cubano para a Amizade com os Povos e a Associação de Amizade Portugal-Cuba. Idêntidos acordos foram firmados com associações congéneres da Itália, Súecia, Holanda, República Federal Alemã, Berlim Ocidenta, Suíça e Bélgica.

Cento e oitenta e cinco europeus permaneceram agora um mês em Cuba, integrados no terceiro contingente da Brigada Europeia José Marti. Cento e onze homens e 74 mulheres, que, inbuidos de alto sentido de solidariedade desembarcaram em terras cubanas no princípio de Julho, trabalharam afincadamente durante trinta dias, em projectos de construção civil, onde alcançaram elevados níveis de produtividade. Os edifícios destinavam-se a habitação de trabalhadores da fábrica têxtil de Ariguanabo, a cerca de 50 quilómetros do centro de Havana. O trabalho dos voluntários europeus foi fundamentalmente de acabamentos (instalação eléctrica, pintura, arranjo de áreas verdes) desses dois blocos de 24 e 25 apartamentos.

A estadia dos 185 europeus não se limitou ao trabalho. No acampamento Júlio António Mella, onde ficaram instalados, ouviram exposições sobre os diferentes aspectos do desenvolvimento ecomónico, político e social do país. As suas horas de lazer foram ocupadas com visitas pelas privíncias de Oriente e Camaguey e com um são convívio internacional.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/56327, arquivo 4, para o estabelecimento nas freguesias de S. Sebastião e S. Julião, concelho de Setúbal, de uma linha aérea a 30 kV, com 2691 metros, do apoio n.º 21 da linha S. Sebastião-Coina ao apoio n.º 21, de onde deriva a linha para o Posto de Transformação da IOI.A.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58199, arquivo 11023, para o estabelecimento na freguesia de Vale Remígio, concelho de Mortágua, de uma linha aérea a 15 kV, com 36 metros, do apoio n.º 7 da linha para o Posto de Transformação da Cerâmica de Mortágua, Lda., ao Posto de Transformação de Vale de Remígio-Gândara, da Câmara Municipal de Mortágua.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 10 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES ELECTRICISTAS DO CENTRO

R. SIMÕES DE CASTRO, 159, 1.º — COIMBRA

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS SINDICAIS

Convocam-se todos os Delegados Sindicais do Sindicato dos Trabalhadores Electricistas do Centro, para uma Assembleia que se realiza, na sede do Sindicato, no dia 29 de Setembro às 10 horas e que tem a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. — Congresso dos Sindicatos
2. — Legislação do Trabalho

Coimbra, 22 de Setembro de 1976

A DIRECÇÃO

Nacional

AÇORES, 1976

Vejam só esta irmandade!

DIAS DE MELO

Aquela gente da Ribeirinha não sabe viver sem partidos. Os de uma banda a uma banda, os do outro lado ao outro lado. Desde que me conheço, sempre assim tem sido.

Faziam, no seu dia, a 29 de Junho, a festa de S. Pedro, na Baixa, um lugarejo à beira-mar. Eram os de uma banda que a faziam. Os do outro lado foram fas pastagens, num sítio ràm fazer a sua festa de S. Pedro para o mato, nas pastagens, num sítio chamado o Paul.

Empenhos valentes de cá e de lá.

— Os da Baixa têm comédias de fora? — diziam os do Paul. — Pois também havemos de ter comédias de fora, nem que tenhamos de vender a camisa.

— Os do Paul têm a música da vila? — diziam os da Baixa. — Pois a gente há-de manda vir a música da cidade do Faial.

— Os da Baixa vão trazer uma companhia de circo? Vão? — diziam os do Paul. — Pois a gente também há-de mandar vir uma companhia de circo, nem que seja de Lisboa.

— Os do Paul vão ter cantoria com o Tenrinho e o Bravo da Terceira? — diziam os da Baixa. — Pois a gente também havemos de ter cantoria com o Charrua e a Trulu.

— A nossa festa é a melhor do Mundo e arredores! — afirmavam, a bater no peito, arrogantes, os do Paul.

— A nossa festa é a melhor deste Mundo e do outro — arrogantes e a bater no peito afirmavam os da Baixa.

E assim por diante, numa nunca mais acabar que às vezes acabava em arraiais de pancadaria.

Isto com as festas de S. Pedro, isto com tudo o mais.

Cansados de fazer partidos com as festas do chaveiro do Céu, faziam-nos com as **companhias** de pedreiros — que são famosos os pedreiros da Ribeirinha e são eles que têm construido a maioria das casas daqui por estas redondezas. Os pedreiros da Ribeirinha, arranchados em duas **companhias**, na dos Grotas e na dos Lopes.

— Não há pedreitos que cheguem aos da **companhia** dos Grotas! — diziam uns.

— Pedreiros como os da **companhia** dos Lopes não há outros em parte nenhuma! — diziam os outros.

E às vezes acabavam em arraiais de pancadaria.

Quando não encontravam na freguesia própria nada que os motivasse para se arregimentarem em partidos, procuravam-no nas freguesias vizinhas — se é que não acumulava, ao mesmo tempo, as motivações internas com as que lhes vinham de fora. Foi o que aconteceu quando houve duas filarmónicas e também dois partidos na Calheta de Nesquim.

— Viva a Música Nova! — clamavam os da Ribeirinha que torciam pelo Música Nova da Calheta — Por sinal, os mesmos que renhidamente aguentavam a festa do Senhor S. Pedro da Baixa, aonde aquela filarmónica marcava sempre presença.

— **A Nova, ña merda! A Música Velha é que sim!** — berravam os da Ribeirinha que tomavam parte pela Música Velha da Calheta — por sinal os mesmos que se empenhavam na festa do Senhor S. Pedro do Paul, aonde aquela não faltava.

E não faltavam, de quando em quando, arraiais de pancadaria.

Passaram-se anos e aquela gente sempre apartada em partidos acirrados e intransigentes, até que veio o 25 de Abril e se lhe seguiu a formação fervilhante dos partidos políticos no País. Sentiram-se que nem o peixe na água. E logo ali do pé para a mão se aferraram aos partidos que escolheram não sei com que critério: PS a um lado, PPD ao outro lado.

— Partido só um, o PS e mais nenhum! — aclamavam os PS's.

— Partido não há melhor que o PPD dos Açores! — aclamavam os PPD's.

E não faltava ocasião para mais um arraial de pancadaria.

Passou-se um ano, alguns meses mais se passaram, aproximava-se o dia da festa da Mata, que não mete santo nem santa, nem padre nem padreca, porque apenas música no palanque petisqueira nas barracas armadas à trudesca, e coisas a arrematar nas vozes rouquejadas dos pregoeiros improvisados. Nuna — e isto é coisa de espantar — houvera partidos com aquela festa. Mas de espantar — houvera partidos com aquela festa. Mas agora — e aqui é que bate o ponto — as coisas estão diferentes: aquela festa era, sem tirar nem pôr, de gente do PS!

. — Não hão-de fazer a festa — sentenciaram os do PPD.

— Não lho podemos quitar — consideraram alguns.

— Mas havemos de lhes tirar o povo de lá — argumentaram outros.

— Como? — queriam saber uns tantos.

Passaram dias a trabucar neste — **como?** — e decidiram:

. — Havemos de matar uma rês ou duas comprar uma carrada de pão e duas ou três pipas de vinho e pôr tudo à discrição de todos — alvitraram os mais afoitos.

— Bem lembrado! — apoiaram unânimes.

— Mas quem quiser comer e beber tem de ser do PPD — acautelaram os mais zelosos.

— Isso já se sabe — tornaram a apoiar com total unanimidade.

— E onde é que há-de ser a função?

. Discutidas várias opiniões e pesados diversos considerandos, acabou-se por assentar: a barrigada de carne acompanhada de pão e ensopada em vinho — havia de ser na Baixa.

— Mas se aparece lá algum PS... — disseram de novo os precavidos.

— Não deixamos que ele coma nem uma pisca de carne nem que beba uma lágrima de vinho! — Estavam todos de acordo.

Chegou com chuva e com vento o dia da festa da Mata e da pantagruelice da Baixa.

— Está a chover... — lamuriavam, de orelha, os do PS.

— Está a chover! — regozijavam-se, a pinchar de contentes, os do PPD.

Tanto choveu que os PSs não puderam ir por diante com a sua festa, que era ao ar livre e à sombra de uma mata de acácias.

Tanto choveu que os PPDs, pois que a chuva não impede que se coma e beba vinho na abrigada de uma casa, tiveram gente em barda.

Foram PPDs de todas as freguesias, foram PPDs de toda a Ilha, foram PPDs do Faial... Claro: PPDs que têm automóvel para se meterem à chuva e poderem deslocar — e são muitos os PPDs que dispõem deles —, ou dinheiro que bonde para os alugar na praça, na Madalena ou no Cais do Pico, nas Lajes ou na Piedade.

Tudo correu às mil maravilhas e só houve um pequeno deslize, aliás sem importância: um PS que se chegou à mesa e ia levar à boca uma garfada de carne, a primeira. Logo os PPDs da Ribeirinha deram pela marosca e se ingriparam com o cujo:

. — Larga da mão essa carne — e mosca-te daqui para fora! Já! Se não...

Este **se não** ia tão carregado da certeza de mais um arraial de pancadaria que o logo o pobre do PS se pôs ao fresco com quantas pernas tinha.

Os PPDs fartavam-se de carne e fartavam-se de vinho.

Os PPDs da Ribeirinha babavam-se, a olhar para os comensais atulhados:

. — Vejam só esta irmandade! Estamos aqui que nem Deus com os seus Anjos! Até Nosso Senhor está com a gente e é contra aqueles hereges do PS — e tanto que nem deixou que eles fizessem a sua festa!

O nosso camarada da redacção Josué da Silva acaba de lançar mais um livro, «OS Três Dias do Diabo», focando acontecimentos do 25 de Novembro. Trata-se de uma crónica romanceada dessa época, misto de depoimento e reflexão, onde o autor confirma os dotes revelados em obras anteriores. Já houve uma sessão de autógrafos, que a foto documenta: foi na Livraria Dany, em Paço de Arcos.

Sector Têxtil recupera

. A análise do sector têxtil em Portugal, a recuperação económica na Europa Ocidental e a sua influência nos nossos mercados externos e ainda a necessidade de apoio por parte da banca, foram alguns dos pontos referidos à Anop pelo dr. Domingos Viana Simões, presidente da Direcção do Instituto dos Têxteis.

Analisando o sector têxtil, Viana Simões diria que «ao contrário do que por vezes tem sido divulgado, está em plena recuperação. Do ponto de vista financeiro a situação continua muito má, pois a descapitalização acontecida nos anos de 74/75 não foi ainda recuperada nem, evidentemente, o poderá ser rapidamente, sem o recuso a meios extraordinários. Mas do ponto de viya económico a situação geral, fora alguns grupos de empresas sem viabilidade, é agora francamente boa: carteiras de encomendas repletas, óptimas perspectivas para 1977, isto quer relativamente aos mercados externos quer ao mercado interno, preços relativamente compensadores, em especial no que refere ao mercado interno, e maior produtividade que em 1975, embora ainda inferior a 1973».

Cianeto de vinil descarregado em segurança total

«Tudo se passou normalmente e como era de esperar!...» — suspiraram de alivio os técnicos da «Operação Acrilonitrilo» uma vez terminada a descarga de 1300 toneladas de cianeto de vinil sem qualquer tipo de acidentes.

Lembra-se, conforme o «D. L.» abundantemente noticiou, que se esperava de algumas semanas a esta parte um carregamento de acrilonitrilo com destino à Fisipe (Fibras Sintécticas de Portugal, S. A. R. L.) e à produção de fibras acrílicas. A importância do carregamento, a perigosidade do produto e o facto de ser a primeira vez que uma descarga do género se realizava em Portugal fizeram com que as autoridades e a Capitania do porto de Lisboa rodeassem a operação dos melhores cuidados e das mais severas normas de segurança.

Efectivamente, para além dos técnicos competentes colaboraram ainda na descarga técnicos holandeses e ingleses, pessoal da Fisipe, representantes da Capitania e uma equipa de segurança constituída por cerca de 180 homens.

Formação de directores financeiros

. Para fazer face à carência de directores financeiros capazes, o Instituto Nacional de Investigação Industrial vai realizar, com início em 11 de Outubro próximo, um ciclo de direcção financeira, através da sua divisão de Formação e Aperfeiçoamento.

Qualquer informação sobre o assunto pode ser solicitada à Divisão de Formação e Aperfeiçoamento do I.N.I.I., Rua Filipe Folque, n.º 2-6.º dt.º.

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDUSTRIA HOTELEIRA E SIMILARES DO DISTRITO DE FARO

COMUNICADO

RECUPERAÇÃO CAPITALISTA ENCONTRA FIEIS SERVIDORES ENTRE DIRECTORES DE HOTELARIA

. Seguindo as brilhantes «tiradas» dos Capitalistas da C.I.P. e da C.A.P. o Director do HOTEL D. FILIPA, estrangeiro arrogante e **Perito em Falências e Perseguições**, PIERRE JEAN ROGER VACHER, tenta vergar os sindicatos, exercendo pressões e perseguições sobre Dirigentes, Delegados Sindicais e membros da Comissão de Trabalhadores.

De facto, este Senhor tenta arranjar motivos para suspender e despedir dirigentes e Delegados Sindicais da Empresa. Assim aconteceu com o ex-dirigente Sindical JAIME DE SOUSA que, após feroz perseguição teve de abandonar a Empresa. Suspende ainda ilegalmente o camarada JOSÉ RODRIGUES, elemento da Direcção deste Sindicato, ameaça constantemente o Delegado Sindical CARLOS ALBERTO DOS REIS CORREIA, oferece indemnizações a actuais dirigentes deste Sindicato e nestes últimos dias despede o trabalhador EUGÉNIO GOMES DE MELO, chefe da Portaria do Hotel e profissional exemplar com mais de 50 anos de profissão.

É necessário alertar todos os trabalhadores contra estas manobras, servidoras dos sectores Capitalistas, que tentam afectar e dificultar a missão de todos aqueles que lutam pela causa dos trabalhadores.

Igualmente a Direcção deste Sindicato entende que deve ALERTAR as Autoridades competentes para os perigos que representam actuações deste género, propícias à desestabilização do Sector.

. . . . . ABAIXO A C.I.P. e C.A.P.
. . . . . CONTRA O AVANÇO DO CAPITAL
. . . . . PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES

. Faro, 23/9/76

A DIRECÇÃO

PUB.

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Moções aprovadas por aclamação na Assembleia Geral Extraordinária do dia 22 de Setembro de 1976, na Voz do Operário, em que estiveram presentes 1.200 sócios.

MOÇÃO
SOBRE DESPEDIMENTOS

Considerando:

1. Que o desemprego é um mal que já atinge, no nosso País, centenas de milhares de trabalhadores;

2. Que a proibição do despedimento sem justa causa é uma conquista das classes trabalhadoras alcançada depois do 25 de Abril e reconhecida na própria Constituição da República;

3. Que o despedimento com justa causa deve ser limitado a razões muito precisas, todas elas claramente definidas nos Contratos Colectivos de Trabalho e nas leis, e que deve ser assegurado ao trabalhador o direito de defesa;

4. Que a liberalização do despedimento é uma reivindicação da CIP, confederação dominada pelo grande patronato monopolista, como forma de fazer pagar principalmente aos trabalhadores as dificuldades económicas com que o nosso País se debate;

5. Que o Ministério do Trabalho pretende publicar legislação sobre esta matéria, sem permitir o seu amplo debate pelas classes trabalhadoras.

Os trabalhadores rodoviários do Distrito de Lisboa, reunidos em Assembleia Geral do seu Sindicato no dia 22 de Setembro de 1976, na Voz do Operário, decidem:

1. Repudiar a proposta da R.N. em relação ao despedimento com justa causa (Cláusula 36.ª da Contraproposta), pois ela visa claramente facilitar o despedimento de trabalhadores em empresas nacionalizadas e representa, em relação ao CCT em vigor, um claro retrocesso;

2. Repudiar qualquer medida legislativa do Ministério do Trabalho elaborada nas costas dos trabalhadores que vise das satisfação ao patronato, facilitando o despedimento;

3. Afirmar que na elaboração de legislação sobre os despedimentos devem participar amplamente os trabalhadores, através dos seus sindicatos e das suas Comissões de Trabalhadores, como claramente obriga a Constituição da República.

Lisboa, 22 de Setembro de 1976

Esta Moção é para ser enviada ao:
— Ministério do Trabalho
— Primeiro-Ministro
— Conselho da Revolução
— Presidente da República
— Imprensa:
Diário
Diário de Lisboa
Diário Popular
Diário de Notícias

MOÇÃO

— Considerando que uma das maiores conquistas dos Rodoviários foi, sem dúvida, o seu horário de trabalho, apenas com a intermitência de 2 horas;
— Considerando que a Rodovia Nacional e o patronato reaccionário pretendem tirar tal regalia, que custou anos a adquiri-la;
— Considerando que só na unidade se conseguirá manter;
— Considerando que a proposta do contrato é um atentado aos trabalhadores;

OS TRABALHADORES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA REUNIDOS EM ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA; DECIDEM:

1) Repudiar a contraproposta;
2) Os trabalhadores rodoviários saberão responder serena e decisivamente a todas as manobras;
3) Apoiar incondicionalmente toda e qualquer posição assumida pelos Sindicatos Rodoviários.

APROVADA POR ACLAMAÇÃO!

MOÇÃO

Considerando que só na unidade de todos os trabalhadores rodoviários se consegue avançar;
— Considerando que o pluralismo pretende dividir o movimento sindical, para reinar;
DECIDEM:
1 — Apoiar incondicionalmente o Congresso de todos os Sindicatos, pela unidade de todos os trabalhadores.
2 — Repudiar o pluralismo.

APROVADA POR ACLAMAÇÃO!

Lisboa, 22 de Setembro de 1976

MOÇÃO

Os trabalhadores rodoviários reunidos em Assembleia Geral Extraordinária na Voz do Operário em 22/9/76.
Considerando
Que os bombistas agiram durante muito tempo na mais perfeita impunidade, atacando aqui e além trabalhadores e instituições que lutam pela defesa dos nossos interesses comuns;
Considerando
Que as forças reaccionárias, as únicas responsáveis por tais crimes têm vindo a levantar as maiores barreiras ao desmantelamento total da rede de bombistas;
Considerando
Que apesar de denunciadas eles continuam a atentar a democracia e os direitos dos cidadãos;
DECIDEM:
1) Repudiar os atentados bombistas e as forças que os apadrinham:
2) Exigir das autoridades o completo desmantelamento da rede bombista, doa a quem doer.
3) Exigir ainda do Governo, a prisão, julgamento e condenação de todos os implicados, quem quer que eles sejam, pois não existe democracia enquanto as forças reaccionárias puderem actuar livremente contra os direitos dos cidadãos.

Lisboa, 22 de Setembro de 1976

Geral

Nova quebra na produção de aço

. A produção de aço bruto, que em Abril último havia descido de 14,2 por cento em relação ao mês anterior, voltou a registar uma quebra substancial em Maio: menos 24,3 por cento do que no mês anterior.

Esta quebra da produção de aço bruto reflecte bem as dificuldades que a indústria nacional tem conhecido.

É de sublinhar que apesar da baixa observada em Abril de 1976 relativamente a Março deste mesmo ano, a produção era superior em 23 por cento à de igual mês de 1975; o mesmo não se verifica, contudo, em Maio de 1976, pois aí a tendência é já inversa, indicando uma quebra de 28,6 por cento em relação a igual mês de 1975.

Os indicadores fornecidos pelo I.N.E. sobre a evolução da actividade económica são mais tranquilizadores no que diz respeito ao consumo de cimento e ao aumento de licenças concedidas para novas construções, o que vem confirmar uma certa reanimação da construção civil. Idêntica tendência se observa nos cimentos. A quebra da produção de aço bruto é significativa, no entanto, do insuficiente nível de actividade de sectores-base da indústria, como a construção de material de transporte, a construção de maquinas, aparelhos, utensílios e outro material eléctrico, a construção de máquinas não eléctricas e a fabricação de produtos metálicos.

Delegação da Inter no Iraque

. BAGDAD, 27 — (IPS) — Os sindicatos portugueses e iraquianos denunciaram a ocupação israelita dos territórios árabe e a usurpação dos legítimos direitos do povo palestiniano.

Num comunicado conjunto publicado no fim da visita ao Iraque, iniciada no passado dia 16 por uma delegação da Intersindical, a convite da Federação Geral dos Sindicatos do Iraque, ambas as partes saudaram a heróica resistência do povo palestiniano contra a ocupação sionista e as conspirações imperialistas e pelo seu direito à autodeterminação, inclusive o direito à construção do seu próprio Estado, em todo o seu território, a Palestina.

Ambas as partes denunciaram também as forças direitistas e traidoras do Líbano e a intervenção militar estrangeira naquele país.

Além disso destacaram que os acontecimentos no Líbano estão estreitamente ligados com a aplicação de um programa capitulacionista perante o inimigo racista e sionista.

Igualmente denunciaram a política do «apartheid» e da discriminação social e reafirmam a sua solidariedade com a luta dos movimentos de libertação nacional e o seu apoio aos povos africanos que lutam pela sua independência.

Igualmente reafirmaram o seu apoio à luta do povo chileno contra a Junta Militar que governa esse país com a luta dos outros povos latino-americanos.

A declaração termina com o acordo de continuar a reforçar as relações bilaterais e a estreitar os laços de militância entre ambas as organizações.

Duas medalhas para conservas portuguesas

LONDRES, 27 — As conservas portuguesas «Ramírez» acabam de obter medalhas de ouro e de prata na 15.ª Olimpíada da Qualidade, que teve lugar nesta cidade e durante a qual foram apreciados e julgados produtos de todas as providências.

As medalhas obtidas pelas conservas «Ramirez», concedidas respectivamente a conservas de atum e sardinha, tem um interesse muito especial para a indústria nacional que, no momento presente, tanto carece de novos mercados.

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

CONVOCATÓRIA
REUNIÕES REGIONAIS DE SÓCIOS
ORDEM DE TRABALHOS

1. — Análise Discussão e Deliberação sobre o Congresso dos Sindicatos.
2. — Análise, Discussão e Deliberação sobre o C. C. T. Único e Vertical

DIA	HORA	LOCAL	PARA OS TRABALHADORES DAS SEGUINTES REGIÕES:
29/9/76 4.ª Feira	21H00	Na sede do N/ SINDICATO Rua Conde Redondo, 60-5.º/ LISBOA	Da Zona de Lisboa (Linha de Cascais e Sintra até à Amadora e Benfica)
30/9/76 5.ª Feira	21H00	Na N/Delegação do Cacém-Largo da Estação, Lote 4-1.º Dt.º / CACÉM	Da Zona do Cacém (Sintra, Sabugo, Ericeira, Mafra e Torres Vedras)
1/10/76 6.ª Feira	21H00	Na N/Delegação de Moscavide — Rua Dr. João Gomes Patacão, 26-1.º/ Moscavide	Da Zona de Moscavide a Vila Franca (Sacavém, Póvoa de Santa Iria, Alhandra, V. F. Xira e Alenquer)
2/10/76 Sábado	15H00	Em Torres Novas na Alcadaria do Castelo	Da Zona de Torres Novas (Santarém, Minde, Mação, Entroncamento, Almeirim, Alcanena e Tomar)
4/10/76 2.ª Feira	21H00	Na Sociedade Filarmónica — União Associativa Piedense/COVA DA PIEDADE	Da Zona de Almada e Setúbal (Setúbal, Cova da Piedade, Arrentela
5/10/76 3.ª Feira	15H00	Na N/Delegação do Barreiro Rua Miguel Pais, 30 / BARREIRO	Da zona do Barreiro (Alhos Vedros Moita, Montijo e Coina)
6/10/76 4.ª Feira	21H00	Na Cooperativa Nova Era / FARO	Da Zona de Faro (Olhão, Portimão, Lagos e Albufeira)
7/10/76 5.ª Feira	15H00	Na MELKA — ÉVORA	Da Zona de Évora
8/10/76 6.ª Feira	21H00	Na N/ Delegação de Portalegre Rua 1.º de Maio, 59-1.º/PORTALEGRE	Da Zona de Portalegre

DIA 29/10/76 — 4.ª FEIRA — PLENÁRIO GERAL DE DELEGADOS — NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO PELAS 14H00.

DIA 10/10/76 — Sábado — ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA — NA VOZ DO OPERÁRIO PELAS 14H30.

— COMPARECE, POIS A TUA PRESENÇA MAIS DO QUE NUNCA É NECESSÁRIA.
— EM FRENTE COM O CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES, PELA REESTRUTURAÇÃO DA CENTRAL SINDICAL ÚNICA — INTERSINDICAL E PELA UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES PORTUGUESES!
— EM FRENTE PELO NOSSO C. C. T. ÚNICO E VERTICAL!
— CONTRA O FASCISMO, CONTRA A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA E CONTRA O IMPERIALISMO!

VENCEREMOS!

Lisboa, 23/9/7
P/ A DIRECÇÃO

Trabalho

NA S.N.A.P.A.

23 pescadores despedidos e prepotências a bordo

O Sindicato Livre dos Pescadores aguarda até amanhã a resposta do subsecretário de Estado das Pescas sobre a anulação do despedimento «com justa causa» de 23 pescadores da empresa nacionalizada SNAPA, e a elaboração de um inquérito sobre o processo.

Os Sindicatos ligados à Federação decidiram solicitar a intervenção daquele membro do Governo para resolver esta questão, que consideram injusta e nalguns aspectos até ilegal, e a seu pedido fizeram uma exposição por escrito, juridicamente fundamentada, à qual o secretário de Estado prometeu responder até amanhã. Se a resposta for desfavorável e confirmados os despedimentos, o Sindicato dos Pescadores esclarecerá toda a classe quer da pesca do alto quer da pesca longínqua, sobre a situação e agirá de acordo com as decisões tomadas, que poderão ter graves consequências.

O processo teve origem no comportamento do capitão do barco «Praia de Santa Cruz», da SNAPA, Adolfo Paião, comportamento que os 23 pescadores não aceitaram e que o sindicato considera prepotente. Alguns incidentes marcaram a partida do «Praia de Santa Cruz», em 17 de Março passado, cuja tripulação ficou abrangida por um contrato especial dado que a viagem se destinava exclusivamente à pesca do chicharro no sudoeste africano e não a várias espécies de pescado, como acontece geralmente com os outros navios.

Segundo o sindicato, a assinatura do contrato não foi tarefa fácil, pois já então o capitão criou dificuldades várias. Uma semana depois da partida, o capitão deu ordens ao contra mestre para os pescadores pintarem o navio, o que eles não são obrigados a fazer. No princípio de Abril, de novo a prepotência do capitão se manifesta, ordenando que os pescadores lançassem redes ao mar depois de cumprido o seu horário.

Face a este comportamento, a tripulação elegeu uma Comissão de Trabalhadores, que o capitão não quis reconhecer, mas mandou vigiar estritamente pelos encarregados de serviços.

A má qualidade da alimentação especialmente para os marinheiros foi também motivo de descontentamento destes. Antes do navio ter saído a 22 de Abril do porto africano Walvis Bay, de novo o capitão mandou os pescadores pintarem o costado do barco ao que estes se recusaram.

Uma hora antes do navio abandonar o porto, os pescadores foram informados que o mestre de redes não embarcaria, alegando o capitão (que o contratara) incompetência daquele trabalhador. Os marinheiros recusaram-se a partir pois não queriam pescar sem mestre. O capitão respondeu-lhes que o substituto do mestre viria «quando calhasse», que os argumentos dos pescadores eram ilegais e que os seus vencimentos tinham já sido cortados por não querem pintar o costado do barco. Como mantivesse esta atitude, os pescadores decidiram desembarcar, tendo sido mais tarde repatriados pela SNAPA. O «Praia de Santa Cruz» seguiu o seu caminho com tripulação africana e alguma ida de Portugal, sem o Sindicato ter conhecimento, o que é ilegal.

Em Lisboa, em Maio, os 23 pescadores foram suspensos com o vencimento mínimo nacional e alvo de um inquérito em que depuseram com o apoio do sindicato.

Novo impasse no sector conserveiro

sindicatos culpam a Secretaria de Estado das Pescas

«Depois de 25 dias de actividade da comissão técnica encarregada de resolver o litígio laboral do sector da indústria de conservas chegou-se a uma situação de impasse, impasse esse que se vem arrastando desde há uma semana a esta parte», informam os Sindicatos das Conservas, em comunicado agora divulgado.

Os sindicatos responsabilizam a Secretaria de Estado das Pescas pela situação criada quando propôs um aumento de apenas dez por cento «sem qualquer apoio objectivamente fundamentado». A representação sindical rejeitou e continua a rejeitar esse valor, pois o aumento do custo de vida verificado entre Maio de 1975, data do início da vigência do contrato colectivo em revisão, até ao momento presente, orca os 23 por cento.

Acusam os sindicatos: «A Secretaria de Estado das Pescas dramatizando a situação da indústria, tem feito sua a demagogia patronal, e, sem nunca ter apresentado um simples estudo sequer, continua a insistir em dez por cento afirmando ser este o limite suportado pela indústria».

A representação sindical na comissão técnica encarregada da elaboração da portaria regulamentadora de trabalho para o sector, pelo contrário, tem apresentado estudos e estatísticas em que se demonstra que o peso da mão-de-obra no produto acabado (conservas) é extremamente baixo. «Com efeito, tendo em conta os diversos factores de produção, estima-se que a nível de produto acabado os efeitos produzidos por uma justa actualização salarial não vai além de 5,6 por cento na Zona Norte e de 9 por cento da Zona Sul» revelam os sindicatos. Tal qualificação, de resto, é confirmada por uma empresa intervencionada e fundamenta-se nos resultados de um inquérito realizado às 112 empresas existentes.

Por tudo isto, os sindicatos manifestam estranheza pela posição da S.E.P., que não só se opõe à dos trabalhadores como entra em contradição com uma proposta d Ministério do Trabalho, cujos serviços haviam apresentado uma tabela salarial alternativas balizadas entre os 5100 escudos e os 5700 escudos, para as operáris, e entre os 6900 e os 7500 escudos, para os operários.

«Será que se pretende impor a recuperação do sector à custa dos trabalhadores que continuam sendo dos mais mal pagos do País? Ou será que haverá outras rezões que os governantes não ousam esclarecer?» — perguntam os sindicatos.

De qualquer forma, deixam uma creteza: «Os trabalhadores não irão permitir que o aumento do custo de vida não seja considerado para a actualização salarial».

DESPACHANTES E ADUANEIROS

Duas listas concorrentes para os corpos gerentes

. As eleições dos corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Ajudantes e Praticantes de Despachante Oficial, Despachantes Privativos e Agentes Aduaneiros, para o biénio 1977/1978, realizam-se no dia 20 do próximo mês, com o concurso de duas listas, A e B.

O programa da lista A, de que fazem parte dois elementos da actual direcção, afirma que «é tempo de os trabalhadores escolherem os seus dirigentes sindicais baseados nas reais capacidades e nas provas dadas, não só no âmbito profissional como no das relações de trabalho e nas posições assumidas face aos interesses da classe».

No que se refere ao direito ao trabalho, embora reconhecendo que não há condições para o seu efectivo cumprimento, afirma-se no programa desta lista que «importa por isso garantir a sua existência através da revisão do nosso CCT». Ponto programático é, também, «lutar pela verticalização sindical de todos os trabalhadores dos despachantes», bem como «promover a formação profissional dos associados (...) de forma a evitar situações de chocante incapacidade perante a complexa matéria aduaneira, por parte de muitos trabalhadores que são levianamente lançados para o desempenho de serviços acima dos seus conhecimentos».

No programa da lista A é ainda contemplada a reestruturação do sector: «Pretendemos dar continuidade aos trabalhos já iniciados (...) estando alerta contra manobras patronais tendentes a recuperar a seu favor o projecto apresentado e exigindo do Governo uma clara definição quanto à defesa dos interesses dos trabalhadores e à salvaguarda dos seus postos de trabalho».

Quanto à legislação do trabalho, e entendendo que «numa sociedade justa as leis devem ser elaboradas com e para os trabalhadores», os componentes da lista entendem que não devem ser «lesados os nossos interesses através de uma política de resolução unilateral por parte de quem será menos afectado por tais medidas».

Atendendo à função social da Previdência, propõe a lista A que «o seu controlo seja exercido pelas organizações democráticas dos trabalhadores».

A questão da Central Sindical é encarada da seguinte forma: «A defesa da unidade dos trabalhadores passa pela existência de uma Central Sindical Única, forma de tornar inviável o controlo por forças estranhas às organizações sindicais, que o aparecimento de outras centrais sindicais ocasionaria com a consequente divisão dos trabalhadores».

O desemprego e o sub-emprego que também atinge este sector, merece uma proposta de acordo com a qual a reestruturação «em moldes que permitam a integração da classe numa actividade aduaneira totalmente diferente da que existe é a única forma que poderá garantir o emprego a todos os trabalhadores».

CONFLITO NA ALCIDES FERREIRA

Venda de granito será a favor do pessoal

. Em reunião efectuada no Ministério do Trabalho em que estiveram presentes representantes dos trabalhadores, do Sindicato dos Pedreiros, e da União dos Sindicatos ficou acordado que no caso de os trabalhadores das «Pedreiras Alcides Ferreira» procederem ao embarque do granito retido no Castelo do Queijo, a importância paga pelo comprador estrangeiro será posta à disposição do sindicato a fim de satisfazer parte dos salários em débito aos trabalhadores. O granito em causa que, conforme noticiámos, deveria ter seguido para a Dinamarca há alguns dias, tem o valor de 605 contos, mas uma parte desse dinheiro será destinada ao pagamento de outros compromissos pelo que só piuco mais de 200 contos serão afectos ao salário dos trabalhadores.

Acordou-se também que fossem consultados mais uma vez os trabalhadores, a fim de tentar obviar ao problema do embarque da pedra uma vez que o navio só ficará em Leixões até hoje.

Por outro lado, quanto a outros problemas que levaram os trabalhadores a ocupar os escritórios da firma e a reter o granito não houve avanço considerável uma vez que não tem sido possivel negociar com o patrão. Este passou uma declaração de pequenos poderes a um sobrinho também gerente da firma e um advogado, mas os trabalhadores acusam igualmente estas duas pessoas de nunca terem dado uma resposta clara aos trabalhadores sobre os dois meses de salário em atraso, os subsídios, o abono de família e os retroactivos.

Hoje haverá nova reunião em que participam também representantes da banca e das pequenas e médias empresas. Entretanto, saliente-se, que os contactos telefónicos com os escritórios se tornaram impossíveis por corte da linha, informando os correios que o telefone da firma se encontra «cortado temporariamente».

Rodoviários discutem contraproposta da R.N.

O Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa está a promover plenários locais entre os seus associados para discussão da contraproposta ao Contrato Colectivo de Trabalho Vertical apresentada pela Rodoviária Nacional.

A contraproposta apresenta cláusulas que alteram substancial e desfavoravelmente para os trabalhadores situações já existentes, como por exemplo o estabelecimento de horários intermitentes, podendo os trabalhadores ficar ligados às empresas 13 horas por dia, sem recebimento de horas extraordinárias.

O Congresso dos Sindicatos e a dinamização da União Sindical Local são outros pontos importantes da ordem de trabalhos proposta pelo Sindicato para estes plenários, estando já marcados, hoje, às 21 horas, na delegação do Sindicato dos Transportes Rodoviários, de Cascais; outro amanhã, também às 21, na delegação de Mem Martins e um terceiro plenário na quinta-feira, dia 30, às 21 horas, na delegação de Torres Vedras.

PORTO DE LISBOA

Assembleia geral por causa de reintegrações

. Mais uma reintegração de um saneado da Administração-Geral do Porto de Lisboa provocou da parte dos trabalhadores (secretariado da C.T., Comissão Pró-Sindicato e Sub-comissão de Saneamento) uma imediata reacção. Desta vez a reintegração respeitava «a um professor de Direito — que direito? — da famigerada Escola da PIDE», Pedro Domingues dos Santos, ex-consultor jurídico da A.G.P.L.. Antes, tinha-se verificado outro caso com um engenheiro, Saraiva Cabral.

Aquelas três organizações da A.G.P.L. face à tentativa de reintegração («anulação da pena de demissão») do ex-consultor jurídico, decidiram não permitir a sua reintegração e convocaram uma Assembleia Geral de Trabalhadores, a realizar no dia 29, para uma tomada de posição sobre o assunto.

Contudo, ao entregarem nota desta deliberação à administração, tiveram conhecimento de que o «reintegrado» já se encontrava num gabinete e que a administração nada podia fazer por se tratar de uma decisão legal. Daí que as Comissões tenham assumido a responsabilidade da «imposição do imediato abandono das instalações pelo referido senhor, o que veio a acontecer».

Face a estes dois casos, entendem as três organizações que «os trabalhadores não desanimarão e saberão, disso temos a certeza, repudiar quem não lhes oferece condições para desempenhar cargos que só poderão ser ocupados por quem esteja integrado no espírito da Constituição para uma gestão democrática da empresa».

Um caso... de acidentado no trabalho

O sr. Francisco Martins Ourique, sócio n.º 20 606 do Sindicato Nacional dos Profissionais de Artes Gráficas do Distrito de Lisboa, ficou muito surpreendido quando foi receber o salário que lhe é devido na condição de sinistrado no trabalho, e que lhe foi pago por intermédio da companhia seguradora. É que, contou-nos, o seu ordenado é de cerca de oito mil escudos mensais e, agora, ao receber o dinheiro que lhe é devido, foi-lhe paga a quantia de 122 escudos por cada dia em que esteve com baixa.

Assim, aquele trabalhador da empresa de artes gráficas Cartotipe, Lda., interroga-se sobre o que vai fazer, uma vez que o dinheiro praticamente não lhe dará para pagar a renda ao senhorio. E interroga-se, também, se é «isto» a assistência aos trabalhadores acidentados no trabalho...

Nacional

Agarófita é o nome de uma alga que prolifera junto ao cabo Espichel e Peniche. Em 1945, as populações fixadas perto do mar, descobriram que essa planta rendia dinheiro. Começaram a apanhá-la na borda de água, utilizando dois processos rudimentares: com os ancinhos (ou gadanhas); e com as mãos — quando a alga era atirada para a praia... Depressa apareceram os intermediários. Compram o material directamente aos apanhadores. Pelo dobro do preço vendem-no às fábricas de transformações de algas. Dessas plantas de côr castanho-avermelhado e simetricamente ramificadas extrai-se um produto chamado **Agar-Agar** que se emprega na indústria alimentar, na feitura de medicamentos e de produtos de beleza. De início não havia fábricas transformadoras. As algas eram pura e simplesmente exportadas. Mais tarde surgiram três fábricas, no Continente e duas nos Açores — onde predominava o capital estrangeiro. Os japoneses montam a «Unialgas», em Coina. Os espanhóis fundam a «Ibergare», em Alverca. Os italianos criam a «Agar», nos Açores. Bem... existe a «Sicomol», na Figueira da Foz, que pertence ao Banco Pinto Magalhães, hoje nacionalizado. Na altura dos barcos «amarelos», a Junta Central das Casas dos Pescadores, dirigida pelos «tubarões» das pescas (Henrique Tenreiro, Canelas, Boavida e companhia) metem-se também no negócio. Na qualidade de organismo «moralizador» que cobrava uma taxa sobre o material vendido. Isto foi em 1966, quando apareceram os barcos «amarelos» que levam a bordo quatro mergulhadores, aperfeiçoando-se assim o processo da apanha das algas. Após o 25 de Abril, os apanhadores de algas libertaram-se dos intermediários. Decidiram formar uma cooperativa: a «Estrela do Sul». A Junta estoirou. Os «tubarões» também.

BARCOS AMARELOS E 'AYOLAS"

Ganhar muito e ganhar pouco com a apanha das al

Texto de LOURDES FÉRIA

Entretanto, os homens das povoações junto ao cabo Espichel continuam a apanhar algas. Durante quatro meses vão às algas. No restante tempo trabalham na terra. Entre o mar e o campo consomem as vidas...

Azoia, Alfarim, Aldeia do Meco, Zambujal são povoações habitadas pelos apanhadores de algas. Da praia das Bicas ao cabo Espichel, aassando pela praia dos Lagosteiros, formou-se uma zona de grande concentração de algas. Aí, os apanhadores montaram cabanas de palha onde guardam os instrumentos de trabalho: as **gadanhas** e os botes vulgarmente conhecidos por **ayolas**.

Descemos à praia dos Lagosteiros, uns metros a norte do cabo Espichel. Lá em baixo, numa pequena baia, amparada por altas arribas, alguns homens apanhavam algas — algas que o mar arrojava para cima dos calhaus. As cabanas, as **ayolas** e a natureza escarpada compunham um cenário selvagem.

Naquele dia as **ayolas** não foram para o mar. Com mar bravio os homens não arriscam. Esperam que ele acalme. Vão, entretanto, apanhando as algas que o mar generosamente lhes oferece. Muita gente já desistiu de arrancar algas ao mar. Dedicam-se apenas à apanha de **arrojo**.

UM ALENTEJANO DE «GEMA»

Francisco Lopes, homem de 63 anos, alentejano imigrado na Azoia, é um desses:

. **Era trabalhador rural na minha terra. Parti do Alentejo porque a fome era muita. Vim trabalhar para as pedreiras. Depois... dediquei-me também à apanha das algas. Sou apanhador de arrojo. Vendo as algas que apanho por minha conta à cooperativa.**

O alentejano, nascido na Corte Figueira, concelho de Almodover, abalou da sua terra há cerca de quarenta anos. A sua vida tem sido um deambular constante por várias profissões.

Trabalhei em Serpa com uma parelha numa casa agrícola. Estive na barragem Salazar, em Alcácer do Sal. Trabalhei também nas estradas como calceteiro em diversos pontos de Portugal. Agora, há 11 anos, assentei nesse serviço. Já me esquecia de dizer que guardei porcos quando tinha 7 anos. Apanhava cada meia! E ganhava só a comida! Imagine você que vim de minha terra até Alcácer do Sal a pé... Quando trabalhava com a parelha em Serpa, por volta das quatro horas da manhã, já estava de roda de uma açorda. Quando em me disponho a contar a minha vida esta gente aqui da Azoia até fica maluca...

O homem interrompe o diálogo. Agarrou a trajectória do meu olhar: cravado na camisola amarela que ele vestia. De facto, o símbolo do 25 de Abril — os cravos pintados de um vermelho desmaiado pelas frequentes lavagens, despertou-me a atenção. Por baixo dos cravos, letras. E a palavra: «Liberdade».

Eu às vezes trago uma camisola com a foice e o martelo. Agora deixei praticamente de a usar porque um senhor que estava na praia passou o tempo a olhar para mim. Não sei se era por bem ou se era por mal. As pessoas que não se habituaram a trabalhar não gostam de ver a foice junta com o martelo. A foice faz doer o corpo. Castiga muito os rins. Eu conheço o peso dela. Gosto da camisola e ainda mais da foice e do martelo... Cada um usa o que quer. Estamos ou não em liberdade?

. O homem, alentejano não degenerado, mostra as gengivas descarnadas:

. **Aqui, na vida da apanha das algas, o ganho não é certo. Há dias em que se apanha uma boa porção, enquanto nos outros não se apanha nada. Quando o mar está bravo puxa tudo para dentro. Começa a estar macio e atira as algas para fora. Geralmente apanhamos as algas com as** nassas...

Mas quanto é que você ganha? — insistimos.

Pode ser uns cento e cinquenta escudos... Depende do mar. Quem ganha bem são os que vestem fatos de mergulhador. Vão ao fundo buscar as algas. No entanto, esses andam muitos arriscados...

As cabanas que vimos na ribanceira, debruçadas sobre a praia, servem não só para guardar as ferramentas de trabalho como as próprias algas. No tempo da apanha muitos apanhadores vivem nas cabanas. Diz Francisco que é para se anteciparem aos outros que têm de vir das suas casas, nas aldeias. Contou-nos, também que a apanha das algas depende das marés. **De três em três quartos de hora a água vai descendo**

Homens que lidam com o mar conhecem as suas regras.

A tripulação do «Jesus da Galileia» descarrega o produto de um dia de trabalho

Cena quotidiana na «Estrela do Sul»: o enfardar das algas

AS ALGAS ERAM DO POVO

Silvério Tecelão Lopes, 50 anos, outro apanhador de algas. Dono de uma «ayola», arranca com um ancinho cerca de uma saca de algas por dia quando o mar está calmo. Outras vezes anda três ou quatro dias para apanhar a mesma quantidade. Tudo depende dos caprichos do mar...

«Trabalho nas algas há 15 anos. Fora do tempo das algas trabalho no campo. Tenho meio hectare de terra e trago mais cinco de renda. Se a terra desse para viver não vinha ao mar».

Eis uma resposta de Silvério a uma pergunta nossa: «Não sei nada de política. Não sei ler. Dizem que o Governo está efectivo. Parece que nos vai dar mais qualquer coisa pelo trigo».

Silvério Tecelão Lopes tem meio hectare de terra, um bote para ir ao mar, uma cabana para guardar as algas. É dono de qualquer coisa...

Manuel Moreno dos Santos, pelo contrário, não possui nada de seu. Cinquenta e nove anos de vida. De cansaço. Sempre andou no mar: algas ou pesca.

«Cheguei a ganhar 10 tostões por dia. Somos uns miseráveis. Nesta vida só se apanha dores no corpo. Estou aqui que nem posso com as pernas. Hoje não fomos para o mar. Quando o mar está bravo ficamos logo com medo dele. Claro que somos sócios da cooperativa. Entrei com 500 escudos. Lucros, ainda não vi nenhum. Acho que é melhor a cooperativa porque assim não estamos nas mãos dos intermediários».

Raro é o apanhador de algas que não apresente queixas contra os «burgueses» que se entretêm com a pesca submarina. Manuel Ribeiro dos Santos, um dos contestadores desse desporto, salientou vários aspectos da apanha das algas.

«Antes de praticarem aqui a caça submarina isto era um paraíso. As algas eram do povo. Éramos todos ricos. Apareceram os barcos compressores e estragaram tudo. Ganham muito mais do que nós porque vão buscar as algas ao fundo do mar. E apanham só a alga boa — aquela que é paga a vinte escudos o quilo. Nós, porém, temos de nos dedicar à alga extra. Muito mais barata. Andamos nas «ayolas». Antes de aparecerem os barcos tínhamos uma vida bonita. Por intermédio dos capitalistas começaram a surgir barcos no mar. Com mergulhadores. Alguns desses que trabalham nos barcos eram gente pobre como nós. Agora arrumaram uma série de chefes de família...»

. Manuel Ribeiro passa seis meses no mar e seis meses em terra.

Rendeiro de uns terrenos, paga 600 escudos por ano a um senhorio e 16 alqueires a outro. Afirma que a terra não lhe dá para viver. Por isso tem de ir às algas. Às vezes também ao polvo. Apanhava lagostas quando as havia... Dizem que os praticantes da pesca submarina «rapam-nas» todas.

«Quem estraga a pesca são os que andam no mar com os barcos compressores. Nós, nas «ayolas», com os ancinhos, não estragamos nada. Nem peixe nem marisco. Os dos barcos dizem que não. Mas é verdade que o peixe desova nas algas assim como o marisco. Eles estragam tudo. Aqui toda a gente ganhava dinheiro. Até as crianças... Tenho 41 anos e com 12 já me tinham passado a cédula marítima».

(Há opiniões diferentes. Dizem que nem o peixe nem o marisco desovam nas algas. Que, portanto, a apanha das algas não prejudica a pesca).

António Graça, apanhador de algas, há 20 anos, confessa: «Eu acho que prejudica o marisco, mas o peixe não. O jornal «O Pescador», de Sesimbra, diz que a apanha das algas prejudica o pescado. É mentira. Nós trabalhamos com as gadanhas que não fazem mal ao peixe. Quem prejudica são os escafandros».

Graça pronunciou-se ainda sobre a acção exploradora da Junta Central da Casa dos Pescadores. Sobre o papel de Tenreiro e Companhia. «Esses grandes exploradores do povo». Sobre a fábrica «Unialgas» que estava nas mãos dos japoneses.

«Os japoneses chegaram a pagar-nos a alga a 8 tostões o quilo e vendiam-na aos exportadores por duzentos. Mais tarde começaram a pagar 7$50. Os japoneses também nos exploraram muito. De[illegible]is

algas

Fotos de RUI PACHECO

O homem do cesto, o mar e as algas: é desta actividade que fala a reportagem

do 25 de Abril, queriam baixar o preço para nos continuarem a explorar. Agora dizem que estão falidos... Houve uma altura em que quando levavamos as algas para vender diziam que não precisavam de mais. Era para nos obrigarem a vender ao preço que eles impunham».

(Este desabafo do António Graça talvez enferme de algumas incorreções de pormenor e de fundo, mas isso não impede que ele tenha sentido na sua exploração. Se a culpa é dos barcos compressores, dos japoneses, dos espanhóis... ele não sabe).

«ESTRELA DO SUL»: UMA COOPERATIVA

Na Azóia formou-se, depois do 25 de Abril, uma cooperativa constituida por 120 sócios que entraram com quotas diversas. Estão na cooperativa os apanhadores de «mergulho», os que andam nas «ayolas» e os que utilizam o processo do «arrojo». A cooperativa, contudo, também compra o produto aos indivíduos não sócios.

Em princípio a cooperativa trabalha durante os meses de Agosto, Setembro, Outubro e Novembro. Este ano, todavia, começou a laboração mais tarde devido a uma incompatibilidade entre os preços propostos pela fábrica e os apanhadores. Tudo se resolveu...

«A fábrica só nos queria pagar uma média de 15 escudos por quilo. Ora isso não dava, sequer para a sola dos sapatos que gastávamos nas rochas» — diz um dirigente da cooperativa.

Libertados dos intermediários e da Junta das Casas dos Pescadores, os apanhadores de algas criaram uma cooperativa. Pode não ser perfeita, no seu esquema organizativo. No entanto, são os próprios sócios que apanham, compram vendem a alga. O negócio da alga obedece a certas condições. Há algas de «primeira», «segunda», «terceira» e «quarta» qualidades, consoante as impurezas que trazem misturadas. É evidente que essa classificação se vai reflectir no preço.

Por exemplo: a alga que traz «10 por cento» de impurezas é considerada de «primeira» e vale 20$00; entre «10 e 20 por cento» é de segunda e vale 15$00; entre «20 e 35 » é de «terceira» e vale 12$20; entre «35 e 50» é de «quarta» e vale 9$50; com mais de «50 por cento» não é negociável. A cooperativa, o ano passado, movimentou 500 toneladas de algas.

A função da cooperativa é esta: comprar, enfardar e enviar o produto para as fábricas. Funciona como um posto de recolha. Apanham-se algas no Algarve (que vêm para a «Estrela do Sul» porque lá não há nenhum posto), no Cabo Espichel, Peniche, Figueira da Foz e Viana do Castelo. Dizem os entendidos, no entanto, que as melhores algas são as do Cabo Espichel e Peniche.

António Panela: fundador da cooperativa, membro da direcção, apanhador de algas, agricultor, pescador, afirma que o peixe não desova nas algas, mas sim nas correntes. Esta opinião vem contradizer outras versões. Acrescenta, ainda, que os causadores dos «grandes males» nos mares portugueses são os desportistas da pesca submarina.

«Os meninos da pesca submarina vêm para aqui todos os fins de semana. Alugam barcos em Sesimbra e apanham tudo. Estragam o peixe. Esses é que dão cabo da nossa vida. Eu, que ando na pesca desde muito novo, hoje demoro três dias para apanhar qualquer coisa. A pesca submarina devia ser proibida. Já fez com que muitos de nós tivessem de emigrar. A nossa costa era rica em pescado, santolas e outros mariscos. Os mergulhadores apanham o pouco que há e vão vender mais barato que os profissionais nos cafés de Lisboa. Não. Não são os homens das algas que estragam a pesca...»

. José Moreno dos Santos, um dos sócios da cooperativa, homem velho nas lides da apanha das algas, dá uma achega à conversa:

. «Quando comecei a andar no mar tinha 13 anos. Agora, com 56, tenho de andar nas praias a arrebanhar algas. Demorei três dias a apanhar 13 quilos. Esses tipos da pesca submarina são uma praga. Ainda outro dia estava eu com mais dois camaradas a pescar nas rochas, num barco pequeno, quando eles apareceram de garrafas ao ombro. Ralhámos com eles. Tivémos de nos abaixar porque nos mandaram uma série de tiros de caçadeira. Deviam ser tomadas previdências contra estes casos. Andamos a ganhar a nossa vida e eles andam a divertir-se...»

OS BARCOS «AMARELOS»

Os barcos «amarelos». Por volta das quatro horas da tarde começam a atracar, no Porto de Abrigo de Sesimbra, os famosos barcos «amarelos». Os tais que levam a bordo quatro mergulhadores para a apanha das algas.

Escolhemos o «Jesus da Galileia». Tripulação: Herculano Ribeiro (dono do barco), António Afonso, João dos Santos, Luis Carlos e Joaquim Engrácio. Quatro mergulhadores e um que toma conta do motor. Mergulham com um saco amarrado à cintura e apanham as algas, à mão.

«Só podemos apanhar algas quando o mar está raso. Às vezes mantém-se bravo durante duas ou três semanas. Hoje andámos seis horas debaixo de água. Apanhámos 400 quilos. Foi um dia mau. A média boa regula entre 700 e 800 quilos. Dizem que nós ganhamos muito dinheiro. Esquecem-se de contar que em quatro meses trabalha-se para aí uns vinte dias devido ao tempo. Depois há o defeso. De Janeiro em diante, até Julho, não se pode apanhar algas. Há ainda as despesas...»

. Despesas do pagamento às mulheres que tratam das algas: que as viram, escolhem, estendem e secam. Recebem 150 escudos por dia. Despesas do transporte para a cooperativa. Despesas do combustível para ir apanhar a alga ao mar.

«Pagam-nos 20 escudos o quilo. Descontamos dois para a Caixa de Previdência e para o Seguro. Nós fazemos assim: avaliamos o lance e depois de tirado o dinheiro para as despesas o restante é dividido pela tripulação e pelo barco. Enquanto os mergulhadores recebem quantia igual, o homem que toma conta do motor recebe metade. Tal como o barco».

Em Sesimbra há 16 barcos mergulhadores. Os barcos «amarelos». Porquê «amarelos»?

«Antigamente no tempo do Tenreiro, era obrigatório pintar os barcos de amarelo. Antes de existir a cooperativa vendíamos aos intermediários, que por sua vez vendiam à Junta Central das Casas de Pescadores — «Serviço de Apanha e Concentração de Plantas Marinhas». Em 1967 vendíamos a alga a 7$50. Depois o preço baixou para 5$00. Como a nossa vida era esta, tivemos de nos sujeitar. Somos gente sem ofício certo. Hoje andamos às algas. Amanhã vamos semear trigo, cavar nas pedreiras... Tanto faz».

Veio o 25 de Abril. O preço de alga subiu de 10 para 20 escudos. Esta temporada as fábricas quiseram pagar apenas 13 escudos. Os apanhadores fizeram greve. Pararam durante o mês de Julho. As fábricas acabaram por ceder.

..«Ao fim de um mês ainda não tinham decidido nada. Nós fomos apanhar algas sem preço. Os capatazes das fábricas entram em negociações com a direcção da cooperativa. Tentaram comprar a 13 escudos, mas nós recusámos sempre. Apareceram indivíduos particulares (exportadores) que nos ofereceram 30 escudos. Não aceitámos esse preço para não atirarmos com os trabalhadores das fábricas para o desemprego. Então acedemos em vender por 18 escudos».

Em resumo: cada um tem os seus problemas. Os apanhadores de algas dos barcos «amarelos» arriscam a saúde horas e horas debaixo de água. Ganham mais é verdade. Mas também são explorados. Tal como os apanhadores que andam nas «ayolas» ou praia ao «arrojo». Tal como os trabalhadores das fábricas transformadoras que dão mais valia aos patrões.

Em cima: este homem curvado dedica-se à apanha chamada de «arrojo»

À esquerda: perfil da agarófita, de onde se extrai o agar-agar

BOA COLOCAÇÃO
COM BOM VENCIMENTO

Obterá se frequentar os cursos de :

★ PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES nas linguagens COBOL — RPG II — ASSEMBLER
★ PERFURAÇÃO e VERIFICAÇÃO IBM (Individual)
★ DESENHO DA CONSTRUÇÃO CIVIL
★ MEDIDOR ORÇAMENTISTA CONST. CIVIL
★ DECORAÇÃO DE INTERIORES ★ DESIGN
★ CONTABILIDADE
★ CONTABILIDADE INDUSTRIAL E GESTÃO ORÇAMENTAL
★ GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
★ RELAÇÕES PÚBLICAS ★ PUBLICIDADE
★ MARKETING ★ TÉCNICA DE VENDAS
★ SECRETARIADO ★ HOSPEDEIRA DE TERRA E AR

O ÚNICO INSTITUTO QUE ASSEGURA ESTÁGIO

Proporcionamos-lhe ainda:

★ BOLSAS DE ESTUDO EM INGLATERRA, FRANÇA E ESPANHA
★ RECONHECIMENTO OFICIAL DOS CURSOS EM PORTUGAL E EM DIVERSOS PAÍSES DA EUROPA E AMÉRICA
★ UMA CARREIRA PARA OS QUE A NÃO POSSUEM
★ UMA ACTUALIZAÇÃO INDISPENSÁVEL PARA TODOS

Instituto de Aperfeiçoamento Técnico Acelerado
R. Nova do Almada, 81, 3.º — LISBOA
Telefs. 325577 - 371032

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infantaria 16, 55-C — LISBOA

Geral

Belgrado joga na cooperação com países em desenvolvimento

BELGRADO (Tanju) — Mais de 80 firmas jugoslavas exprimiram recentemente o desejo de — juntando-se àquelas grandes empresas jugoslavas que já o fazem actualmente — se inserir no financiamento e construção de grandes empreendimentos nos países em desenvolvimento, tendo em vista esses empreendimentos um aumento mais rápido na produção de géneros alimentícios.

A ocasião para tal foi dada pela iniciativa realizada no âmbito da Feira Internacional de Agricultura de Novi Sad, que teve lugar durante a segunda quinzena de Maio. Sob a iniciativa do Centro das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial, foi organizado com o patrocínio da Feira de Novi Sad um encontro de três dias — os chamados «Dias Industriais» — dos representantes dos países em desenvolvimento com os de um grande número de firmas industriais europeias, com vista a um melhor conhecimento desses projectos dos países em desenvolvimento por parte de possíveis associados. Igualmente foram dadas a conhecer as possibilidades e condições de participação dos países industrializados na realização de tais projectos. Em tal ocasião, os países em desenvolvimento apresentaram um total de 55 grandes projectos. Durante esses «dias industriais» e conversações acerca desses projevos, participaram representantes dos seguintes países: Argélia, Afeganistão, Benin, Alto-Volta, Etiópia, Camarões, Malásia, Nepal, Niger, Costa do Marfim, S. Tomé e Príncipe, Somália, Sudão, Togo e Sri Lanka. Por parte dos países industrializados, estiveram presentes representantes da Itália, Hungria, Polónia, Roménia, França, Holanda e Jugoslávia.

Um grande incitamento às firmas jugoslavas para participarem na realização de tais importantes empreendimentos foi também dado pelo presidente Tito na conferência de Imprensa, realizada depois da visita à Feira de Novi Sad, na qual se ocupou principalmente de uma maior cooperação entre a economia jugoslava com as economias dos países em desenvolvimento.

Precisamente, nos representantes dos países em desenvolvimento era visível o desejo por uma maior cooperação com as organizações económicas jugoslavas devido tanto à maneira como tal cooperação se tem processado — principalmente quando se trata da produção em massa de géneros alimentícios — como ao interesse pela experiência dos combinados agro-industriais jugoslavos. Tais combinados (milhades de hectares de terras semeadas, transformação comercial dos produtos acabados são mais de uma centena na Jugoslávia, sendo o maior entre eles o Combinado Agrícola «Beograd» com cerca de 100 mil hectares de terras, 17 grandes empresas industriais e um grande número de supermercados espalhados por todas as regiões da Jugoslávia.

O Instituto Agronómico do Combinado Agrícola «Beogra» — bastante conhecido na Jugoslávia tanto pelas suas inúmeras novas espécies de trigo, milho e outras plantas criadas pelos seus trabalhadores científicos, como pelos seus estudos e projectos para o desenvolvimento agrícola e da indústria alimentar — já há vários anos trabalha na elaboração de estudos e projectos para as necessidades dos países em desenvolvimento. Em base dos seus estudo, neste momento se trabalha na construção de três combinados agro-industriais no Peru e de um grande combinado agro-industrial no Iraque com uma superfície de 75.000 hectares de terras aráveis. Na realização deste último projecto, que além de tornar terras aptas para a produção agrícola compreende também a construção de várias empresas industriais como toda a rede de infra-estruturas, participa, além do Combinado Agrícola «Beograd», também a conhecida firma jugoslava «Dunav Tisa-Dunav». Este nome provém do grande empreendimento hidrotécnico que esta firma constrói nos rios Danúbio e Tisa. Os especialistas e trabalhadores destas firmas, com o equipamento técnico necessário, participam no projecto e na execução dos trabalhos de irrigação no quadro deste projecto iraquiano.

Também no, já mencionado, Instituto do Combinado Agrícola «Beograd» se trabalha noutros grandes projectos para o desenvolvimento da agricultura do México, Líbia, Tunísia, Argélia e outros países em desenvolvimento.

Entre as firmas jugoslavas mais importantes, que em negócios semelhantes desenvolveram até agora uma vasta cooperação com os países em desenvolvimento, encontra-se também o combinado agro-industrial «Emona» de Ljubljana. Na realização dos seus projectos, esta firma reúne com êxito outras empresas industriais da Eslovénia que de resto é a república jugoslava mais industrializada.

Assim, seguindo exemplo destas «firmas pioneiras» pioneiras quando se trata do projecto e execução de grandes projectos para a produção de alimentos nos territórios dos países em desenvolvimento — agora dezenas de outras empresas jugoslavas associam os seus recursos, quadros e importantes experiências técnicas e tecnológicas.

Bolsas de estudo para Espanha

Está aberto concurso para bolsas de estudo oferecidas pelo Governo espanhol no ano lectivo de 1976 1977, interessando pós-graduados e outros estudiosos portugueses dos sectores científico e artístico. A entrega das candidaturas faz-se até 30 do corrente nas Relações Culturais Externas da Secretaria de Estado da Cultura.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/57378, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Oliveirinha, concelho de Aveiro, de uma linha aérea a 15 kV, com 130 metros, do apoio n.º 2 da linha para o Posto de Transformação da Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre, ao Posto de Transformação de Henrique Vieira & Filhos, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/57694, arquivo 4, para o estabelecimento de uma linha aérea a 15 kV, com 91 metros, da Subestação de Valongo ao apoio n.º 66 da linha Rio Tinto-Valongo, freguesia e concelho de Valongo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/57376, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Pinhal Novo, concelho de Palmela, de uma linha aérea a 15 kV, com 85 metros, do apoio n.º 76 da linha S. Francisco-Pinhal Novo ao Posto de Transformação n.º 15-2-009 Pinhal Novo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 13 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8'55035, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Vagos, de uma linha aérea a 15 kV, com 289 metros, do apoio n.º 27 da linha «Cima de Vila-Vagos» ao Posto de Transformação de «Vagos II».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 13 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58109, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Cadima, concelho de Cantanhede, de uma linha aérea a 15 kV, com 213 metros, do apoio n.º 17 da linha de ligação Porto Sobreiro-Tocha ao Posto de Transformação de Tocha-Gesteira da Electro-Mecânica de Cantanhede, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 13 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/5543 arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Oliveirinha, concelho de Aveiro, de uma linha aérea a 15 kV, com 42,70 metros, do apoio n.º 7 da linha para o Posto de Recepção da «Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre» ao Posto de Transformação de «Costa do Valado I», da Câmara Municipal de Aveiro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 13 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Estrangeiro

O ex-ditador tailandês Thanom Kittikachorn (à esquerda), cujo regresso do exílio, como monge budista, provocou a demissão do primeiro-ministro Seni Pramoj. De cabeça rapada, Kittikachorn percorreu as ruas de Bangkok, pedindo esmola. Quanto ao primeiro-ministro, que era acusado de nada ter feito contra o ex-ditador, acabou por aceder a constituir novo governo. (Foto FP)

PARA ASSINALAR ANIVERSÁRIO

Greve geral no País Basco

BILBAU, 27 — (R) — A polícia de choque encontra-se em estado de alerta para dominar quaisquer possíveis distúrbios durante uma greve geral marcada para hoje no agitado País Basco, no Norte de Espanha.

A greve, a segunda em duas semanas na região, destinava-se a apoiar exigências de amnistia para presos políticos e para assinalar o primeiro aniversário da execução de cinco guerrilheiros urbanos. As execuções, as últimas efectuadas em Espanha antes de o general Franco morrer em Novembro passado, provocaram uma onda de protestos em toda a Europa.

Fontes dignas de crédito declararam que haviam sido enviados reforços da polícia das cidades situadas fora das províncias bascas.

As tropas em San Sebastian encontravam-se nos seus quartéis, prontas a intervir se necessário — acrescentaram as fontes.

Panfletos distribuídos em fábricas e lojas de Bilbau pediam aos bascos que participassem na greve.

O governo emitiu um comunicado condenando a greve como sendo uma tentativa subversiva para perturbar a ordem pública e «impedir a evolução política e social da Espanha para uma verdadeira democracia».

A polícia disparou ontem balas de borracha para dispersar uma manifestação na vizinha localidade de Azpeitia, onde Angel Otaegui, um dos guerrilheiros executados o ano passado, está sepultado.

Os seus familiares declararam que a polícia queimou bandeiras nacionalistas bascas colocadas na sepultura, apesar de ordens recentes do ministro do Interior, Rodolfo Martin Villa, para que as bandeiras nacionalistas fossem toleradas.

O sentimento antigovernamental no País Basco foi intensificado por uma recente decisão do primeiro-ministro Adolfo Suarez de arquivar a questão da autonomia regional até às eleições gerais que deverão ter lugar no próximo ano.

A organizaçao de guerrilha separatista basca «ETA» anunciou no fim-de-semana que ia formar um partido político para mobilizar as forças nacionalistas mas continuaria a luta armada contra o governo de Madrid.

Entretanto, ontem, em Madrid, a central dos correios aceitava apenas telegramas de casos de vida ou de morte, no quinto dia da greve dos carteiros que paralisou o serviço nacional dos correios.

A greve teve início na capital e alastrou a outras 11 cidades e capitais regionais.

O diário monárquico «ABC» critica o uso de voluntários, na sua maioria estudantes que ontem, pelo segundo dia, tentavam despachar a aglomeração de 3,5 milhões de cartas.

As autoridades esperam distribuir aquele correio ao público nas centrais distritais de correio.

A central dos correios foi a única aberta em Madrid, ontem, e a situação é calma em contraste com os incidentes da véspera quando a polícia efectuou disparos para o ar durante recontros com os grevistas.

Estes afirmam não ter recebido o aumento salarial prometido após a greve de Janeiro passado.

As autoridades afirmam estar preparadas para enfrentar uma paralisação de um mês se for necessário.

Extrema-direita no Brasil multiplica os atentados

RIO DE JANEIRO, 27 — (ANOP, FP e «DL») — De há cinco anos para cá o Brasil era considerado um dos países mais calmos da América Latina. Actualmente, está a ser percorrido por uma vaga terrorista. Ao contrário do que se passou entre os anos de 1968 e 1970, quando estavam activas muitas organizações de esquerda, agora é o movimento de extrema-direita Aliança Anticomunista Brasileira (A. A. B.), que multiplica os seus atentados à bomba.

Durante as últimas semanas, a A. A. B. atacou a Imprensa, a Ordem dos Advogados e a Igreja Católica. Assim, comandos desta organização atacaram na passada quarta-feira o bispo de Nova Iguaçu e abandonaram-no completamente nu e manietado depois de o terem injuriado e espancado. Fizeram o seu carro explodir em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e na mesma noite atiraram uma bomba contra a residência de Roberto Marinho, um empresário ultraconservador, dono de uma cadeia de televisão e do jornal «O Globo», ferindo um empregado da casa. Algumas semanas antes a A. A. B. tinha feito explodir outro engenho na sede da Associação Brasileira de Imprensa e na Ordem dos Advogados do Brasil, secção do Rio de Janeiro. Também em Porto Alegre, no Sul do país, a A. A. B. fez das suas, detonando uma bomba nas proximidades de um órgão de segurança. Os objectivos desta organização terrorista ainda não estão completamente definidos, e os seus efectivos não são conhecidos. Até há um mês, ainda ninguém ouvira falar dela. Um panfleto difundido antes da explosão na Ordem dos Advogados acusava esta entidade de ser «um ninho de comunistas» e que «não haveria tréguas para os lacaios de Moscovo».

O VATICANO APOIA O BISPO

O Papa Paulo VI enviou no sábado, por intermédio do secretário de Estado, cardeal Jean Villot, uma mensagem de solidariedade e conforto a monsenhor Adriano Hipólito, bispo de Nova Iguaçu, raptado e torturado pela A. A. B. A mensagem foi transmitida telegraficamente pelo cardeal Villot ao núncio do Brasil, monsenhor Carmine Rocco, que o apresentou à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Também a CELAM — Conferência Episcopal Latino-Americana — se manifestou contra o atentado de que D. Adriano Hipólito foi vítima. A CELAM exige, em nome da Igreja, uma rigorosa investigação do caso e manifesta, publicamente, a sua incondicional solidariedade com o prelado brasileiro.

D. Adriano Hipólito revelou que os seus agressores proferiram ameaças contra outro bispo, monsenhor Valdir Calheiros de Novais, de Volta Redonda, a cidade metalúrgica do Brasil.

O secretário do episcopado brasileiro. D. Ivo Lorscheider, atribui as torturas e os vexames impostos a D. Adriano Hipólito à extrema-direita e acrescentou que atentados deste tipo não intimidam a Igreja e, pelo contrário servem de estímulo para a luta em defesa dos Direitos Humanos. D. Hipólito revelou que, durante as torturas, lhe diziam: «Esta é uma lição para si, comunista sem vergonha. Não o matamos porque o nosso chefe não o quer morto, por agora».

Como era de se esperar, têm-se revelado infrutíferas as «investigações» no sentido de identificar os autores do rapto e das torturas contra o bispo e dos recentes ataques à bomba.

Callaghan em dificuldades na convenção do Labour

BLACKPOOL (GRÃ-BRETANHA), 27 — (ANOP, R e «DL») — O primeiro-ministro James Callaghan dirige hoje o Partido Trabalhista Britânico, profundamente dividido, para o seu congresso anual, que se inicia em Blackpool. Callaghan que está à frente de um Labour frustrado e desconfiado, prepara-se para repelir esperados ataques da ala esquerda do partido contra a política do seu Governo e pretende que seja ratificada a mistura de socialismo e livre iniciativa com a qual pretende obter a recuperação das finanças inglesas. Aguarda-se que Callaghan suporte os ataques devido ao apoio de poderosos dirigentes sindicais que controlam grande parte dos votos no congresso do partido.

Entretanto, alguns observadores afirmam que a paciência dos sindicalistas está a esgotar-se à medida que aumenta o desemprego: actualmente em 6,2 por cento da força total de trabalho, índice que representa 1 465 000 pessoas, de um total de 23,5 milhões. Quanto à inflação, embora tenha baixado de 27 por cento para 13,8 por cento, ainda é considerada alta e a recente debilidade da libra reflecte falta de confiança estrangeira.

A divisão no Labour atinge o próprio gabinete de Callaghan. O ministro da Energia, Anthony Benn, um dos dirigentes da ala esquerda, criticou ontem, publicamente, pela rádio, uma disposição que força todos os ministros a aceitarem as decisões do Gabinete, quer concordem ou não com elas, e disse que pretende continuar a manifestar todas as suas posições. À noite, novas divergências vieram a público, quando membros do Executivo Nacional se recusaram a defender posições deste organismo durante o congresso. Trata-se de Frank Allaun e da sr.ª Barbara Castle, a qual foi afastada do Governo em Abril.

Numa reunião realizada ontem, Anthony Benn foi designado para defender a política económica do Governo no congresso. Isto coloca-o na posição de ter de defender a doutrina que foi atacada numa resolução aprovada por uma subcomissão que é dirigida por ele. A resolução pede o fim do corte de gastos que se destinam a reduzir o défice orçamental, principalmente a custa do bem estar social, da educação e de outras áreas favorecidas pela ala esquerda.

O actual estado de espírito foi reforçado por uma onda de escândalos recentes na City, o bairro financeiro de Londres, onde estão em curso inquéritos.

LARGAMENTE IGNORADOS OS DIREITOS HUMANOS

. LONDRES, 27 — (ANOP) — Mais de cem países em todo o Mundo prenderam pessoas pelas suas crenças, negaram-lhes julgamento justos, torturaram-nas ou violaram de outras formas os seus direitos humanos em 1975/76 — anunciou ontem a Amnistia Internacional no seu relatório para o período compreendido entre Junho de 1975 e Maio de 1976.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada em 1948, é ainda largamente ignorada e instituições como a comissão das Nações Unidas para os direitos humanos «não estão imunes a pressões», enquanto alguns governos se mostram relutantes em «submeter a efectivo controlo internacional a sua actuação perante os direitos humanos» — afirma o director da comissão executiva da organização, Dick Boerner, num prefácio ao relatório.

A organização afirma que desde Junho de 1975 fez investigações ou agiu em favor de 3.859 prisioneiros, em mais de 112 países.

O relatório critica governos ocidentais, do Leste e do Terceiro Mundo.

Numa apreciação regional, o relatório salienta: — África: «Prisão sem julgamento, julgamentos políticos com grande peso sob os acusados, tortura e a pena de morte continuam a figurar como aspectos de governo em muitos estados africanos».

— América: «Em 1975-76 houve uma ligeira mas inequívoca deterioração da situação geral dos direitos humanos nas américas», particularmente no Chile, Argentina, Brasil e Uruguai.

«Aproximadamente30 000 presos políticos estão encarcerados nestes quatro países».

— Europa: «A incidência de prisões políticas varia de um estado para outro, mas é comum em toda a Europa que todos os presos por motivos políticos sejam julgados, condenados e presos de acordo com a legislação de cada país, que restringe especificamente o exercício da liberdade de consciência».

— Médio Oriente: «Existe... uma falta de consciência generalizada no Médio Oriente quanto aos direitos individuais legais, tanto nacional como internacionalmente».

Caleidoscópio

. NOVA IORQUE, 27 — (R) — O «New York Times» noticia que Charles Ruff, procurador especial para o caso Watergate, está a averiguar se o presidente Gerald Ford, quando membro do Congresso, se enriqueceu com fundos doados para fins de campanha eleitoral.

Segundo o jornal, Ruff requisitou os registos de duas comissões políticas republicanas do Michigan — Estado natal do presidente — e de dois sindicatos, o sindicato internacional dos marítimos e a associação de beneficiência dos mecânicos marítimos.

Atribuindo a sua informação a políticos do Michigan e a autoridades federais, o «New York Times» afirma que a investigação abrange o período de 1964 a 1974.

LIMA, 27 — (ANOP) — O governo militar do Peru nomeou uma comissão especial de alto nível para estudar a situação da Imprensa e formular uma nova lei de Imprensa dentro de noventa dias.

A comissão é chefiada pelo coronel Luis Sanchez Obregon, subdirector do Secretariado da Informação, e composta por oito jornalistas ou directores de jornais.

«La Prensa», que o governo há dois anos atribuiu ao sector sindical, segundo uma lei de nacionalização da Imprensa, louvou a composição da comissão e pediu que a Imprensa seja livre.

«A revolução necessita de demonstrar aos discordantes que a liberdade é um terreno fértil no qual a segurança e a esperança florescem» — escreve «La Prensa».

BANGKOK, 27 — (ANOP) — O primeiro-ministro cambojano, Pol Pot, suspendeu temporariamente o exercício das suas funções, para se submeter a tratamento, sendo substituído por outro dirigente khmer vermelho, Nuon Chea — anunciou hoje rádio Phnon Penh.

Com o Camboja virtualmente isolado do resto do mundo, não foi possível determinar se a alteração na cúpula governamental se deve a doença ou assinala alterações nas relações de forças do seio dos khmeres vermelhos.

PEQUIM, 27 — (FP) — O luto da população chinesa depois da morte de Mao Tsé-Tung, no dia 9, durará quarenta dias, segundo se soube em Pequim de fonte bem informada.

Por outro lado, cessaram subitamente os preparativos que estavam a ser feitos em certos parques da capital para as festas do Primeiro de Outubro. A festa nacional (27.º aniversário da República Popular) será comemorada este ano sem o banquete oficial tradicional e sem as distracções populares nos parques e jardins da capital.

Espectáculos

TV de Venezuela inundada de séries

CARACAS, 27 (ANOP) — A televisão venezuelana, o mesmo acontecendo com a televisão de quase toda a América Latina, está numa dependência do exterior que leva muitos especialistas a alertar sobre a transculturação desse importante meio de difusão.

Os programas dos três canais de televisão da Venezuela apresentam materiais filmados e de propaganda em que dominam, na sua quase totalidade, as películas produzidas nos Estados Unidos.

Assim, converteram-se em heróis dos **écrans** as actrizes e os actores norte-americanos de «Canon», «O Homem Nuclear» e «Kojak», e bem assim de outras séries cujas acções também se desenvolvem em meios sociais com características estranhas ao modo de vida da maioria da população venezuelana.

O semanário «Bohemia», editado em Caracas, comenta na sua última edição o facto de nos três canais da televisão venezuelana 95 por cento dos programas e longas-metragens terem o selo «Made in USA».

Além da penetração ideológica que comportam, os programas custam às três estações de televisão somas que semanalmente ascendem a mais de 100 mil dólares (3000 contos).

Segundo a Corporação Nacional de Turismo, durante o biénio 1974-1975 o canal comercial «Venevision» converteu-se no projecto com maior número de séries e longas-metragens importadas, das quais 188 procedentes dos Estados Unidos, duas da Itália e uma do Mónaco.

Os dados da citada corporação indicam que a emissora estatal Venezolana de Televisión ocupou o segundo lugar, com 162 produções importadas dos Estados Unidos e seis da Espanha.

Estas cifras fazem com que a revista «Bohemia» comente que, num simples relancear de olhos, fica demonstrado o desequilíbrio entre o número de programas nacionais e essa quantidade de material estrangeiro, e acrescenta que «a promoção de programas estrangeiros, e a insistência com que se passam essas séries, tendem a diluir os êxitos de possíveis trabalhos nacionais».

Robert Snyder em Lisboa

Está em Lisboa o produtor e realizador norte-americano Robert Snyder, que aqui apresentará uma série de documentários, entre os quais «Henry Miller Odissey» («A Odisseia de Henry Miller»).

Esta noite, às 21 e 30, são exibidos na Sociedade Nacional de Belas-Artes (Rua Barata Salgueiro) as obras «A Visit with Pablo Casals («Uma Visita com Pablo Casals»), «Vivaldi's Venice» («A Veneza de Vivaldi»), «Igor Stravinski» e «A Glimpse of De Kooning» «De Kooning de relance»), com a participação de Maria José Nobre e Ernesto de Sousa no posterior debate.

Na terça-feira, à mesma hora mas nas instalações da Sociedade Portuguesa de Autores (Avenida Duque de Loulé), e a vez de ser projectado o documentário sobre Miller. Participa no respectivo debate João Palma-Ferreira.

Natural de Nova Iorque, Snyder formou-se pela Universidade de Colúmbia. Tem desenvolvido uma carreira notável como produtor-realizador de documentários sobre os «grandes» do mundo das Artes, e como professor e conferencista. Os seus documentários têm obtido vários prémios nos festivais de Bérgamo, Edimburgo e Bilbau. Em 1950 foi também utribuido a Snyder um «Academy Award», galardoando o filme «The Titan: Story of Michelangelo» («O Titã: História de Miguel Ângelo»).

Acabou-se a protecção dos animais e da natureza

Brigitte Bardot desfaz Fundação

PARIS, 27 — (ANOP) Brigitte Bardot acaba de anunciar o fim da Fundação para a Protecção dos Animais e da Natureza, que ela, com muita publicidade, criou há três meses. O motivo, paradoxal, é o excessivo êxito do apoio recebido.

Numa delcaração à Imprensa, BB disse que tão depressa quanto possível o dinheiro enviado à Fundação seria devolvido aos doadores e acrescentou que ela continuaria pessoalmente «a devotar o meu tempo, toda a influência que possa ter e algum do meu dinheiro à defesa dos animais».

Brigitte explicou a sua decisão:

. «A complexidade e multiplicidade dos problemas respeitantes à defesa dos animais e a abundante generosidade do povo francês que respondeu ao meu apelo significam paradoxalmente o desaparecimento da Fundação.

«Dado o volume da correspondência e os problemas envolvidos numa administração que não podia ser conduzida por voluntários, e não tendo eu nem a vocação nem a competência para me transformar em directora de companhia, parece-me mais honesto continuar este trabalho individualmente».

CONFIRMAÇÃO DA U.R.S.S. PARA SANTARÉM

A União Soviética confirmou já a sua participação no VI Festival Internacional de Cinema de Santarém, que decorre nessa cidade de 15 a 21 de Novembro.

A União Soviética deverá apresentar a longa metragem «Junto ao Lago», de Serguei Gerasimov, que aborda problemas de poluição e de defesa do meio-ambiente.

Para o Festival do Filme Agrícola e de Temática Rural, integrado no Festival Internacional, a União Soviética inscreveu os documentários «Pão para todo o Planeta» e «Estábulos do Futuro».

A participação da França já está confirmada, desconhecendo-se ainda os filmes que vai apresentar.

OUTRO FILME SOBRE ENTEBBE

HOLLYWOOD, 27 — (ANSA/ANOP) — Confessando embora que partiu em quarto lugar, a Paramount confirma que vai também realizar um filme sobre o «raid» ao aeroporto ugandês de Entebbe, no qual um «comando» israleita salvou uma centena de reféns das mãos de palestinianos que para ali desviaram um avião de carreira.

O filme terá o mesmo título — «Ninety Minutes at Entebbe» («Noventa minutos em Entebbe») — do livro escrito por Uri Dan e William Stevenson, e será dirigido por Sydney Lumet.

A rodagem será iniciada em Janeiro próximo.

NOTARIADO PORTUGUES
CARTORIO NOTARIAL
DE MAFRA

CERTIFICO: para efeitos de publicação que, por escritura outorgada em 22 de Setembro de 1976 e exarada a folhas 63 e seguintes, do livro C-18, de «Escrituras Diversas», deste Cartório, foi celebrada uma escritura de «Habilptação de Herdeira», por óbito de JOAQUIM DA PALMA JUNIOR, que era casado em primeiras núpcias de ambos e no regime da comunhão geral de bens com Albertina Ferreira Marques Palma que, também, usa o nome de Albertina Ferriera Marques da Palma, natural da freguesia e concelho de Alcoutim e que foi residente na Quinta do Pomar, freguesia e concelho de Mafra, falecido em 3 de Fevereiro de 1976. Mais cerfifico que, na referida escritura foi declarada única herdeira do dito falecido, Maria Celeste Marques da Palma Pinheiro da Silva, casada no regime da comunhão geral de bens com Francisco Pinheiro da Silva, naturais, respectivamente, da aludida freguesia de Mafra e freguesia de Macieira, concelho de Vila do Conde, residentes em Lisboa, na Avenida 5 de Outubro, número 184, 3.º andar esquerdo.

É certidão que fiz extrair narrativamente, nada havendo na parte omitida da escritura que amplie, restrinja ou modifique a parte transcrita.

Mafra, vinte e dois de Setembro de mil novecentos e setenta e seis.

O 2.º Ajudante,
(a) Maria Luísa da Conceição Miranda

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

DESCULPA LÁ, Ó ABÍLIO

. Comunicam-nos do Porto, a propósito da rede terrorista, perdão!, da presumível rede terrorista, que o Abílio de Oliveira fora posto em liberdade, por ordem do juiz instrutor.

Eu bem lhes dizia que o grande industrial era integérrimo. Absolutamente incapaz de se meter nessas pseudocoisas. Agora era muito bem feito que ele metesse um processo à Judiciária por perdas e danos.

Abílio não estava envolvido em cbisíssima nenhuma. Ele ia do trabalho pra casa, da casa pró trabalho. Não pensava se não no bem do próximo. A bomba mais poderosa possuía-a ele dentro do peito: um coração cheio de ternura. Qual C. D. S., qual E. L. P., qual carapuça! De olhos postos no azul do céu, ele imaginava um futuro radioso para toda a humanidade, sem qualquer discriminação. Meu nome encabeçará uma lista a propô-lo para o Prémio Nobel da Paz.

Não, não e não. Três (ou quatro) vezes não. Abílio é um amigo e os anjos não sujam as asas. Abílio não é bombista, nem dá apoio logístico a bombistas. Que não existem, aliás. Para sermos correctos devemos dizer: **pseudobombistas**. Rede terrorista também não existe. Como somos um País de pescadores, temos a mania das redes...

Quando muito, haverá uma pseudo-rede terrorista. Pseudobombas, pseudoterrorismo, pseudojustiça — e eis como facilmente resvalamos para uma pseudodemocracia.

Não há dúvida: o desmantelamento da rede terrorista será levado até às últimas inconsequências.

Desculpa lá, ó Abílio.

O RELAXAMENTO

Relax. O relaxe. Ou relaxamento, se preferirem. O relaxe é assim: a sociedade é uma coisa danada. O operário parece-se com uma figura de antecipação científica. Um **robot**. **Robot** de carne e osso. Todo ele, tudo o que há em si de pessoa viva, desaparece: fica apenas o seu exterior de fato metálico, o capacete quadrado com a viseira para o clarão solar do autogénio.

E agora? Agora, o **relax**. O sonho das férias. A neve. A tranquilidade. Um porto de abrigo, mesmo momentâneo. Mas não há portos de abrigo. Não há. A vertigem, a angústia, a trepidação inquietantes permanecem, mas noutras formas. Tudo está contaminado. Todos os lençóis de linho estão poluídos, meu poeta!

. A pessoa que desejava estar viva, já não está outra vez de carne e osso. Seu vestido metálico, seu capacete, sua ausência de respiração: **robot**.

A social-democracia destrói o homem ao destruir no homem, o humano. Não há **relax** que nos valha.

A MANTEIGA

Incluído no programa infantil, a rubrica **vem ver como se faz**. Lá fomos ver como se fa. manteiga.

As crianças gostam destas rubricas que são muito úteis como lições de coisas. Há que mantê-las, desenvolvê-las, alargar-lhe o significado para que não caiam na Tecnocracia infantil. A primeirá regra para uma correcta lição das coisas é que nenhuma coisa existe alheia a um contexto social.

Quanto ao fabrico da manteiga propriamente dito, não vale incluí-lo num programa infantil. A Televisão Portuguesa é, na sua essência, o perfeito manual da arte de produzir manteiga. Por vezes até agonia. Mas se em alguma rubrica devêssemos incluir a desmontagem do processo, ela seria o **Telejornal**. Aqui, no **Telejornal**, dá-se manteiga de uma forma escandalosa para a economia nacional.

Quem dá manteiga, mais tarde ou mais cedo acaba por receber o pago... em margarina.

Em margarina segundo «o último Tango».

O DESCUIDO

Ai eu admiro muito. Ai eu cá sou pela justiça. O que é verdade, diga-se. O Telejornal pode ser tudo o que quiserem: anti-soviético, anticomunista, governamenteiro, telepatronal, etc. e tal. Mas lá que tem a preocupação de estar ao corrente dos acontecimentos mais significativos, isso tem. Isso tem, sim senhores. Juro pela minha saúde, se não tem.

Por exemplo: o problema das autarquias. O Partido Socialista decide a sua posição e o **Telejornal** dá a reportagem. O P. P. D. decide idem, e o **Telejornal**, idem. Lá vimos ontem Magalhães Mota, lá o ouvimos longamente dizer que.

Pois claro. Assim mesmo é que se enxofra. Toca a informar e o resto são cantigas. Há nuvens neste céu azul? Bem, lá isso... Mas nuvens pequenas, uns cirrozitos sem importância. A constituição da **Frente Eleitoral Povo Unido**, por exemplo. O **Telejornal** esteve-se perfeitamente nas tintas. O **Telejornal**, se quisermos empregar uma expressão clássica, marimbou-se para o assunto. Foi uma saída em pleno pela direita alta.

Isto, claro, não desabona nada o **Telejornal**. Como diria o Bocage, foi apenas um descuido.

Mal cheiroso, mas enfim.

PFFFFFFFF...

E já agora que estou com a mão na massa...

Na sua resenha dos acontecimentos nacionais mais importantes da semana, o **Telejornal** da meia-noite citou a festa do jornal «Avante»!

. Não é nada difícil estar de acordo com o **Telejornal**. Simplesmente, o relevo dado pelo Telejornal a um dos acontecimentos mais importantes do nosso país foi simplesmente irrisório... Limitou-se, praticamente, a uma recolha breve de depoimentos e a umas quantas imagens num **Telejornal**... à meia-noite.

Aconteceu até uma coisa curiosa. No dia em que a bomba rebentou o poste de alta tensão junto à Feira das Indústrias, dizia o locutor no último **Telejornal** que Dias Lourenço, director do jornal «Avante»!, declarara à reportagem que a bomba não prejudicara o interior do pavilhão. No **Telejornal** do dia seguinte (no último, para não fugir à regra...) assistimos ao depoimento de Dias Lourenço cortado abruptamente após ter dito uma dúzia de palavras, se tanto.

Isto prova:

. a) Que a reportagem estava feita na véspera;

. b) Que logicamente a reportagem deveria ter sido publicada na véspera;

. c) Não o sendo, que outra explicação haverá a não ser a da censura interna?

. Estou só a perguntar? Talvez. Mas perguntar não ofende. A RTP não vai esclarecer, pois não. Não vai porque é superior a essas coisas. Pfffffff...

Hoje

Armando Cortez e Lourdes Norberto novamente lado a lado na peça «Hedda Gabler»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **«A Pedra Branca»**
19.25 **Teledesporto**
19.55 **Folclore da Jugoslávia**
20.30 **Telejornal** — 1.ª edição
21.00 **Momento Político**
21.30 **«Hedda Gabler»** (Teatro)
23.50 **Telejornal** — 2.ª edição
00.00 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **«O Ouro dos Baule»**
20.30 **Série filmada**
21.30 **Telejornal**
22.00 **Cantigamente**
23.30 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

. . . **19.00**: Abertura e o episódio «A Pedra Branca»; **19.25**: Vorpo Musical; **20.00**: Ver; **20.30**: Telejornal — 1.ª edição; **21.05**: «Histórias de Amor»; **22.10**: Terça à Noite; **23.00**: Telejornal — 2.ª edição; **23.15**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **20.00**: Abertura e «Wickie, o Viking»; **20.25**: Nancy Wilson, **21.05**: Passatempo; **22.25**: Concerto pelo Quarteto Heutling; **22.45**: Fecho.

HOJE: às 20.30 e 22.00
Domingos — Matinées às 16 h.
4.ª FEIRA
Descanso da Companhia
(Não acons. MEN. 18 anos)

teatro do bairro alto
R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05

ESTREIA, 4.ª Feira dia 29
«CURTA CARREIRA»
Todos os dias às 21.30h
Dom. às 18h
Descanso à 2.ª-feira (M./13)
BILHETES À VENDA

TUTTI
Ex-empregada da «Lãs Aires» em Algés
BREVEMENTE
na
Rua Ernesto da Silva, 22 R/C
ALGÉS
LAS

INCRIVEL!

AL PACINO
MELHOR ARGUMENTO
UM DIA DE CÃO
-DOG DAY AFTERNOON-
CALEIDOSCÓPIO
AMANHÃ
As 14 horas
EDEN
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

PUB.

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DAS INDÚSTRIAS DE PANIFICAÇÃO, PRODUTOS ALIMENTARES E AFINS

Reunida em Plenário a Federação dos Sindicatos das Indústrias de Panificação, Produtos Alimentares e Afins, com a presença de 11 Sindicatos Federados (Lisboa, Porto, Aveiro, Setúbal, Coimbra, Leiria, Braga, Funchal, Viseu e Santarém) foi aprovada por estes por unanimidade, a seguinte Moção:

M O Ç Ã O

Considerando que:

1.º, Só na Unidade os trabalhadores avançam.
2.º A divisão pretendida por grupo minoritário de Sindicatos, denominado da «Carta Aberta», que revestindo nítido cariz partidário, só visa levar em frente o esfrangalhamento do Movimento Sindical e, o que é o mesmo, à divisão dos Trabalhadores — o que só pode interessar àqueles que nos exploram — e assim melhor garantir o processo de recuperação capitalista em curso.
3.º Os problemas e diferentes opiniões dos trabalhadores, só devem ser discutidos por estes, adentro das suas estruturas representativas, tendo sempre como objectivo a procura daquilo (muito) que nos une em detrimento daquilo (muito pouco) que nos desune e assim, limando as arestas e corrigindo os erros, melhor avançaremos na defesa os nossos interesses de classe explorada.
4.º Estes objectivos só podem conseguir-se através da participação maciça, franca e aberta de todos os Sindicatos no **Congresso de todos os SINDICATOS PORTUGUESES** e de todos os trabalhadores na sua preparação, assim como que dessa participação e discussão **no seio do Movimento Sindical** ressurja com maior vigor e energia a **CENTRAL SINDICAL ÚNICA DOS TRABALHADORES PORTUGUESES**, esteio da defesa dos nossos interesses e símbolo da nossa força unitária contra o Capital.
5.º Aqueles que pretendem o contrário, mesmo quando a coberto de uma pseudo-unidade e falsa democraticidade, **não Defendem os Interesses nem dos Trabalhadores que representam**, mas sim a nossa derrota face à exploração.

Decidem repudiar firmemente o documento «Carta Aberta» e as tentativas divisionistas que com a sua cobertura estão a ser perpetradas nas costas dos trabalhadores e contra estes e ainda, manifestar a sua firme convicção e certeza que em Portugal não voltaremos atrás e que aquelas manobras e todas aqueles que as tentam levar a cabo serão rapidamente desmascarados e derrotados pelos trabalhadores a quem vêm pretendendo enganar e que mais uma vez sairemos Vencedores. Todos os Trabalhadores e sairá reforçada a **NOSSA UNIDADE E A NOSSA CENTRAL SINDICAL ÚNICA E INDESTRUTÍVEL — A INTERSINDICAL NACIONAL**.

Sindicato dos Trabalhadores, das Indústrias de Panificação, Produtos Alimentares e Afins do Distrito de Lisboa.
Sindicato Livre dos Trabalhadores da Panificação, Moagens, Massas e Similares do Distrito do Porto.
Sindicato dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação do Distrito de Aveiro.
Sindicato dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação do Distrito de Setúbal.
Sindicato dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação do Distrito de Coimbra.
Sindicato dos Trabalhadores e Operários da Indústria de Panificação do Distrito de Castelo Branco.
Sindicato dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação do Distrito de Leiria.
Sindicato dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação do Distrito de Braga.
Sindicato dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação do Distrito do Funchal.
Sindicato dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação do Distrito de Viseu.
Sindicato dos Trabalhadores e Operários da Indústria de Panificação do Distrito de Santarém.

Lisboa, 23 de Setembro de 1976

Nacional

SECRETÁRIO DA INDÚSTRIA PESADA

"Sines é um desafio!"

«Sines é um desafio que criámos e que só podemos concretizar de facto, se pudermos ganhar persistentemente todos os pequenos desafios em que ele se desdobra», declarou na delegação de Lisboa da Área de Sines o secretário de Estado da Coordenação Económica e Indústria Pesada, dr. Oliveira e Cruz, durante a cerimónia da assinatura de um contrato entre o G. A. S. (Gabinete da Área de Sines) e os Estaleiros Navais da Figueira da Foz (Foznave), para a construção de quatro rebocadores de alto mar, com uma força de tracção de até 35 toneladas ao «ponto fixo» (capacidade de arrasto de um objecto imóvel deste peso, puxando-o por um ponto).

Oliveira e Cruz apontaria ainda a necessidade de andar depressa na prossecução de um intenso desenvolvimento da indústria portuguesa, «pois de contrário», frisou, «corre-se o risco de os velhos de Sines ultrapassarem em número os do Restelo, já que cada atraso é mais um argumento para os novos velhos do Restelo».

O contrato de construção agora assinado atinge 96 mil contos.

FROTA PESQUEIRA

Por despacho conjunto dos Ministérios das Finanças e da Agricultura e Pescas, o Fundo de Renovação e de Apetrechamento da Indústria da Pesca (F. R. A. I. P.) foi autorizada a contrair na Caixa Geral de Depósitos um empréstimo no montante de 476 687 contos, a aplicar no âmbito do programa de investimento para 1977 para o sector das pescas.

Senhorio destrói plantações para expulsar rendeiro

PORTO, 27 — Joaquim Maria Machado é um operário electricista que, para completar o sustento dos seus, amanha uma leira na Barrosa freguesia de Vilar de Mouros. Fá-lo depois de um dia de trabalho esgotante.

Maximino da Cunha Pinto, é, por seu turno um rico proprietário dono do aviário da quinta dos Braçais e de muitas terras de Vilar de Mouros, grande parte das quais estão a monte há anos. Agressivo e provocador segundo o comunicado do MARN de que nos socorremos para a feitura desta notícia, consta que «anda armado de pistola» e é um dos importantes do CDS na freguesia.

Acontece que o sr. Joaquim Machado escreveu em Novembro do ano passado ao senhorio para que este fizesse um contrato por escrito do arrendamento da leira da Barrosa, como o exige a lei do arrendamento rural. Isso foi o rastilho para uma série de provocações por parte do senhorio e de um seu filho que, por três vezes, destruiram as plantações de couves e de batatas do rendeiro causando prejuízos elevados. O sr. Machado ainda pôs um processo no tribunal de Caminha. Contudo e segundo o comunicado do MARN, aquele «não foi julgado porque não há juiz na comarca...».

Não desanimou o Joaquim Machado e decidiu ir lavrar a terra mais uma vez no passado dia 14. Quando o fazia viu-se atacado pelo Maximino que avançou para ele de varapau na mão. Recuou, recuou sempre e já sem possibilidade de escapar ao agressor, não teve outra alternativa: pegou numa enxada e deu com ela no Maximino que teve de ir para o hospital. Contudo, na tarde desse mesmo dia, o filho do cacique tentou atropelar com o seu carro o sr. Machado e a sr.ª Maria Laranjeira, outra rendeira da mesma freguesia, chegando ainda a ferir o primeiro nas pernas.

Estes são os factos que nos relatam. Quem lhes põe cobro?

Batalha do Buçaco

COIMBRA, 27 — Com uma salva de 21 tiros disparados por peças de artilharia de 1810 iniciaram-se ontem no Luso, as comemorações do 166.º aniversário da batalha do Bucaço, cuja efeméride terá este ano a participação de forças do Batalhão de Comandos da Amadora.

O programa de ontem constou de uma marcha luminosa, em que tomaram parte um grupo de marionetas da Mealhada e o Grupo Folclórico Flores do Mondego, de Vila Pouca de Ceira.

CONVÍVIO-FESTA

Com o Grupo Área e Archie Cheeep

Pavilhão dos Desportos — ***Entradas no local***

HOJE às 21.30 h. — ***U.J.C. — U.E.C.***

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA

CONCURSO PÚBLICO N.º 67

2.ª FASE DA AMPLIAÇÃO DO BLOCO/GALERIAS - 7.º PISO

Até ao dia 18 de Outubro de 1976, está aberto o concurso para a obra em título.

O caderno de encargos pode ser consultado nos Serviços Centrais, à Rua do Cabido, 5-3.º — COIMBRA.

As propostas serão recebidas até às 15 horas do dia indicado e abertas uma hora depois.

Coimbra, 23 de Setembro de 1976

OS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

EXTERNATO SEBASTIÃO DA GAMA

COOPERATIVA DE ENSINO

● CICLO E LICEAL ●

Cursos intensivos para trabalhadores-estudantes

MANHÃ E NOITE

Av. Alm. Reis, 106-1.º E. Telefs. 822776 - 823531

Em SILVES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ D. SANCHO I

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58129, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Cadima, concelho de Cantanhede, de uma linha aérea a 15 kV, com 145 metros, do apoio n.º 37 da linha Porto - Sobreiro - Tocha, ao Posto de Transformação de Tocha-Carreiros, da Electro-Mecânica de Cantanhede, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 13 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/57135, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Ribeira de Fráguas, concelho de Albergaria-a-Velha, de uma linha aérea a 15 kV, com 233 metros, do apoio n.º 12 da linha Albergaria-Sever do Vouga, ao Posto de Transformação de Ribeira de Fráguas-Capela, da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Setembro de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

PUB.

Assembleia Geral da Cooperativa Operária de Produção de Móveis «Alegria»

CONVOCATÓRIA

1 — São convocados os seus sócios, nos termos do artigo 30.º dos Estatutos, para reunirem na sua sede social, Rua da Alegria, 94, cave, em Lisboa, no próximo dia 11 de Outubro, pelas 15 horas.

2 — O objectivo da reunião é a eleição da Mesa da Assembleia Geral, da Direcção e do Director Geral.

3 — Quando, à hora designada no presente aviso convocatório, não estiver reunida a maioria do número de sócios com direito a voto, a Assembleia funcionará sessenta minutos depois, seja qual for o número de presentes, nos termos do Art.º 35.º dos Estatutos.

OS SÓCIOS

Desporto

QUEM "APANHA" AQUELES "LEÕES"?

JULIO RODRIGUES

. Aí vão oito pontos. Aí vão duas vitórias fora e outras tantas em Lisboa. Aí vão 10 golos marcados: aí vai Keita, já com quatro (menos um que o «leader» Horário). Aí vai o Sporting, mais fortalecido no comando, beneficiando (ontem) do empate do Porto no Montijo, do «nulo» do Braga em Portimão, da derrota dos «azuis» do Restelo. «Leoninos» que transpuseram sem grandes dificuldades as procelosas «ondas» do «Mar» de Matosinhos, apesar de «Meirim-Adamastor» ameaçar com «Tormentas».

No Bessa e em Belém (e sobretudo aqui, onde «novos marinheiros» pareciam querer «levantar-se» contra borrascas e fatalismos) centraram-se as duas principais sensações da jornada número 4: Boavista e Belenenses foram derrotados (respectivamente) pelo Varzim e Setúbal, incumbindo a Horácio, Marco Aurélio e Jarbas, no campo dos axadrezados, e a Mirobaldo, alí para os lados do edifício do EMGFA, desnivelarem o aparente equilíbrio. Duas vitórias que não estavam nos prognósticos da generalidade do amante do couro, mas que, no fundo, obedeceram ao que de imprevisível tem o próprio futebol e os seus desfechos.

Bracarenses em Portimão e alcantarenses em Aveiro ficaram entre Cila e Carlbde. Isto é: pelas «meias-tintas», pela quase total sensação de alegria, ao retirarem do campo dos seus adversários com um ponto cada no bornal. Os homens do Atlético, além da repartição pontual, tiveram uma outra satisfação: marcaram pela primeira vez neste «Nacional», ao cabo de mais de duas centenas e meia de minutos. O mesmo aconteceu (aliás) ao Leixões, que, através de Zezé (em resposta aos tentos de Da Costa e de Keita) rejubilou com o frenesim que um golo pode (e deve) representar.

Perfeitamente natural a primeira vitória do Benfica, que, até na sua escassez se amoldou ao momento que a equipa atravessa. Chalana resolveu a questão e está mesmo a «requerer» a Pedroto e a toda a equipa técnica da nossa Federação do chuto que reveja as razões por que não foi convocado para os aprontos da selecção. O ex-barreirense teve ainda o mérito de camuflar todas as insuficiências conjunturais da equipa, e que só não transpareceram em toda a sua plenitude por que Gregório, Manuel António e Rachão não foram bafejados por Sua Ex.ª a Fortuna.

No escalão imediatamente após, o Salgueiros e o Gil-Vicente, ao derrotarem (respectivamente) o Paços de Ferreira e o Riopele, isolaram-se no comando da Zona Norte. O Vilanovense, ainda na mesma «área», ganhou pela primeira vez o Lourosa, na sua deslocação de cinco quilómetros a Espinho, arrecadou um precioso empate. Entre o Norte, o Sul, no Centro, o Feirense, ao vencer em Albergaria (Alba) consolidou a sua posição de chefia, agora perseguido pelo Peniche. Triunfos normais, na mesma zona, do Torriense e do Marinhense, sobre o Torres Novas e o Académico de Viseu, respectivamente, enquanto o União de Coimbra, «cilindrando» o Estrela (5-0), alcançou o resultado mais expressivo da jornada. O Portalegrense desenvencilhou-se do Caldas, ainda no Centro, e o União de Tomar, no seu campo, obteve a primeirá vitória na prova (1-0 sobre o União de Leiria).

O «fogo» da jornada «ateou-se», todavia, no Funchal, onde se defrontaram duas das mais apetrechadas equipas da Zona Sul, O Vasco da Gama de Sines, mais afortunado, logrou «pulverizar» o Marítimo, inflingindo-lhe a primeira derrota e isolando-se, com sete pontos (mais um que os madeirenses) no comando da classificação. O mesmo resultado, e nas mesmas condições (em Almada) foi alcançado pelo Juventude de Évora enquanto a Cuf, em Sintra, o Montemor, no Barreiro, e o Oriental em Olhão obrigavam os locais à igualdade pontual. Mas um desfecho, para além dos últimos referidos, emergiu: o 3 sem resposta que o Odivelas «aplicou» ao Farense, que nem sequer pode argumentar com a pequenez do campo dos locais.

EM CAIXA

VIDA DE MILIONÁRIO

O defesa Artur, segundo «capitão» dos «encarnados», queixa-se:

. — **Tenho uma filha com 2 anos e quero acautelar-lhe o futuro: daí que, para além do futebol, esteja também a trabalhar numa companhia de seguros. O pior é que minha mulher, que estava empregada numa determinada entidade, tem passado as passas do Algarve: toda a gente lhe diz que eu estou milionário e que ela não precisa de trabalhar, que está a tirar o emprego a outra. Afinal ganho apenas 34 contos por mês.**

JORNAL DESPORTIVO

Assegurado: uma figura do dirigismo desportivo está na base da criação de novo jornal desportivo, formato tablóide, a ser editado diariamente. Um grupo de jornalistas especialistas na matéria e comentadores que iriam fazer a sua estreia pública já foram (mais ou menos) assegurados para o empreendimento.

TRANSFERÊNCIA À VISTA?

Pelos vistos, está longe de completar-se a (brilhante) carreira do melhor hóquista português: Livramento, já passada a barreira dos 30 anos, é desejado pelo Sporting. Diz-se (mesmo) que o negócio da transferência estaria quase concluído, com a interferência de um vice-presidente «verde» verdadeiramente apaixonado pelas actividades desportivas amadoras.

Simões: «Não penso voltar ao futebol»

NOVIDADE

. .O inglês Hagan lá conseguiu convencer Fraguito (Samuel apenas, para os colegas de «team») a jogar com as meias erguidas. A novidade foi saudada entusiasticamente pelo jornal do Sporting.

PROTESTO

. Dirigentes belenenses ficaram muito aborrecidos com o camarada «Mundo Desportivo», porque na reportagem da chegada dos jogadores do Barcelona a Lisboa, para o jogo da 1.ª «mão» da eliminatória da «Taça UEFA», o repórter Nuno Mota escrevera que Cruyff não viera na comitiva. *Por isso a casa foi fraca* — protestaram certos responsáveis «azuis», insurgindo-se com o facto do jornalista ter cumprido a sua missão...

DINHEIROS

. Mais um futebolista brasileiro no Sporting: o avançado Clésio (que nada tem de semelhança com o homónimo a jogar no Estoril) assinou contrato por três épocas, durante as quais receberá 15 contos mensais. A propósito de dinheiros e dos mundos e fundos que, por aí, se diz ganharem os «astros» da bola: Keita aufere 46 contos mensais, Manuel Fernandes recebe 30 e o brasileiro Manoel coisa como 20 mil escudos. Mais que estes três juntos, pagavam a Dinis no Porto: segundo o rapaz contou a responsáveis sportinguistas, o ordenado que os portuenses lhe davam girava à volta dos 100 contos.

DEPUTADO SIMÕES

. — *Não, não devo voltar a jogar futebol em Portugal. Todavia, ainda ontem me apareceu um convite: e, veja bem, de clube da 3.ª divisão nacional, que me pagava (pode dizer-se que) principescamente. Eu faria dois jogos por mês, apenas aqueles que competisse ao clube realizar no seu campo: ganhava 15 contos por cada um, bastando ir lá treinar uma vez por semana...*

Negócios (cabeleireiros), Assembleia Legislativa (deputado pelo CDS) eis a actividade presente de António Simões: homem com diploma de técnico do futebol e representante de emigrados no Parlamento. O antigo «craque» da Luz, que é acusado por Alves (na «Marca») de ter sido *o dono do Benfica*.

BEATRIZ NA TV

. Esta, é de fora-Desporto, mas novidade que pode «a longo ou médio prazo» vir bater-lhe à porta: Beatriz Costa, uma das mais populares e prestigiadas artistas do Teatro e Cinema cá da terra (e não só: o Brasil adora-a) vai tomar as rédeas de um programa semanal na RTP em que, num cenário próximo ao do «Pátio das Cantigas», receberá convidados e falará de histórias dos bastidores. Segundo um dos assistentes da rubrica (Óscar Acúrcio) Beatriz tem ideias aos punhados: alguns desportistas serão por ela (também) focados, no decorrer das suas «charlas».

NACIONAIS DE CHUTO

Jornada de 17 golos

A 4.ª jornada do Campeonato de Portugal de futebol da 1.ª divisão forneceu os seguintes resultados:

Benfica-Académico, 1-0; Boavista-Varzim, 2-3; Belenenses-Setúbal, 0-1; Guimarães-Estoril, 2-1; Portimonense-Braga, 0-0; Leixões-Sporting, 1-2; Beira-Mar-Atlético, 1-1 e Montijo-F. C. Porto, 1-1.

As equipas portugueses interessadas em competições europeias e que na quarta-feira defrontam os seus adversários são: Barcelona-Belenenses (para a «Taça UEFA»), Benfica-Dynamo de Dresden (para a «Taça dos Clubes Campeões Europeus», Boavista-Galati, (para a «Taça das Taças») e Schalke 04-F. C. Porto (Taça EUEFA).

A pontuação para o campeonato após a 4.ª ronda do Campeonato de Portugal é a seguinte: 1-Sporting, 8 pontos; 2-F. C. Porto, 6; 3-Sporting de Braga, 5; 4-Varzim, 5; 5-Estoril, 4; 6-Boavista, 4; 7-Académico, 4; 8-Beira-Mar, 4; 9-Vitória de Setúbal, 4; 10-Benfica, 4; 11-Vitória de Guimarães, 4; 12-Montijo, 3; 13-Portimonense, 3; 14-Leixões, 2; 15-Belenenses, 2; 16-Atlético, 2 pontos.

. Próxima jornada: Boavista-Belenenses, V. Setúbal-Benfica, Académico-V. Guimarães, Estoril-Portimonense, Atlético-Montijo e Varzim-F. C. Porto. Pode ainda adiantar-se, entretanto, que foi autorizado pela FPF que os encontros Sporting-Beira Mar e Braga-Leixões sejam antecipados para sábado próximo, ambos com início às 16 horas.

ÁRBITROS

Amanhã, pelas 19 e 30, acto de posse da Comissão Central de Árbitros. Nova directiva: Rafael Rodrigues, dr. Vítor Ferreira, Manuel Lousada; Raul Martins, Pedro Moreira, Francisco Caio, Aristides Mendes, Francisco Gésaro e Mário Santos.

BENFICA

O benfiquista Nelinho continua impossibilitado de treinar: na sexta-feira, recebeu 3.ª infiltração no lesionado pé esquerdo.

GUIMARÃES

Recusados os compatriotas Luciano e Índio, coube melhor sote ao brasileiro Dinho: assinou contrato com o Vitória de Guimarães, por três temporadas. Dinho (Raimundo Figueiredo dos Santos), ex-pupilo de Severiano Correia na Portuguesa do Rio, conta 25 anos e credita-se como atirador ao golo.

JUNIORES

Nelson Moutinho foi chamado a substituir Chalana, na lista de convocados para os trabalhos da selecção de juniores, em face do «pequeno genial» não estar interessado em jogar de graça...

MORTE

Raul Alves Tremura (irmão de «Chino») nome grande do desporto madeirense, faleceu ontem, no Funchal.

SEIXAL

Alterações na orgânica do Seixal: quatro «Dias do Clube» em cada época e aumwnto de quotas para assistência aos jogos de futebol que a turma efectue em sua casa.

SELECÇÃO

Peres Bandeira substitui José Moniz, na Comissão Técnica da Federação. O antigo técnico belenense passa para o lugar do jovem orientador do Montijo, que foi despedido na passada sexta-feira do lugar na Praça da Alegria.

PORTUGAL

AFIRMAÇÃO

Em comunicado agora tornado público, os Núcleos Desportivos dos Concelhos de Tomar, Vila Nova da Barquinha, Vila Nova de Ourém, Entroncamento e Ferreira de Zêzere deliberaram apoiar a política desportiva que tem vindo a ser desenvolvida pela Direcção-Geral dos Desportos **e apelar para que o trabalho efectuado não venha a ser descurado, mas (sim) cada vez mais apoiado e ampliado, dado que é grande o número de crianças beneficiadas nas movimentações levadas a efeito. Estamos ainda cientes de que qualquer inoperância ou alheamento às carências que os Núcleos têm, no respeitante a subsídios e apoio material e técnico, por parte da Direcção-Geral dos Desportos, deitará por terra um trabalho já iniciado e de reconhecida validade.**

ANDEBOL

Em jogo particular, os campeões franceses de andebol (Stella) perderam com o Belenenses (18-17).

ATLETISMO

Nuno Lobo (Santa Clara) conseguiu novo «record» nacional de iniciados, ao lançar o dardo a 52,66 metros.

BASQUETEBOL

O Sporting bateu o Benfica (79-74) e ganhou o Troneio de Basquetebol de Alcochete.

CICLISMO

O ciclista Manuel Pereira (Benfica) venceu o Lisboa-Alpiarça.

HÓQUEI PATINADO

Amanhã, pelas 21 e 30, os árbitros da Comissão Central de Hóquei em Patins reunem-se na Casa do F.C. Porto (Av. da Liberdade, 222, 3.º, em Lisboa) para elegerem uma comissão de revisão dos regulamentos e tomarem conhecimento da criação da Comissão Distrital de Lisboa.

Ernesto Honório aceitou uma proposta para ir treinar equipas chilenas de hóquei patinado.

INAUGURAÇÃO

Mais um pavilhão gimnodesportivo: a Sociedade Democrática União Barreirense («Os Franceses») inaugura no próximo dia 2 de Outubro, pelas 15 e 30, um recinto que é prémio para o seu persistente trabalho de longos anos.

PROFISSIONALISMO

O hoquista «internacional» Fernando Gomes da Costa (do Infante de Sagres) partiu de novo para Itália, para disputar mais três jogos pelo clube «Forte Dei Martuni», que participa na «Taça de Itália», competição que desperta grande interesse entre o público transalpino.

TÉNIS

Rescaldo da intervenção dos portugueses na «Taça Davis»: eliminação concludente (1-4) face ao Mónaco.

TÉNIS DE MESA

O Casa Pia melhor a substancialmente, o seu conjunto de praticantes de ténis de mesa que passa a ser orientado por três técnicos da modalidade (Aurélio Garcia, António Nunes e António Martins) e a integrar alguns elementos vindos de outras colectividades.

Seniores: Carlos Guilherme, Carlos Costa, António Ventura, Artur Raimundo, Gilberto Silva, José Reis e José Xavier (ex-Sporting). **Juniores:** Luís Barata, Jorge Simões e Casimiro Jorge (todos ex-Rio Janeiro), Rui Alberto e Paulo Jorge (ambos ex-Lusitano). **Infantis:** Mário Hilário, Mário Meneses, Frederico Raimundo (ex-Paço Arcos) e Nuno Sousa (ex-Rio Janeiro). **Senhoras:** Isabel Padinhas, Ligia Neves, Olga Meneses e Paula Lemos: **Meninas:** Ana Almeida, Irene Pinheiro, Maria Madalena, Anabew, Fernandes (ex-Laranjeiro), Fátima Rosa, Emília Raimundo (ex-Paço de Arcos) e Eugénia Veríssimo. **Veteranos:** Leonel Tavares, José Almeida, Orlando Carrilho, Álvaro Leal, Fernando Costa, António Martins (ex-Ferroviário) e Carlos Silva (ex-Amoreiras).

TOTOBOLA

boletim com 13

Boavista - Varzim	2
Belenenses - Setúbal	2
Benfica - Académico	1
Guimarães-Estoril	1
Portimonense - Braga	X
Leixões - Sporting	2
Beira-Mar - Atlético	X
Montijo - Porto	X
Salgueiros - P. Ferreira	1
Gil Vicente - Riopele	1
U. Coimbra - E. Portaleg.	1
Odivelas - Farense	1
Almada-Juventude	2

Desporto

BENFICA QUEBRA O ENGUIÇO (1-0 AO ACADÉMICO)

CHALANA: O PEQUENO GENIAL TIROU DA CARTOLA UM COELHO

NEVES DE SOUSA

Mortimore foi feliz na estreia na Luz: ao quinto jogo oficial da temporada (primeiro que o técnico inglês dirigia, perante o tribunal patronal) lá conseguiu uma vitoriazinha. Chalana, o pequeno genial, evitou que o Benfica abrisse falência, com aquele chuto tremendo despedido com o pé esquerdo, na recolha do passe mortífero de Nené. Foi (sem dúvida) um «tiro de todo o respeito: Marrafa, que conseguiu impedir durante 54 minutos a violação do véu da noiva, ficou de braços em baixo. Nem Iachine, nem Iribar, nem o saudoso do Damas ou o calmeirão do Meyer conseguiriam segurar aquele «petardo», com que o pequeno genial tirou da cartola o coelho mágico.

Antes, fora (para o Benfica) sofrimento pegado. Académico, muito certinho, trocas de bolas entediantes, passe e repasse dormentes, aquele jeito que Juca foi pesquisar ao arquivo da memória coimbrã. Pietra (perdido nas funções de «back») e Vítor Martins (saído de longa lesão e ainda sem desenvolver a segunda velocidade) eram campo fácil para manobra, valendo ao Benfica a muita atenção de Barros e todo o arcaboiço de Toni para que a vinha, de porta aberta por bandas de Bastos Lopes, não fosse sacada do fruto, às escancaras. Porque, na frente, os «encarnados» prosseguiam com a alça erguida para Lua: Baptista (arrogante, exuberante, dono deste Mundo e do outro) cabeceava para o ar ou estatelava-se inglòriamente pela relva fresca, Moinhos complicava o simples e natural, Nené corria sem proveito ou afoiteza. Somente o pequeno genial acorria a todas as fronteiras, defesa-ataque e vice-versa, para colmatar as brechas e pincelar de alegria e juventude o relvado borrifado pela «molha-tolos».

No quartel académico, Marrafa contestava todas as provocações e Rui Rodrigues exibia um tal tecnicismo nos desarmes, uma tão soberana qualidade de colocação que, só por eles, parecia impossível o dique fender. Mas havia mais: Brasfemes, Alhinho e Belo, colocados numa linha de imediato suporte ao colega «libero», aliviavam com destreza e calma, ainda que muitas vezes tivessem de pegar o perigo pelo cachaço, tantos foram os lances que Chalana deu jogáveis para os parceiros do canhão da proa.

Porém, os estudantes não eram apenas essa cortina rija e certinha: havia um meio campo com quatro/cinco homens (Gervásio, Gregório, Mário Campos, Rachão e Costa) e apenas o filho de juiz, de quando em vez, deixava por trás o quadrunvirato para se unir a Joaquim Rocha na ideia de progressão. Todavia, sempre que o fazia, Costa rendilhava de tantas dificuldades a trincheira à guarda de Artur que era frequente o loiro defesa, reduzido no seu potencial por uma nítida má forma aparente, sair belicosamente para o terreno descoberto, a jogar a crista na caça ao atrevido. E as turras, o diz tu, faço eu, começaram a ser segundo «show» no grande espectáculo.

PUGILISMO

A rede de Bento estava às malvas: pupilos de Juca vinham ao empate a zero, só a espreitadela ocasional dava vistas para mais alto. E seria precisamente num destes raros instantes de interpidez que aconteceria o «percalço»: Costa ensarilha Artur, entram no despique corpo-a-corpo, testa contra testa, «sururu» no topo do relvado, os pugilistas por terra, sem que o gongue salvasse o público daquela tristeza. António Garrido, implacável, abriu os cordões à bolsa: amarelo para o conimbricense, vermelho para o benfiquista. Uma atitude corajosa (expulsão de um caseiro na Luz), mas que não tinha outra alternante: o mau período disciplinar do Benfica arrastava Artur, como antes o tinha feito a outros colegas de trabalho na mesma oficina.

Reduzido a 10 homens, o Benfica pensou nos 88 minutos que faltavam cumprir. Mas o tento não aparecia, mau grado Baptista pular e dar o peito, barafustar e descascar lenha. E, ao intervalo, os microfones repetiam, sorrateiramente:

— «Um par de calças a quem fizer o primeiro golo...»

Muita gente ficou a pensar que até podiam oferecer um prémio: o Académico não viera à Luz para desferir até à rede e, com ataque passivo e semi-sorumbático, o Benfica só atira certinho lá para as Kalendas. Afinal, havia alguém que não estava dentro das regras deste jogo: Chalana, o pequeno genial, lá cogitava na sua de se tornar, por largos e bons, patrão e solução de casa arrumada.

Contudo, o maior susto da noite teria de arrepiar ainda os benfiquistas, naquele pontapé de raiva com que Gregório (48 minutos) visou o poste esquerdo de Bento: um centímetro mais para a «gauche» e seria fogo. Só que o bom do Chalana voltou a pegar nas rédeas: ripostou a roçar a madeira e, na investida número seguinte, atendeu Nené e provocou o alívio entre as suas hostes. O erro do barreirense não estar amarrado por um académico de quilate para ser charneira, roubou a Juca o pontinho dos seus sonhos: e, simultaneamente, restituiu o sono a Mortimore, que encontrou no pequeno genial o «abre-latas» para o êxito que vivia em conserva.

Depois, o Académico pensou em outras coisas: e vá de lançar mão de Rogério (a substituir Belo) e de Manuel António, que rendeu Costa (cansado e tocado pela ictericia do «amarelo») e logo partiu para o «front». Todavia, um golpe de Chalana para Batista, com pronto remate do setubalense temperamental, provocaria um generoso corte de Alhinho, inextremis a escamotar o pior.

«CATCH»

Moinhos (muito tempo acorrentado por Belo) daria a vez a Romeu, sem Julieta para o rapa-pé. E, subitamente, quando o ponteiro marcava um quarto de hora para o termo da função, eis que um doidivanas irrompe da bancada e atira-se aos artistas como gato e bofe. Batia em toda a gente que lhe aparecia pela ilharga, despachava a murro, cabeçada e pontapé um quarteirão de guerreiros: 17 militares, 14 polícias, um massagista, cinco paisanos, dois fotógrafos e quatro jogadores viram-se em bolandas segurar aquele «índio» de camisola amarela que, pelos vistos, comandava algum pelotão a caminho do Júlio de Matos. E seria de gargalhada franca o «intermezzo», se não revelasse (por exemplo) como ainda está deformada a caquética a visão desportiva deste Portugal menino, deste Portugal de barbas brancas a que nenhuma transfusão sanguínea parece capaz de dar vida mais bela.

Foi o fim: Diamantino, «part-time» benfiquista (cinco, dez minutos em cada jogo...) aqueceu na lateral durante quatro voltas do ponteiro, mas Mortimore (jogando pelo seguro) optou subitamente por Eurico. Pensou-se: sempre é mais um defesa e o precioso golo do pequeno genial tem de se poupado para dar títulos pelo Natal, se é que Mortimore também receberá parte do 13.º mês em papeizinhos diferentes de notas. Veio um esboço de vaia da bancada: e o inglês decidiu: nem Diamantino, nem Eurico. Tudo como dantes: fosse o que Deus quizesse.

Marrafa (com a mão esquerda) ainda surripiou um esforço de Chalana, mas também Rui Rodrigues obrigaria Bento a soberba defesa para «canto», o 7.º consentido por aquela área. Quando o competente e sabedor António Garrido deu por finda a missão dos companheiros (Vítor Serra e Angelino Santos) toda a gente respirou, mais ou menos conformada: o pequeno genial escrevera a história do primeiro sucesso da carreira oficial de Mortimore e, quanto a Juca, pode dizer-se que bem andou o seu pelotão face à esquadra de bandeira diferente. Isto, enquanto muita complacência arbitral permitiu escaramuças fora da legislação: única mácula que quis poisar na fazenda de Garrido, um dos nossos maiores do apito por estas terras de mentalidade desportiva anquilosada e aviltada. Decididamente, amigo Garrido estava ao serviço da Cruz Vermelha e de olhos caridosos: poupou cartões para Nené e Batista, Barros e Alhinho. Foi (sem dúvida) um bom pai para filhos pródigos e irreverentes.

Chalana conduz a bola: quatro não chegaram para o vergar

Artur acaba de «despachar» Costa: a expulsão seria imediata

Finalmente, o «camisola amarela» lá desandou do ringue

BOAVISTA, 2 - VARZIM, 3

Argumento para a derrota: a falta de quatro titulares

ABEL FERREIRA

A derrota do Boavista deixa de constituir motivo para interrogações se se referir que alinhou sem quatro titulares: Trindade, Albertino, Mané e Salvador. O comentário tem que começar exactamente por aqui: nestas circunstâncias, dificilmente qualquer outra equipa sustentaria, sem efeitos negativos, aquela ingrata situação, desde que não possuisse (como é o caso do Boavista) um número rasoável de suplentes de qualidade. Viu-se. Viu-se em cada lance em que participavam substitutos, eles não possuirem capacidade técnica e (ainda) entrosamento e sentido posicional de molde a fazer esquecer os lesionados. Antes pelo contrário: eram, a cada minuto, lembrados. Apenas Celso (marcador de dois golos (o 2.º por **acidente**: até estava «fora de jogo» quando recebeu o passe de Praia; e o 1.º, esse, sim, construído) terá cumprido na sua função específica de «goleador».

O infortunado «team» de Mário Wilson foi a partir dos 16 m., parcialmente amputado de outro valor: referimo-nos a Nogueira, naquela altura «sarrafado» por Montóia, que não mais seria o homem capaz para bem se desempenhar de uma função a requerer toda a gama de recursos físicos, como é a de estratega que também remata e defende. Foi um centro-campista que deixou de existir: por ter sido «tocado»...

Talvez por isto mesmo o Boavista só tivesse «durado» o primeiro quarto de hora, por sinal numa situação favorável (pois marcara ao 5.º minuto). E ainda, o que também é de considerar, a substituição do «morno» Manafá pelo vibrátil Jarbas (isto aos 20 m). Nesta altura já o Varzim havia tomado a iniciativa do jogo, mostrando-se mais ameaçador e sitência à fadiga, o balanço do jogo era nitidamente favorável ao Varzim. Ainda por cima, provocando a instabilidade em Botelho e seus pares. De tal maneira que o tento do empate (aos 41 m) já surgira tardio. Mais do que merecido, o potentíssimo remate vitorioso de Marco Aurélio, ao canto superior direito de Botelho que, olhos na bola, nem esboçou defesa...

Para o segundo tempo Wilson fez entrar Praia (ex-varzinista) no lugar de Jorge. Não surtiu a alteração: a equipa do Bessa estava psicologicamente afectada e, agora não era só a ausência efectiva dos lesionados, era (também) a semi-incapacidade de Nogueira, o reconhecimento de erros próprios e a consciência da supremacia do adversário. Com uma equipa traumatizada e outra de forte moral, com superior índice técnico e melhor remate, que perdeu a vida numa operação às amigdalas, em circunstâncias ainda misteriosas), dominava com facilidade as frágeis ofensivas contrárias. No meio campo, Eliseu, Montóia e João (este com excelente exibição) dominavam uma ampla zona de terreno e no ataque (com Horácio e sem ele) o Varzim construiu numerosos lances de golo. Os poveiros fizeram 3-1 e quase não tiveram tempo de festejar o golo porque logo o Boavista em lance fortuito (e até com o autor em «deslocado») conseguiria o 2-3, que de maneira nenhuma afectou a equipa poveira a respirar saúde e moral por todos os poros a indiscutível vencedora.

apenas com dois minutos jogados no reinício em situação de vencedora (por obra de um passe em profundidade de Jarbas que teve seguimento vitorioso na «ratice» de Horácio), mais se desconjuntou o último reduto dos «axadrezados». Os varzinistas entravam na zona de perigo dos contrários como faca em quijo amanteigado. Isto principalmente a partir da altura em que as equipas sofreram uma baixa por expulsão: «placagem» de Horácio a Jorge Gomes e, acto contínuo a agressão deste com um «directo» à testa do varzinista que esboçou o desforço já na queda. Sem contemporização (que seria descabida) foi-lhes indicado o caminho do balneário. Aliás neste aspecto o jogo teve muitos pontos negativos.

Washington (irmão de Geral-

Nas circunstâncias apontadas não houve surpresa: sim uma insuficiência de compensação nos golos, na razão directa da clara supremacia dos varzinistas.

— **O Varzim venceu com todo o merecimento** — diria, no final, Mário Wilson. — **Na circunstância o Varzim justificou a vitória** — síntese de António Teixeira.

Nomes e numeros e (ainda os (lamentáveis) cartões:

BOAVISTA

Estádio do Bessa. Árbitro: Lopes Martins, de Lisboa (trabalho imensamente prejudicado por quezilias censuráveis entre jogadores).

Boavista: Botelho; Alverto, Mário João, Artur e Amaral; Francisco Mário, Barbosa e Jorge (Praia); Celso, Jorge Gomes e Nogueira.

Varzim: Fonseca; Cacheira, Washington, Albino e Leopoldo; Manafá (Jarbas), Eliseu e Montóia; Marco Aurélio, Horácio e João.

Ao intervalo: 1-1. Golos: Celso (5 e 66 m), Marco Aurélio (41 m), Horácio (47 m) e Jarbas (65 m). Cartões: amarelos para Montóia, Eliseu, Horácio, Barbosa e Jorge; encarnados para Horácio e Jorge Gomes.

Desporto

BELENENSES, 0 - SETUBAL, 1

Vitória de experiência feita

NEVES DE SOUSA

. Batido insofismavelmente (0-1), o Belenenses ainda pode agradecer à periclitante arbitragem do portuense Fernando Alberto não ter retirado para o duche com castigo maior: uma nítida grande penalidade (cometida por Horta sobre J.J.) foi para o cesto dos papéis, fazer companhia a um golo mal anulado a Mirobaldo, num alegado fora-de-jogo que só o juiz (ou os ajudantes: Luís Mendes ou Manuel Peneda) descortinaram entre toda uma vasta plateia. Não fora isso e os «azuis», já tombados no degrau mais baixo da tabela classificativa, ainda andariam com «goal-average» pior, afinal o castigo justo daquilo que ocorreu num Restelo que, embasbacado, tave de tributar grande ovação aos embaixadores do Bonfim que, comandados muito bem por Fernando Vaz, vieram com a lição na ponta da língua e trunfos nos dedos: Mirobaldo, Jacinto João, Graça, Vagner, Sabú e Tomé, mais o elástico Vaz e os aplicados parceiros (Cardoso, Lino, Caíca, Diamantino, Formosinho ou Quim) dera cabo da cabeça ao treinador caseiro mais às suas fracas hostes.

Nas barbas do presidente federativo (dr. António Marques) o técnico Carlos Silva esteve nas tintas para a «disciplina» federativa e sentou-se mesmo no seu lugar: o árbitro fez que não via e, logo ali, o Belenenses recebeu a benção de Fernando Alberto. Só que isso não chegava para evitar o veneno de Mirobaldo, as fintas doidas de Jacinto João, toda a sagacidade de uma linha média que, com quilómetros nas pernas, chega e sobra em matéria de experiência e técnica para meter num chinelo o pobre daquele gigantão chamado Alfredo, espécie de pau de fio no Alasca, tão capaz de se enrolar com a bola como de ficar a ver se as nuvens ameaçam chuva. De facto, entre tal incipiência e a categoria de Gonzalez, há toda uma linguagem

Mirobaldo: com (ou sem bola) foi o maior do Restelo

impossível: daí que o paraguaio, já desapoiado pela falta de Godinho (lesionado) nada se podendo firmar em Artur Jorge (convalescente), ou no trio médio que vivia de olho na baliza (tantos eram os desaires de Quaresma e Horta) tivesse de jogar sozinho contra um batalhão. Perdeu mas caíu de pé: consolação única.

Setúbal sem Rebelo: ainda uma máquina de fulgurante contra-ataque, progressão rectilínea depois de rebusque a meio campo. Vaz, em estiradas de classe, garantia o zero: no resto, bastava a imperícia «azul» para dar confiança ao outro Vaz (Fernando) que, perante patrões, teve a sua «vingançazinha» bem urdida. O golo *verde* (obra pura de Mirobaldo, a enguia) foi óptimo de elaboracão e péssimo de corte, já que tanto Horta como Quaresma, juventude e veterania confundidas, andaram de gatas atrás do brasileiro e só espreitaram o tento quando Melo (surpreso e siderado) ficava a meio voo sem resultado eficaz. Daí para a frente (estava-se aos 21 minutos) só uma coroa de louros podia ser entregue: e essa já conhecia dono.

Ainda apareceram umas bolas a rondarem as madeiras: nada (porém) que criasse nos adeptos da Cruz uma promessa firme de emenda para a crise que bate à porta da loja, esgotado o «team» em passeatas veraneantes que nada de bom trouxeram para o futuro, apenas (e muito mal...) tapando uns buracos nas finanças. De resto, com um punhado de jogadores *tocados,* com outros e caírem do alto das pernas e ainda alguns sem força para brincarem com um bebé, não há mezinha salvadora: é esperar uma aragem de sorte, a vinda dos que moram no *estaleiro,* ter fé em Deus e pé na tábua.

Mais nada. Sambinha e Cardoso, com futebol às carradas, andam a léguas da forma. Esmoriz desperdiça o *tiro,* Isidro e Pincho não sabem se devem ir para a frente ou ajudar aos confusos e baralhados «centrais». Mesmo o irrequieto Rocha (ou Nelito) nada fizeram de novo: a menos que tivessem sido chamados para assistir ao festival de cartões amarelos apresentados pelo juíz (Vaz, Cardoso, Horta, Quaresma, fora outros que escaparam no bolso).

Numa síntese: Belenenses a trocar o passo, Setúbal a recordar-se da história antiga. Nos alcatruzes da nora reside o imprevisto do futebol.

Cubillas: tudo mais difícil, em terreno pelado

MONTIJO, 1 - F.C. PORTO, 1

BOLOTA ESCREVEU A VERDADE

JOÃO FERREIRA

. Quando eram decorridos 33 minutos do 2.º tempo e Bolota empatou a partida, já há muito que o Montijo vinha merecendo esse golo. No lance (tarde a gente viu), Bolota estava em nítida posição de fora de jogo, o mesmo acontecendo com mais dois companheiros de equipa. Os três jogadores montijenses «moravam» especados junto à marca de grande penalidade (apenas com Torres à sua frente), quando partiu o centro dos pés de Louceiro. Só que o árbitro e o juiz de linha do lado da bancada central (que, obrigatoriamente, viram, como toda a gente, a tripla infracção) fizeram vista grossa e sancionaram o golo, dando, deste modo ao «placard» uma expressão inteiramente justa e ajustada ao labor das duas equipas. Merecendo há muito o empate, o Montijo não merecia tê-lo obtido de forma tão escandalosamente irregular.

Para ter empatado antes, bastava que o árbitro Albino Rodrigues tivesse deixado prosseguir (como lhe competia) a jogada de Bolota (aos 30 minutos desse segundo tempo) na sequência de um «livre» apontado por Celestino que, ao fazer embater a bola no corpo de um adversário, colocou em jogo o avançado centro do Montijo que, isolado, introduziu o esférico na baliza do F. C. do Porto. Aí, o árbitro assinalou «off side» por sugestão do seu auxiliar do lado da bancada.

Bastava ainda que este «liner» estivesse mais atento e não assinalasse por duas ou três vezes, hipotéticos «foras de jogo» aos avançados da casa, em jogadas que levavam nitidamente a marca de golo.

Estava-se no período de maior domínio do Montijo, sobre um F. C. do Porto que, sendo uma turma onde abundam jogadores de 1.ª qualidade, pareceu, nalguns períodos de tempo, não uma equipa de futebol, mas um conjunto de 11 homens que mal se conhecem e se encontram casualmente aos domingos.

Comecemos pelo princípio. O Montijo (que se deve ter lembrado da «cabazada» recebida 8 dias antes, na Póvoa de Varzim) perante um adversário teoricamente muito superior procurou manter invioláveis as suas balizas o mais tempo possível. Daí que tenha optado pela distribuição dos seus homens em dois sectores defensivos, cabendo ao quarteto mais adiantado (mas pouco) o papel de imitar uma linha média e uma avançada, sempre que fosse possível levar a bola para lá da linha de meio campo. Assim, Candeias («libero») ficou atrás de todos; Carlos Pereira, Celestino e Rodrigues Dias logo à frente; os restantes uns metros adiante, excepção feita a Bolota que era um autêntico «enviado especial» ao campo adversário.

Apesar dos esforços dos homens da «frente» (que nos primeiros minutos até conseguiram delinear algumas jogadas ofensivas) a verdade é que o meio campo tinha sido dado de bandeja à turma nortenha e isso fez com que, passados os primeiros minutos, os homens de «azul e branco» entrassem a seu belo prazer pelo meio campo contrário, numa pressão constante ao último reduto montijense, que fazia adivinhar a todo o momento o primeiro golo do desafio. Ele aconteceu aos 25 minutos: «livre» contra o Montijo perto da linha limite da grande área: Octávio corre para a bola, faz que chuta e não chuta; Oliveira idem aspas (este bailado abre a barreira montijense: e os seus homens põem-se autenticamente a ver da bola) e Cubillas coloca a bola à frente de Séninho que, sem opositor directo, atira para o fundo das redes de Fidalgo. Pensou-se que a equipa local se iria afundar e começariam os golos para o F. C. do Porto, com toda a naturalidade. Não aconteceu.

Dá-se então a 1.ª substituição na turma local e altera-se o xadrez da equipa: 3 homens (Louceiro, Coentro Faria e Evaristo) adiantam-se para a zona de meio campo e começam a discutir a posse daquele bocado de terra com Octávio, Séninho e Cubillas. Desaparecem as facilidades do F. C. do Porto e a partida adquire um certo tom de equilíbrio que se manteria até ao intervalo.

Ainda, relativamente ao primeiro tempo, há a assinalar três acontecimentos. Aos 41 minutos, Carlos Pereira vê o cartão amarelo (merecidamente) por ter agarrado (pelo pescoço) Oliveira. Aos 23 minutos, Rodrigues Dias tinha feito o mesmo à camisola do n.º 11 portista e conseguira safar-se da repreensão. Aos 42 minutos, Bolota, centímetros adiantado no terreno, perde a oportunidade de empatar pois não chegou ao cruzamento de Fonseca, um jovem n.º 7 que, a dada altura, aproveitando o adiantamento dos jogadores contrários, pegou na bola, disse adeus a todos e levou-a até junto à cabeceira para fazer o centro. Seria injusto, diga-se de passagem, a igualdade nessa altura. Aos 43 minutos, foi a vez de Taí ver o cartão amarelo (também muito justamente) por ter feito falta sobre Coentro Faria.

Quando os jogadores recolheram para o descanso, o público afecto aos donos da casa mostravam um certo ar de esperança. Que diabo, o pior parecia ter passado e 1-0 não era resultado difícil de anular...

No 2.º tempo, as coisas passaram-se de maneira completamente diferente. A turma local

LEIXÕES, 1 SPORTING, 2

A lei do mais forte

SÉRGIO DE MATOS

. O Estádio do Mar registou a sua segunda grande enchente desta época, recebendo o crecendiado Sporting. Viagem inquietante para os «leões», posto que a turma de Matosinhos é sempre um escolho temível, sobretudo quando joga no seu reduto. Não esqueçamos o zero-zero que ali fez o F. C. do Porto, há dias.

Correspondendo à incógnita quanto ao vaticínio do possível desfecho do jogo, o duelo esteve indeciso até cerca de metade da 2.ª parte, altura em que o Sporting (valendo-se do seu superior poder físico, exibindo um futebol massacrante, objectivo, no estilo de um verdadeiro líder) conseguiu finalmente suplantar o seu pertinaz opositor.

Assistiu-se, na realidade, a um óptimo jogo de campeonato discutido palmo a palmo do primeiro ao ultimo minuto. Todavia, apesar da vantagem conseguida (aos 70 m) pelo Sporting, o Leixões nunca abandonou a luta, mantendo-se o diálogo aceso até final. Cite-se (a propósito) uma perdida de Boia, já nos derradeiros momentos do encontro e que reporia o empate (a 2-2): Boia, que de resto obrigara Conhe (aos 77 m), a uma defesa de recursos, com certa felicidade...

Decorrida a primeira meia hora (caracterizada por um constante equilíbrio) o jogo tinha adquirido um pendor de parada e resposta e a equipa do Sporting, obrigada a aceitar taco a taco, apresentava-se algo modesta para as suas pretensões. Embora praticando um futebol mais aberto, em passes longos e constantes variações de flanco, a ofensiva lisboeta não lograva (todavia) penetrar na bem organizada defesa da equipa da casa, onde Adriano Sá e Jacinto iam pondo cobro às intenções de Keita (vagabundo» no ataque sportinguista), Libânio e Camilo, este um médio que subia muito, jogando quase permanentemente ao ataque.

Ao contrário do que seria de esperar, surgiu o Leixões jogando mais em habilidade, com Varela e Frasco a operarem transposições de jogo da defesa para o ataque onde Zézé (que fez a sua estreia) e Folha causavam sobressaltos à defesa «leonina», onde Laranjeira jogo. Logo aos 3 m Baltasar renifesta autoridade. Diremos mesmo que a primeira situação de apuro surgiu apenas aos 35 m. quando Keita (na marcação de um «livre») obrigou Barrigana a uma difícil defesa, aproveitando nesta altura o Sporting o ensejo para balancear-se mais para o ataque e forjando, então, algumas situações de perigo. No entanto, ao intervalo registava-se o empate a zero golos: feição denunciadora de uma evidente ineficácia.

Na 2.ª parte, a turma lisboeta mostrou-se na disposição de mudar o rumo da história do jogo. Logo as 3 m. Baltasar rematou fortíssimo ao poste direito de Barrigana, que nem se mexeu. Os matosinhenses insistiam em discutir os dois pontos em pé de igualdade

Keita: golos e técnica

com o seu prestigioso adversário, mas gradualmente, a maior força física e colectiva dos «leões» foi impondo a sua lei, surgindo o 1.º golo do Sporting (aos 70 m) quando Da Costa, apontando um «livre» directo, chutou forte. A bola bateu em Jacinto mudando de trajectória e entrou nas redes de forma indefensável para Barrigana.

O 2.º golo lisboeta apareceu quatro minutos depois, numa recarga de Keita a um remate à barra de Fraguito. Ficou desde logo a impressão que o Leixões estava irremediavelmente derrotado. Todavia e principalmente após a marcação do golo de Zézé, do «livre» e no mesmo jeito do 1.º tento sportinguista) os matosinhenses acabariam por disputar o resultado até ao último momento, podendo até ter empatado a partida se Boia (aos 84 m.) fosse menos infeliz ou mais sereno. Após este lance, Meirim, incompreensivelmente, substituiu Boia por Casas: ninguém percebeu, que, perto do fim, na hora de queimar os ultimos cartuchos, Meirim trocasse um atacante por um defesa...

Triunfo indiscutível de um Sporting bastante homogéneo, sólido na defesa e realista no ataque. Da Costa, Laranjeira, Fraguito, Camilo e Libânio, formaram a base da ossadura leonina, onde Keita se exibiu discretamente. No atrevido Leixões, que se afoitou a jogar aberto com o poderoso líder, destacaram-se Barrigana, Adriano, Jacinto, Varela e o estreante brasileiro Zézé, este com o mérito de ter sido o marcador do 1.º golo leixonense deste campeoanto.

Nada a apontar em desabono da arbitragem, que soube reprimir certos excessos e decidir bem nos lances capitais.

Jogo no Estádio do Mar. Árbitro: Raul Nazaré, de Setúbal.

Leixões: Barrigana, José Manuel, Adriano, Sá e Jacinto, Varela, Bailão e Frasco, Folha (Boia aos 63 m, depois Casas aos 88 m), Zézé e Fernando.

Sporting: Conhé, Inácio (Vitor Gomes aos 52 m.), Laranjeira, José Mendes e Da Costa, Camilo, Fraguito e Baltasar, Libânio, Manuel Fernandes (Márinho aos 79 m.) e Keita.

Marcadores: Da Costa (70 m.), Keita (74 m.) e Zezé (91 m.).

Geral

O EMPATE DO PORTO

Continuação da pág. 21

(que já não tinha que defender o empate, mas sim que conquistá-lo) entrou disposta a disputar o jogo de igual para igual e, se bem o pensou melhor o fez: aos 4 minutos, depois de um bom remate de Evaristo, Louceiro recarga por alto quando o mais fácil era meter a bola na baliza de Torres: aos 10 minutos é este guardião, quem defende superiormente um belo remate de cabeça, de Bolota; aos 12 minutos, livre perigoso contra o F. C. do Porto no mesmo local onde fora assinalado o «livre» que dera o golo à equipa nortenha. Celestino (que já na Académica e no Sporting era chamado a marcar castigos destes) atira com força. A bola embate na barra transversal cai verticalmente sobre os pés de Torres e segue viagem para lá da linha de cabeceira. Público e jogadores montijenses reclamam golo, o que nos parece impossível de confirmar ou desmentir a olho nú, pois só um filme (com retardador) poderá mostrar a trajectória da bola, de cima para baixo da baliza do Porto.

Foi a partir deste lance que o 1-1 se construiu, com a participação das 3 equipas em campo. O Montijo, percebendo (enfim) que o adversário não era nenhum «bicho de 7 cabeças», perde-lhe o respeito, arregaça as mangas e começa a ganhar ascendente, empurrando os homens do Norte para o seu meio campo, de onde, surpreendidos e incapazes, poucas vezes sairam com jogadas dignas desse nome. Limitaram-se a débeis contra-ataques facilmente neutralizados pelos homens do sector defensivo do Montijo.

Entretanto, o homem do apito e seus acólitos começavam a afundar-se. Aos 20 minutos, o juiz de linha do lado da bancada central assinala um dos tais «fora de jogo» inexistentes a que nos referimos e por pouco não caíram o Carmo e a Trindade.

Da bancada central (cheia como um ovo, com as «sobras» do peão), começam a chegar os ataques verbais ao bandeirinha que, após 2.º erro tão clamoroso como o anterior (aos 24 minutos) ouviu o que não quis (do mal o menos...) e, vai daí, interrompe a partida, vai queixar-se ao árbitro que lhe recomenda calma e o manda para o seu lugar. A temperatura começa a subir e o madeirense Rodrigues e seus auxiliares começam a *embirrar*, a torto e a direito, com os homens do F. C. do Porto assim como que a quererem fazer as pazes com os locais.

Veio então o empate, nas circunstâncias referidas e o leitor já deve ter percebido a razão que levou o árbitro e o «liner» do lado da bancada a sancionar o golo do Montijo, golo esse que foi ao mesmo tempo o prémio (mais que merecido) da equipa da casa e o alívio (uf!) para o homem do apito e respectivos companheiros. O jogo terminou praticamente nessa altura. O F. C. do Porto, fazendo entrar Gomes para o lugar de Rodolfo, tentou ainda a vitória enquanto, que o Montijo segurava o resultado e viria a ser, curiosamente, a equipa que esteve mais perto de fazer o 2-1.

Vimos, pela primeira vez esta época, as duas equipas. Quem não soubesse que uma delas pertence ao campeonato dos «aflitos» e a outra é uma séria candidata ao título, ficaria na dúvida de qual delas seria a melhor. O Porto desiludiu, o Montijo surpreendeu. De um lado, todos jogaram mal, salvo raríssimas excepções; do outro, não é justo assinalar ninguém. Quanto à equipa de arbitragem, na 1.ª parte (em que tudo foi fácil) lá se foi desenvencilhando como pôde, mas nos últimos 45 minutos, Deus nos livre... Dizia um espectador ao nosso lado: «Vêm estes tipos do Funchal a fazer uma despesa enorme quando deviam por lá ficar a estudar a lição até poderem fazer o primeiro exame da 3.ª para a 2.ª divisão»

. Albino Rodrigues não se esqueceu de acabar com o jogo antes do tempo findar: pudera!

. Jogo no Campo Luís de Almeida Fidalgo, no Montijo. Equipas:

. MONTIJO: Abrantes; Rodrigues Dias, Candeias, Carlos Pereira e Celestino; Louceiro, Coentro Faria, Evaristo e Fonseca; Bolota e Júlio.

F. C. DO PORTO: Torres; Murça, Teixeira, Freitas e Taí; Octávio, Séninho e Cubillas; Rodolfo, Duda e Oliveira.

Árbitro: Albino Rodrigues (Funchal). Substituições: no Montijo, Rolo entrou para o lugar de Júlio (29 min.) e Gilberto substituiu Rolo (70 min.). No F. C. do Porto, Celso (ao intervalo) e Gomes (82 min.) substituíram (respectivamente) Duda e Rodolfo. Cartões amarelos aos 41 minutos para Carlos Pereira e aos 43 minutos para Taí.

BARES - BOITES
RESTAURANTES
TÍPICOS
CABARETS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859°368197. Rosy Striptease

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264596/264621/264945

Em OLHÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA MODER A

Em ARMAÇÃO DE PÊRA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA PAULA

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons 23/4 °/o	275$	275$	
Cons 3 °/o		300$	310$
Cons 3 1/2 °/o	—	350$	—
Centenários	—	800$	—
Tes. 5 °/o		790$	
Tes. 10 °/o	500$	500$	505$
Extern. 1.ª - s.	—	450$	—
Extern. 1.ª - c.	—	450$	
Extern. 3.ª - s.	—	450$	480$
Extern. 3.ª - c.	—	500$	
Caut. 3 ' - s.	—	—	140$
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Ix 6 °/o	—	730$	—
C.M.L. 5 3/4 °/o	—	750$	700$
C.P. 5 1/2 °/o 67	—	600$	
C.P. 5 1/2 °/o 68	—	600$	—
C.P. 5 1/2 °/o 69	—	630$	—
Corr. 5 3/4 °/o	—	750$	—
Metr. 5 3/4 °/o	—	810$	—
Tur. 5 3/4 °/o	—	850$	—
C.P. 6 3/4 °/o	—	750$	—
ELÉCTRICAS			
G. 5 °/o 58	—	640$	680$
G. 5 °/o 59	—	—	—
G. 5 °/o 62	—	—	—
G. 5 °/o 63	—	—	—
G. 5 °/o 64	—	—	—
G. 5 °/o 65	—	720$	—
G. 6 °/o 67	—	710$	—
G. 6 °/o 69	—	870$	900$
G. 7 °/o	—	550$	—
H.E.A.A. 5 °/o	—	700$	—
H.E.C. 5 °/o	—	710$	—
H.E.C. 6 °/o	—	580$	—
H.E.D. 5 °/o	—	720$	—
H.E.D. 6 °/o	—	740$	—
H.E.N.P. 5 °/o	—	—	—
H.E.S.E. 5 °/o	—	680$	—
H.E.S.E. 6 °/o	—	630$	—
H.E.Z. 5 °/o 57	—	730$	—
H.E.Zêz. 6 °/o	—	600$	—
N. Elec. 5 °/o	—	650$	—
N. Elec. 6 °/o	—	560$	—
Termoel. 5 °/o	—	700$	—
U.E.P. 5 °/o 60	—	—	—
U.E.P. 5 °/o 63	—	700$	—
U.E.P. 6 °/o	—	700$	—
U.E.P. 7 °/o	—	—	—
DIVERSAS			
A.P.T. 5 °/o 56	—	690$	—
A.P.T. 5 °/o 58	—	670$	—
Lisnave 6 °/o	—	730$	—
Nitratos 60	—	610$	—
Pet. 2.ª e 3.ª	—	750$	—
Sacor 7 °/o	—	800$	—
Sacor 5 °/o 54	—	—	—
Sacor 5 °/o 60	—	750$	—
Sid. 5 °/o 2.ª	—	630$	—
Sid. 5 °/o 3.ª	—	620$	—
Sid. 5 °/o 4.ª	—	620$	—
Socel 5 °/o	—	—	—
R. Fabril 67	—	725$	—
R. Fabril 68	—	720$	—
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 °/o	—	400$	—
Rev. 5 °/o 57	—	—	—
Rev. 5 °/o 59-60	—	—	—
Moçambique 5 °/o	—	—	—
Sonefe 5 °/o	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	—	—	—
F.I.D.E.S.	—	—	—

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado. O vento era moderado de Sudoeste. Chovia e caia aguaceiros e havia trovoadas nas regiões do litoral a Norte do Porto.

TEMPERATURAS EXTREMAS

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado, podendo apresentar períodos de boas abertas durante a tarde. Períodos de chuva ou aguaceiros a Norte do sistema montanhosos Montejunto-Estrela Probalidade de trovoadas nas regiões montanhosas do Norte.

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H

PORTO	16º
COIMBRA	16ª
PORTALEGRE	12ª
LISBOA	19º
FARO	20º
FUNCHAL	22º
V. DO CASTELO	14º
BRAGANÇA	11º
SAGRES	19º
PONT. D.	16º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.11	4,3 m	11.51	0,8 m
18.36	4,2 m		
Dia 28			
6.57	4,1 m	0.14	1,0 m
19.27	3,9 m	12.39	1,0 m
Dia 29			
7.50	3,9 m	1.03	1,3 m
20.27	3,6 m	13.36	1,4 m

AMANHÃ

NASCER AS 7.30
OCASO AS 19.24

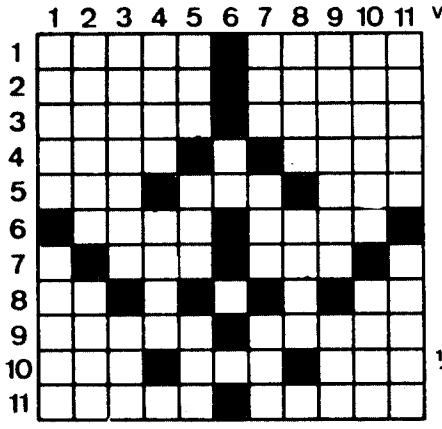
DIA 30 DIA 8 DIA 16 DIA 23

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11481

HORIZONTAIS:

1 Segurais. Nome de flores.
2 Em grande quantidade. Indignada.
3 Enganos. Proferir.
4 Patrões. Cidade de Itália.
5 Freguesia do concelho de Penafiel. Mágoa. Seguias.
6 Trabalho oculto, ardiloso. Grande feição.
7 Preposição. Catedrais.
8 Cidade da antiga Caldeia. Grama.
9 Pequenos barcos de recreio. Cobrir de pão ralado.
10 Irmã da mãe. Caso (pop.). Nome de letra.
11 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Corar (fig).



VERTICAIS:

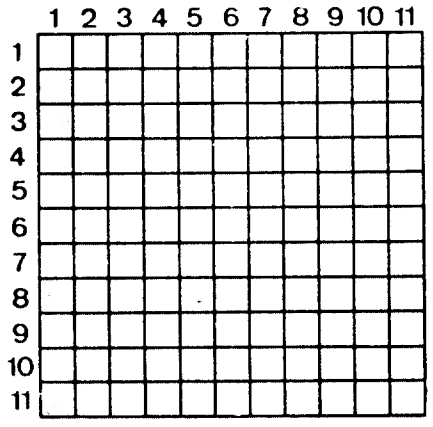
1 Dividir ao meio. Que é em grande número ou abundância.
2 Bandos. Fronteira.
3 Elegantes. Bigorna de aço sem hastes.
4 Sufixo que designa pequenez. Coxo (Bras. Fam).
5 Isolados. Médico dinamarquês que recebeu o prémio Nobel da Medicina em 1943. Sadias.
6 Compaixão.
7 Sistema montanhoso de Marrocos. Chefe etíope. Colocar.
8 Rezar. Alvo.
9 Campónios. Em as.
10 Efeminar. Tartamuda.
11 Curas. Vaguear.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7641

HORIZONTAIS:

1 Cidade da Argentina. Cidade do Japão.
2 Ilha do arquipélago do Havai onde se encontra o Porto das Pérolas. Escárnio.
3 Braço de mar. Moluscos que vivem nos rochedos e nos costados dos navios.
4 Basta. Nasce. Em a.
5 Cidade do estado do Pará. Página.
6 Cries. Surgiu.
7 Ligue. Instrumento com que se assobia.
8 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Alumínio (s. q.). O sono das crianças. Antes de Cristo.
9 Educas. Arara.
10 Grupo de ilhas no arquipélago das Molucas (Indonésia). Cidade da Roménia.
11 Cabeça (pop). Desenruga.



VERTICAIS:

1 De Portugal.
2 Fronteira. Eia! Berilo (s.q).
3 Fedor, Brasil. Óxido de cálcio.
4 Pronome pessoal. Mulher cristã de canarim. Rio da Toscana.
5 Casulo (fing).
6 Ribomba. Autores.
7 Móvel em forma de armário ou capela, que contém imagens de santos (pl).
8 Cidade da Arábia. Prendo. Alumínio (s.q.).
9 Espécie de formiga. Armadilha ou esparrela. Apelido.
10 Oferece. Recusa. Lavras.
11 Divertimento (Bras. gir. mar).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA 11480

HORIZONTAIS:

1 Am. BUSCAR.
2 Goarar. Acero.
3 Ural. Emes.
4 Arre. Onda.
5 Aam. Noiva.
6 Ati.
7 CC. Aleta. Sa.
8 Corgo. Esses.
9 Mair. E
10 Eira. Iça.
11 Maomé. Arara.

VERTICAIS

1 ÁGUA. MCC. EM.
2 Morra. Cria.
3 Raras. Raro
4 Balem. Agiam.
5 Ur. Alor.
6 FONTE.
7 Ca. Noites.
8 Acedi. Ás. Ir.
9 Remava. SECA.
10 Re. Sarar.
11 Rosa. Casara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA 7640

HORIZONTAIS:

1 Balão. Meras.
2 Avis. Meca.
3 Lis. Mim. Cal.
4 Ostra. Acaba.
5 Oaio. Soma.
6 Sanasse.
7 Ás. Nadas. Be.
8 Lima. Opar.
9 ONU. Más.
10 Barão. Arosa.
11 Alora. Moras.

VERTICAIS:

1 Baló. Baloba.
2 Aviso. Sinal.
3 Listas. Muro.
4 Ás. Riana. Ar.
5 Maona. Moa.
6 Ri. Adia.
7 Massa. Sam.
8 Em. Cosso. Ro.
9 Recame. Pior.
10 Acaba. Ba. Sa.
11 Sala. Seroas.

Provérbio: BUSCAR ÁGUA EM FONTE SECA.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO F-1

TODA A NOITE

AMOREIRAS
Pátria, C.dos Mestres, 30-A (a Rua das Amoreiras) (Telf. 680627).
AVENIDAS NOVAS
Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (à Av. Barbosa du Bocage) (Telf. 763107); **Novais**, Av. Luis Bivar, 11-13 (Telf. 44324).
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B (Telf. 725859).
BAIRRO ALTO
Oliveira, Rua D. Pedro V, 123-125 (Telf. 327830).
BAIXA
Normal, Rua da Prata, 220 (Telf. 321342-325553-A).
BENFICA
Lavinha, Rua Eng.º Paulo de Barros, 25-A (ex-Rua C Projectada à Rua Casquilha)(Telf. 708242).
CAMPO GRANDE
Neoterapia, Campo Grande, 133 (Telf. 774683).
CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Telf. 666206).
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (Carnide) (Telf. 780131).
CHELAS
Sacramento, Rua Actriz Palmira Bastos, lote 42-Loja, dt.º.
LUMIAR
S.Tomé, E.do Desvio, lote 12-C (Telf. 790704).
RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à Encosta do Restelo) (Telf. 612243).
SANTOS
Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16 (Telf. 691054).
SOCORRO
Zifer, Rua S. Tomé, 54-56 (Telf. 962835).

TURNO F-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Dilena, Rua Aliança Operária, 48-A-B (Telf. 636620).
ALMIRANTE REIS
Antolin, Lda., Av. Almirante Reis, 88-C (Telf. 821773).
ALTO S. JOÃO
Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III) (Telf. 843439).
ALVALADE
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (Telf. 724941).
ARCO DO CEGO
Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (Telf. 47088).
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429-431 (Telf. 780027).
BAIRRO DOS ACTORES
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A (Telf. 383800).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça Casas Novas, lote 66 (B.º Encarnação) (Telf. 310172).
CAIS SODRÉ
Ultramarina, Rua de S. Paulo, 99-101 (Telf. 321771).
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Lda., Rua Silva Carvalho, 232-C (Telf. 650760).
CONDE REDONDO
Contemporânea, Rua Conde Redondo, 26-30 (Telf. 45048).
ESTRELA
Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139 (Telf. 661758).
LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (Quinta das Mouras) (Telf. 794174).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B-C (Telfs. 720703-72385).
SAPADORES
Branquinho, R. Sapadores, 87 (Telf. 842725).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
ALMADA
Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 9-2.º piso (T.2768030)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (T.2073023)
COVA DA PIEDADE
Garcia Reis
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Moderna, R.Bulhão Pato, 60 (T.2310156)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Nornal do Sul, P.do Bocage (T.22216)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R.António Granjo, 2 (T.2113161)
CAXIAS
Nova, R.Bernardim Ribeiro, 1-A (T.242839)
PAÇO DE ARCOS
Alcântara Guerreiro, Parque Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T.2430691)
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058)
NOVA OEIRAS
Leal
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T.260085)
PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (T.247185)
AMOREIRA
Amoreira (T.262313/267314)
MONTE ESTORIL
Suíça, Cruzeiro (T.260087)
CASCAIS
Cascais, R.Conde de Monte Real, B. das Caixas (T.282407); **Misericórdia**, R.Regimento 19, 41 (T.280141)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R.Elias Garcia, 209 (T.930019); **Flama**, R.Elias Garcia,78-B (T.932485); **Confiança**, A. D.Nuno Álvares Pereira, 15-A (T.938149)
DAMAIA
Damaia, P.Alexandre Gusmão, 9-A (T.970523)
VANDA NOVA
Nova, R.Elias Garcia, 10 (T.972530)
QUELUZ
Quéluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T.951841)
CACÉM
Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Misericórdia, Vila (T.2930391)
COLARES
Abreja (T.299088)

PORTO

ATÉ ÀS 22 HORAS

Boavista, R.da Boavista, 601; **Cosme**, R.de Costa Cabral, 584; **S.Diniz**, R.de S.Diniz, 428; **Soeiro, R. de Santos Pousada, 71; Vitalia**, P.da Liberdade, 34; **Antunes**, R.do Bonjardim, 485; **Pereiró**, R.da Preciosa, 35

TODA A NOITE

Nacional, R.Senhora da Luz, 156, Foz; **Alberto Ferreira**, R.da Estação, 100; **Antero de Quental**, R.Antero de Quental, 520; **Herculano, R. Alexandre Herculano, 384.**

COIMBRA

Baptista, Praça da República, 9 (Telf. 23747;
Estádio, Rua do Brasil, 348 (Telf. 24410;
Miranda, Praça do Comércio, 41 (Telf. 23261).

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
20.30, 22.30 (18 anos)
«A Grande Cégada»

ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Cada Cor Seu Paladar»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Vamos Trocar de Mulher»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30, 24.00 (18 anos)
«São Elisabeth» e «Doce vida em Roma»

SATÉLITE
19.00 e 21.15 (13 anos)
Foram os Deuses Astronautas?»

PARIS
21.15 (13 anos)
«Trinitá Cow-Boy insolante»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Joe»

OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«A Transplantação»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
«O que se pode fazer com 7 Mulheres»

CALEIDOSCÓPIO
21.00 (6 anos)
«Tarzan e a Mulher Leopoldo»

CINEARTE
21.15 (18 anos)
«Seis pistolas contra César»

PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«A Batalha de Porto Arthur»

EUROPA
21.15 (6 anos)
«O que faz Mudar um Homem»

RESTELO
21.00 (18 anos)
«Emannuelle Anti-Virgem»

LINHA DE SINTRA

SÁ DA BANDEIRA
22.30
«Garganta Funda»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (13 anos)
«Escravos»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«Amores Sem Freio»

AMADORA
Lido
21.15 (14 anos)
«Svmbras Brancas»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (13 anos)
«007 — Agente indecente»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Loucura Sexual»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Bob e Carol e Ted e Alice»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Love Story (História de Amor)»

ESTORIL
Palácio
21.15 (13 anos)
«Segundos para uma Fuga»

CASCAIS
Oxford
16.00 e 21.15 (13 anos)
«Tão Amigos que Nós Éramos»

CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«A Esposa Virgem»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«A Noite do Pecado»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Delírio de Amor»

SÁ DA BANDEIRA
22.30 (18 anos)
«Garganta Funda»

ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

S. João
21.15 (6 anos)
«O Gendarne em Férias»

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«Cavalgada Fantástica»

BATALHA BEBE
21.30 (13 anos)
«Diário de uma Esquizofrénica»

COLISEU
21.30 (13 anos)
«Bobby»

ESTÚDIO
21.15 (6 anos)
«Uma Noite em Casablanca»

BATALHA
21.15 (13 anos)
«Pato com Laranja»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Os 120 Dias de Sodoma»

JÚLIO DINIS
17.45, 21.15
«História de uma Freira»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Relações Escaldantes»

AVENIDA
21.15 (13 anos)
«Trinitá Cow-Boy Insolente»

S. TEOTÓNIO
21.15 (10 anos)
«O Morto era o Outro»

GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Margarida e o Mestre»

●cinemas●

CASTIL
Tel 630144 — 15,17,19, 21.15 e 24
Intr. men. de 18 anos
Colorido
FELÍCIA
Um filme de Max Pécas
(Este filme contém cenas eventualmente chocantes)

IMPÉRIO
Tel 55134/5 — 15.15, 18.30 e 21.15
Grupo B — 10 anos
A GRANDE CORRIDA A VOLTA DO MUNDO
2.ª Semana
Tony Curtis, Jack Lemmon, Nathalie Wood
A mais divertida comédia de todos os tempos de Beake Edwards
70mm/M écran gigante

POLITEAMA
Tel 323805 — 14.15, 16.30, 19, 21.30
Interdito a men. 18 anos
7.ª semana de êxito total
ÊXTASE SEXUAL DE MACUMBA
ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ROMA
Tel 727778 — 15.30, 18.30, 21.15
Int. men. 18 anos
Um filme de Marx Pecas
LUXÚRIA
2.ª Semana
Este filme contém cenas event. chocantes

MUNDIAL
Tel 538743 — 15.15, 18.30, 21.15
Interdito men. 18 anos
SALÓ OU OS 120 DIAS DE SODOMA
Contém cenas eventualmente chocantes

CARLOS MANUEL — SINTRA
Tel 2930304 — 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
REPORTERS SEM FREIO

CALEIDOSCÓPIO
Tel 795093 — 14.00, 16.30, 19.00, 2115
Para todos
Festival Tarzan com Johnny Weissmuller
TARZAN E A MULHER LEOPARDO

EDEN
Tel 320768 — 14, 16.30, 19.00, 21.15
Uma página movimentada da história do «Far-West!
O JUSTICEIRO DE DEUS
com William Berger Donald O'brien
Não acons. a men. 18 anos

ODEON
Tel 326283 — 15.15, 18.15, 21.15
Maiores de 14 anos
7.ª semana de enchentes
O DIREITO DE NASCER
A odisseia das mães solteiras

APOLO 70
Tel 76311 — 14.00,16.30,19.00 e 21.15
Não acons. a men. 13 anos
AMOR
um filme de Karoly Makk
Hoje às 24 H. Grupo D (18 a.)
O PEQUENO GRANDE HOMEM
de Arthur Penn

CASINO ESTORIL
Tel 264521/264996 — 17 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
AS RIVAIS
Stephane Audran e Jean-Louis Trintignant

S. JORGE
Tel 554153 — 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
2.ª Semana
A MULHER, O AMOR E O ÓDIO
Philippe Noiret, Romy Schneider
3 Oscares do cinema francês!

RESTELO
Tel 610376 — 21.00
Inter. men. de 18 anos
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM

AVIS
Tel 47163 — 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. men. 13 anos
20.ª Semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ESTÚDIO
Tel 535134 — 15.15,17,18.45 e 21.15
Não acons men. 13 anos
4.ª Semana
A INTENTONA
(O 6 de Julho)
Um grande documento histórico

ESTÚDIO 444
Tel 779095 — 15.15,17,18.45 e 21.15
Int. men. 18 anos
DESENHOS PICANTES
(Este filme pode cair sob a alçada do Decreto-Lei n.º 254/76

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel 971794
Não acons. men. de 18 anos
ARIZONA COLT

UNIVERSAL
Tel 774[illegible] — 15.00, 19.00, 21.00
NÚMERO DOIS
Um filme de Jean-Luc Godard
Nota: Sessões reservadas aos sócios da A[illegible] Inscrições nas Escadinhas [illegible], 10 1.º ou no próprio Cinema Universal na Rua da Beneficência 176, Telef 774402
Sabado [illegible] NÚMERO DOIS
Sessões públicas às 17.00, 23.00 filme de Jean-Luc Godard
A MULHER CASADA

CONDES
Tel 32[illegible] — 1? 30,16.15,19 e 21.45
Grupo B [illegible] 10 anos
TORA! TORA! TORA!
a gigantesca epopeia jamais filmada
c/ Martin Balsam e Joseph Cotten

BERNA
Tel [illegible] — 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. men. 13 anos
Treine-os! Excite-os! Arme-os! ...Largue-os em território nazi!
DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
Um filme de Robert Aldrich
6.ª Semana

LONDRES
Tel 801313 — 14,16.30,18.45 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
O PORTEIRO DA NOITE
c/ Dirk Bogarde e Charlotte Rampling

ROXY
Tel 48550 — 15, 18 e 21.15
Para Todos
A alegria entra-lhe no coração
A CANÇÃO DA NORUEGA
c/ Torlav Maurstad Christina Schollin

TIVOLI
Tel 570595 — 15.15, 18.30 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
O terror aumenta em cada lanço da...
[illegible]
c/ Jacqueline Bisset Christopher Plumer

ALVALADE
Tel 897480 — 15, 18 e 21.15
Grupo B m/10 anos
O melhor filme para oferecer aos seus filhos
OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS

PATHÉ
Tel 821933
14,15,16.30,18.45,21.15,24
Interdito a men. de 18 anos
O amor para além dos corpos
HISTÓRIA D'O
Com Corine Celry, Udo Kier, Anthony Steel e Jean Gaven

NIMAS
Tel 574313/574313
14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. men. 18 anos
CHOVE EM SANTIAGO
13.ª Semana de lotações esgotadas
O Chile de Allende a Pinochet

rádio

1.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Nova canção espanhola; **17.30**: Orquestras; **18.00**: Música portuguesa; **19.00**: Falar de história; **19.20**: Música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Instrumentistas; **21.00**: Contraponto — editorial — apontamento de teatro; **24.00**: Fecho.

2.º Programa

16.00: «Requiem de Guerra», op. 66, de Britten; **17.25**: Solos de cravo; **17.45**: Obras de Beethoven; **19.05**: «Canções de um Viandante», de Mahler; **19.35**: Cassação em dó, op. 2, n.º 17, de Haydn; **20.00**: Solos de piano; **20.25**: Sinfonia n.º 3, em mi bemol maior, op. 97, «Renana», de Schumann; **21.00**: O cknto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; **22.00**: Música sinfónica; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.33**: Solos de piano por Alícia de Larrocha; **01.00**: Fecho.

3.º Programa

16.00: Variante; **16.15**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo; **16.40**: Mulher, agora e aqui, pela Comissão da Condição Feminina; **17.10**: Vamos ao médico, pelo dr José Matildes; **17.30**: Teatro em variante, por Fernando Midões; **18.00**: Contacto; **21.00**: Música, só música; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.03**: Nocturno; **23.06**: Hora luterana; **02.00**: Fecho.

3.º Programa
Local (187,5 m)

16.00: Emissão nacional; **18.00**: Entardecer — de vez em quando; **19.30**: Romance de uma cidade; **20.00**: Cartas a ninguém; **21.00**: Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

Em PORTIMAO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA INGLESA

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIARIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA PESSOA

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIARIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ NISA

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

ESCREVE "EL PAÍS"

Por normalizar relações Portugal-Espanha

. MADRID, 27 — (F. P.) — «Um ano depois do assalto á nossa Embaixada em Lisboa, as relações entre a Espanha e Portugal não atingiram ainda uma fase de completa normalização», afirma na sua edição de hoje o diário independente «El Pais».

O jornal faz notar que, embora o Governo português tenha indemnizado parcialmente os prejuízos e depredações registados nessa altura e apesar de os serviços da Embaixada e do Consulado funcionarem sem dificuldade, «já o mesmo não sucede, a um nível mais geral, com as relações bilaterais». Segundo «El País», continua a aguardar-se uma «normalização» das relações luso-espanholas, não obstante a visita efectuada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros Areilza à Guarda, em Novembro de 1975. O jornal assinala, a propósito, que «de ambos os lados da fronteira ibérica as responsabilidades desta situação se distribuam equitativamente, já que, no que se refere à Espanha, nao foi ainda definida uma política para Portugal».

«Enbora os nossos dois países também sejam chamados a entender-se — conclui «El Pais» — terão que fazer um considerável esforço de imaginação» para normalizar as suas relações.

ANGOLA-PORTUGAL

Encontro de chanceleres deve ser em Cabo Verde

LUANDA, 27 — (ANOP e D. L.) — Fontes próximas do Governo da República Popular de Angola revelaram à Anop que o anunciado encontro entre os ministros dos Negócios Estrangeiros dos dois países se realizará provavelmente em Cabo Verde, ainda antes do fim desta semana.

Este encontro, decidido durante a visita duma delegação do Partido Socialista chefiada por António Macedo a Angola, é considerado decisivo para o restabelecimento de relações normais entre os dois países, — acrescentaram as mesmas fontes.

Segundo observadores locais, que consideram favorável o ambiente actualmente existente, admite-se que o restabelecimento das relações normais seja anunciado no fim da reunião entre os dois ministros dos Negócios Estrangeiros, dr. Medeiros Ferreira e Eduardo Santos, respectivamente.

Entretanto um porta-voz do M. N. E. português confirmou que o encontro estava em preparação, mas que «não está ainda decidido nem o local nem a data».

Relembramos que o restabelecimento de relações normais entre Portugal e as ex-colónias era um dos pontos principais da política externa do Programa de Governo do P. S., através da normalização no que se refere a Angola e da nomeação dum novo embaixador em relação a Moçambique, uma vez que o dr. Albertino de Almeida foi há pouco tempo exonerado daquele cargo, depois de ter estado em Lisboa, «para consulta», durante muito tempo.

NOVAS
PROFISSÕES
CURSOS

SUPERIOR DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS — Especialmente indicado para os alunos que, tendo como habilitação o 3.º ciclo liceal ou equivalente, querem enveredar pelo sector empresarial, a nível médio ou superior.

SUPERIOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS — Integrado no esquema pedagógico preconizado pelo Centro Internacional do Ensino Universitário de Relações Públicas (CIEURP).

SECRETARIADO — Oficializado por decisão do Conselho de Ministros de 5 de Maio de 1976.

TURISMO — Habilita com a carteira profissional da Associação Mundial de Formação Profissional Turística.

GUIAS E INTÉRPRETES — Aprovado oficialmente pelo Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleiro.

INSTITUTO DE NOVAS PROFISSÕES
Av. Duque de Loulé, 47 - 1.º — Telefs. 55 53 19/55 60 11
LISBOA

REDE BOMBISTA

Surpresa pelas libertações

. Não foi sem surpresa que a população portuguesa de há algumas semanas a esta parte atenta na expectativa em relação às investigações sobre as actividades bombistas, recebeu este fim-de-semana a notícia da libertação do industrial de Santo Tirso comendador Abílio de Oliveira e do empregado bancário Décio Sottomayor, que se encontravam detidos em Caxias como presumíveis implicados na sucessão de violência que sobretudo desde o Verão do ano passado vem pondo o País num permanente sobressalto. Nalguns casos, à surpresa sucede a perplexidade. Em certos meios pergunta-se, com alguma apreensão, primeiro se as libertações vão ficar por aqui; depois, se a actividade dos investigadores vai prosseguir, quando, como no caso presente, uma decisão do juiz-instrutor veio pôr praticamente em questão meses e meses de trabalho. Abílio de Oliveira e Dércio Sottomayor foram postos em liberdade por ordem do juiz-instrutor Dário Rainho. Eles continuam à disposição da Polícia Judiciária Militar, mas nem por isso se desvanecem os motivos de apreensão que se fundam na hipótese admissível de as investigações não prosseguirem, por se revelarem inúteis, ou prosseguirem mas sem qualquer consequência.

Esperava-se para hoje a vinda ao Porto do juiz-instrutor, Dário Rainho. Sabe-se que a sua decisão resultou da acareação de Ramiro Moreira. Em certos meios à apreensão pergunta-se se doutras acareações não virão a resultar mais libertações ainda. Pergunta-se ainda, por exemplo, por que motivos o segundo comandante da P. S. P. do Porto Sampaio Cerveira, continua no desempenho das suas funções, quando a sua detenção chegou a ser oportunamente pedida; porque motivo, por exemplo, ainda, Mota Freitas, apesar de continuar detido em Caxias, ainda não foi sequer suspenso das suas funções de primeiro comandante da P. S. P. do Porto. Naturalmente, quando se admite que poderá haver lugar para mais libertações sem que entretanto venham a público resultados concretos sobre as investigações feitas, põe-se também a questão de saber se vale a pena prosseguí-las. Nos meios portuenses, não se exclui a hipótese de a brigada de investigadores especialmente formada para o efeito cruzar os braços e extinguir-se. Entretanto assinala-se — praticamente dos dias há notícias sobre isso — o carácter incessante da actividade bombista — e praticamente todos os dias há notícias de explosivos descobertos ou de engenhos que explodiram.

GDUP's DE S. TIRSO

A primeira organização a tomar posição perante a libertação de Abílio de Oliveira e Dércio Sottomayor foram os GDUP's de Santo Tirso. Num comunicado, estes Grupos Dinamizadores de Unidade Popular chamam aos libertados «inimigos do povo trabalhador», acusam-nos de pertencerem «à rede fascista que está contra a democracia em Portugal», e acusam o Supremo Tribunal, «em especial», de ser o «responsável directo, neste caso, pela liberdade dos responsáveis bombistas e pelo avanço da direita contra a democracia». Enfim, os GDUP's, num texto a que nos reportamos, apelam para que «todo o povo português exija energicamente às entidades competentes que estes dois fascistas estejam na prisão, sejam julgados e condenados pelos crimes que fizeram cometer, que se exija imediatamente justiça, democracia verdadeira e que seja cumprida a Constituição.»

UDP DENUNCIA «ATRASO DELIBERADO NAS INVESTIGAÇÕES»

Entretanto, a UDP deu uma conferência no Porto sobre as investigações e o atraso que elas estão a registar. «Atraso deliberado», segundo a organização. Segundo dois dirigentes, Mário Brocado Coelho e Mariano Cruz, as investigações estão a ser retardadas por três motivos, para três objectivos: primeiro, «manter em proveito do poder a onda anti-comunista provocada para confundir o povo»; segundo, «poder prosseguir a manipulação eleitoral»; terceiro, «defender até à ultima personalidades, principalmente do CDS e do PPD, ligadas aos bombistas.»

Os dirigentes da UDP acenturaram o carácter iminentemente politico deste problema e afirmaram ainda: «Não pretendemos tratar os assassinatos que nos atingiram de maneira piedosa e emotiva, mas sim política. As motivações do poder político-militar são políticas. Devem-se a conciliação, e, portanto, a conivência dos interesses do aparelho do Estado com o imperialismo e o fascismo». E noutro passo: «Ao contrário do que se pretende fazer crer, a resolução destas questões não depende de pressupostos técnicos, mas sim políticos. Todo o espectáculo de inoperância e de irresponsabilidade é fruto de uma política de conciliação aberta e franca dos actuais detentores do aparelho do Estado, que de há um ano para cá, debaixo de atitudes demagógicas, escondem a sua conciliação com «pides» e bombistas. Em resumo, promete-se com palavras o que se impede em actos.»

Ainda na mesma conferência, um dirigente da UDP: «Esta semana jogar-se-á tudo. Ou haverá novas prisões, se para tal existir força política. Ou, entao, nada acontecerá, o que também é elucidativo.»

A conferência de Imprensa da UDP foi dada antes de se saber da libertação de Abílio de Oliveira e Décio Sottomayor.

Voo inaugural Caracas-Lisboa

. Com cento e vinte convidados a bordo, chegou ao princípio da manhã de ontem ao Aeroporto da Portela de Sacavém o «Boeing» da TAP que fez o voo inaugural oficial da linha Caracas-Lisboa.

O grupo de convidados que permanecerá em Lisboa até à próxima quarta-feira, era acompanhado desde Caracas, pelo vice-presidente da TAP, dr. José Ferraz, pelo delegado da TAP naquele país, José Rodrigues, e pelo embaixador da Venezuela em Portugal, dr. Alfredo Baldó,

Falando à Imprensa em nome de todos os convidados da TAP, o embaixador Cunha Matos disse que a concretização desta carreira da TAP, agora inaugurada, vinha ao encontro de uma antiga aspiração da colónia portuguesa na Venezuela, esperando que a mesma vá contribuir para uma maior aproximação entre os povos dos dois países.

Rodésia

Continuação da pág. 1

verno teriam lugar dentro da Rodésia.

Mas os presidentes africanos dos países acima mencionados, reunidos em Lusaka, pediram já à Grã-Bretanha que convocasse imediatamente uma conferência para criar um governo de maioria negra e estabelecer as bases para conversações constitucionais destinadas a elaborar uma carta de independência. O comunicado não faz referência a um prazo de dois anos.

Os presidentes reafirmam também a sua determinação em apoiar a causa da libertação do Zimbabwé. O comunicado, redigido em inglês, termina com três palavras em português: «A luta continua».

Hoje o primeiro-ministro Ian Smith afirmou que novas propostas para um acordo sobre a Rodésia, apresentadas pelos presidentes da «linha de frente», eram o resultado «de os comunistas fazerem a música e o acompanhamento».

E acentuou:

«Terei de dar a essas propostas certa atenção. Ainda não as estudei em pormenor».

Círculos governamentais de Salisbúria mostram-se confusos e consternados por causa da tentativa dos africanos negros de quererem alterar o plano de acordo sobre a Rodésia proposto por Kissinger e Vorster e anunciado oportunamente por Ian.

Palavras (por exemplo) do ministro dos Negócios Estrangeiros, Van der Byl: «Cabe agora às potências ocidentais, Estados Unidos e Inglaterra em particular, sair do impasse. Seria inteiramente absurdo uma modificação da nossa atitude».

Entretanto, de todo o mundo foram surgindo reacções favoráveis e desfavoráveis ao plano anglo-americano.

Aeroporto de Lisboa em obras para responder ao movimento

. Remodelar as instalações aeroportuárias, fundamentalmente da aerogare, terminal e outras, de modo a que as pistas possam ser utilizadas para um movimento três vezes mais intenso que o actual, é um dos objectivos da direcção do Aeroporto da Portela, de acordo com declarações prestadas à ANOP pelo coronel piloto-aviador Fernando Gouveia a propósito da anunciada decisão, que o Governo vai divulgar, determinando que os aeroportos e a navegação aérea passem a uma estrutura de empresa pública.

Para que o aeroporto de Lisboa possa corresponder às novas exigências criadas por tal remodelação, ainda de harmonia com as afirmações do seu director, será necessário obviar ao tempo que nele perdem os passageiros. Apontando possíveis soluções, o coronel Fernando Gouveia adiantou a diferenciação de horários das carreiras nacionais, aceleramento do processo de «check-in», simplificação do controlo de passaportes e aumento do pessoal que torne efectiva uma maior eficiência e prontidão nas operações mencionadas.

No âmbito da reestruturação geral por que passará aquele aeroporto, Rui Vilar terá já informado o director da TAP das transformações que aí se verificarão provavelmente até ao fim do ano corrente, o que, segundo as estatísticas, não evitaria «uma saturação do aeroporto entre 1985 e 1990», salvo se se optar pela construção de um novo complexo, o que também não seria factível antes dos próximos cinco anos.

A Portela é actualmente utilizada por carreiras regulares de 22 companhias estrangeiras, e poderia ser mais elevado esse movimento se não fosse o problema da assistência. Talvez por isso, no primeiro semestre deste ano, e em relação a 1974, verificou-se um decréscimo de 19 por cento nas carreiras comerciais.

Morais e Silva na chegada de refugiados

. O general Morais e Silva, chefe do Estado-Maior da Força Aérea, assistiu no sábado à tarde no aeroporto da Portela ao desembarque de 240 timorenses de nacionalidade portuguesa, oriundos de Jacarta, tendo-lhes dirigido algumas palavras de circunstância.

Este grupo é o primeiro dos quatro que se esperam em Lisboa, nas próximas semanas, completando-se assim a fase de repatriamento dos refugiados timorenses na Indonésia, numa altura em que já se encontram em Portugal 802 indivíduos nestas condições.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 46.796 EXS.

EXTERNATOS
CEPELT
RUA TOMÁS RIBEIRO, 47 - 2.º D - Tel. 575054
R. D. ESTEFÂNIA, 48 - Telefone 42959